

NOUEVAMERICA

Nº 94

LA REVISTA DE LA PÁTRIA GRANDE

¿Un mundo diferente?



Assine agora!

Brasil: R\$40,00
Otros Países Latinoamericanos
y África: U\$15,00
Asia y Estados Unidos: U\$30,00
Europa €35,00

95 Terrorismo, violência
e direitos humanos.

96 Cultura/culturas:
choque de civilizações?



**TODA A REALIDADE LATINO-AMERICANA
EM UMA SÓ REVISTA!**



Editorial

Um mundo diferente?

O terrível episódio de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos modificou o contexto das relações ou a própria agenda internacional? Em que direção? É possível falar de que se está configurando uma nova estruturação das relações de poder, no mundo contemporâneo? De uma nova ordem político-social e econômica? De que maneira esta problemática afeta a América Latina? Ou ainda, quais os desafios a serem enfrentados pelo povo latino-americano frente a um novo cenário internacional? Qual então o papel dos organismos internacionais neste momento da conjuntura mundial? Quem são os fortes? Quais as saídas para as diferentes crises, como a da Argentina por exemplo, que assolam o mundo atual? Qual o papel do Fórum Social Mundial? E o da Educação? Essas e muitas outras questões em debate estão presentes nesta nova edição da Revista NOVAMERICA/NUEVAMERICA.

A reflexão crítica entorno da ação dos diferentes organismos internacionais – em destaque o FMI, a ONU, a OTAN, a OEA, o Banco Mundial, a Organização Mundial do Comércio – aponta, de um lado, para a atuação perversa dessas instituições que impõem uma ditadura econômico-financeira, principalmente, em relação aos países do sul. E, de outro lado, indicam a importância da existência de organizações de cunho internacional, “desde que possam democraticamente refletir a diversidade do mundo e assim jogar efetivamente um papel político e universal nas relações internacionais”, como afirma um dos nossos articulistas Nissar Messari.

Além disso, o debate avança mostrando a importância do Fórum Social Mundial como um espaço onde milhares de grupos da sociedade civil e diferentes autoridades dos governos populares manifestam suas propostas e indicam uma série de mecanismos que podem e devem ser adotados, na perspectiva da construção de uma nova sociedade local e mundial, com vista à criação de um mundo diferente.

Também a Educação ganha destaque neste debate. A necessidade de rever o seu papel e de construir uma nova proposta educativa que seja capaz de incorporar a diversidade cultural, pautada na solidariedade e na cooperação entre os indivíduos e os diferentes grupos surge como um dos caminhos possíveis para a construção de um mundo melhor. E isso será realmente possível?

¿Un mundo diferente?

El terrible episodio del 11 de septiembre de 2001 en los Estados Unidos, ¿produjo modificaciones en el contexto de las relaciones o en la propia agenda internacional? ¿Y hacia dónde se dirigen esas modificaciones? ¿Es posible afirmar que se está configurando una nueva estructuración en las relaciones de poder del mundo contemporáneo? ¿Es lícito hablar de un nuevo orden político-social y económico? ¿De qué manera esta problemática afecta a América Latina? O mejor, ¿cuáles son los desafíos que debe enfrentar el pueblo latinoamericano, dado el nuevo panorama internacional? ¿Cuál es, entonces, el papel de los organismos internacionales en este momento de la coyuntura mundial? ¿Quiénes son los fuertes? ¿Cuáles son las salidas para las diferentes crisis, como la de Argentina, por ejemplo, que asolan al mundo actual? ¿Cuál es el papel del Forum Social Mundial? ¿Y el de la Educación? Éstos y muchos otros interrogantes que se debaten, se hallan presentes en esta nueva edición de la REVISTA NUEVAMERICA/NOVAMERICA.

La reflexión crítica en torno a la acción de los diferentes organismos internacionales - destacándose el FMI, la ONU, la OTAN, la OEA, el Banco Mundial, la Organización Mundial de Comercio- apunta, por un lado, a la acción perversa de esas instituciones que imponen una dictadura económica-financiera, principalmente, en relación a los países del sur. Por el otro lado, señalan la importancia de la existencia de organizaciones de cunho internacional, «basta que puedan democráticamente reflexionar la diversidad del mundo y de esta manera jugar eficazmente un papel político y universal en las relaciones internacionales», como afirma uno de nuestros articulistas, el señor Nissar Messari. Además, el debate avanza mostrando la importancia del Forum Social Mundial como un espacio en donde millares de grupos de la sociedad civil y diferentes autoridades de los gobiernos populares manifiestan sus propuestas y señalan una serie de mecanismos que pueden y deben ser adoptados, teniendo en cuenta una perspectiva de construcción de una sociedad local y mundial, con vistas a la creación de un mundo diferente.

También la Educación se halla destacada en este debate. La necesidad de rever su papel y de construir una nueva propuesta educativa que sea capaz de incorporar la diversidad cultural y que esté pautada en la solidaridad y en la cooperación entre individuos y entre los diferentes grupos, surge como uno de los caminos posibles para la construcción de un mundo mejor. ¿Será realmente posible todo esto?

S u m á r i o

EM DESTAQUE/EN DESTAQUE

Os princípios fundadores de um novo mundo possível gravados no silêncio das pedras **3**

ENTREVISTA/ENTREVISTA

Relaciones internacionales, democracia y poder **4**
Atilio Borón

CONSTRUINDO CAMINHOS/ CONSTRUYENDO CAMINOS

Outros mundos possíveis **14**
Brenda Carranza

El FMI: gendarme del capitalismo **20**
P. Gregório Iriarte O.M.I

La crisis de la Argentina **26**
Elena Picasso

Educar para no discriminar
La dimensión educativa en la ampliación
de la ciudadanía de las mujeres **32**
Paz Alonso

EM DEBATE/EN DEBATE

Para onde vão as organizações internacionais? **38**
Nizar Messari

Una nueva arquitectura financiera mundial
para enfrentar las crisis **46**
Susan George

IDÉIAS EM REDE/IDEAS EN RED

¿Quiénes son los fuertes? **52**
Fabiola Luna Pineda

Em busca de currículos renovados
para as escolas do mundo globalizado **56**
Antonio Flavio B. Moreira

Construir as convergências na diversidade **60**
Samir Amin

MOSAICO/MOSAICO **66**

En Destaque Em Destaque

Pedras pretas, pedras brancas, amarelas ou avermelhadas, pedras grandes, pequenas, medianas, minúsculas, pedras peso pesado ou pluma, pedras que parecem pedras, mas não são, pedras resistentes, pedras frágeis, pedras que sempre estiveram aqui, pedras de acolá, pedras que criam asas para atravessar o Atlântico, ou rolaram por caminhos continentais, pedras chamativas, coloridas ou sóbrias e solenes, pedras sábias, pedras simples, pedras herméticas, pedras populares, pedras jovens, pedras ancestrais, pedras-folhas, vestidas de letras, pedras-quadro, vestidas de cores ou, simplesmente, pedras nuas. O Mosaico da Cidadania simboliza, concretamente, caminhos viáveis para a



Os princípios fundadores de um novo mundo possível gravados no silêncio das pedras

construção de um mundo possível. Diferentes e juntas, as 529 pedras silenciosas, mas de muito boa memória, guardam e exibem, desde 31 de janeiro de 2002, no Parque Marinha do Brasil, na cidade de Porto Alegre, proposições de cidadãos, movimentos sociais e instituições de diferentes povos do planeta, decididos a fortalecer os passos dados a partir do I FSM. Condições que podem vir a conferir à cidade a denominação de Capital Mundial da Paz. Inicialmente, desafio na Internet, o mosaico fez-se realidade e ganhou praça pública, resultando em livro-postal. Nele começamos a conhecer o mosaico através de suas mensagens e imagens.

Texto retirado do livro-postal Mosaico da Cidadania



ENTREVISTA

A T I L I O B O R Ó N



Atilio A. Borón es Secretario Ejecutivo del Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) y Profesor Titular de Teoría Política en la Universidad de Buenos Aires. Sus más recientes libros son Tras el Búho de Minerva. Mercado contra Democracia en América Latina (Fondo de Cultura Económica, 2000) cuya traducción al portugués salió con el título de A Coruja de Minerva. Mercado contra democracia no capitalismo contemporáneo (Vozes, 2001) e Imperio & Imperialismo, que acaba de aparecer en Buenos Aires editado por CLACSO y cuya versión en lengua portuguesa verá la luz en Brasil a comienzos de septiembre del corriente año.

Atilio A. Borón é Secretário Executivo do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais e Professor Titular de Teoria Política na Universidade de Buenos Aires. Seus livros mais recentes são: Tras el Búho de Minerva. Mercado contra Democracia en América Latina (Fondo de Cultura Económica, 2000), cuja tradução para o português teve o título A Coruja de Minerva. Mercado contra Democracia no Capitalismo Contemporâneo (Vozes, 2001) e Imperio & Imperialismo, que acaba de aparecer em Buenos Aires editado por CLACSO e cuja versão à língua portuguesa estará no Brasil no início do mês de setembro do presente ano.

NA - ¿Podemos afirmar que los acontecimientos del 11 de septiembre último, modificaron decisivamente el contexto internacional y “la agenda internacional”?

Atilio Borón - No. En un principio se temió que eso pudiera llegar a ocurrir. De hecho durante las semanas siguientes a los atentados hubo una suerte de estupefacción que se tradujo en una parálisis de las movilizaciones contrarias a la globalización neoliberal. Pero hacia finales del 2001 éstas habían recobrado su ritmo y el formidable éxito del Foro Social Mundial celebrado en Porto Alegre a fines de enero del 2002 fue una demostración muy contundente de ello. Hay que reconocer, sin embargo, que la agenda internacional sufrió alguna modificación puesto que los Estados Unidos se lanzaron decididamente por una senda belicista y militarista que dio lugar a la guerra en Afganistán y que, en los próximos meses, se traducirá en una nueva aventura militar, esta vez en Irak. Todo esto contribuye a eclipsar, parcialmente al menos, la relevancia del debate sobre el fenomenal fracaso de las

políticas del Consenso de Washington en todo el mundo. Pero las inequidades e injusticias que caracterizan al “nuevo orden internacional” fundado por Bush padre y llevado a su paroxismo por su incompetente vástago son rotundas, por más que se insista en desviar el debate en dirección a la así llamada “guerra contra el terrorismo”.

NA - ¿Usted afirma que, en el momento, estamos ante un proyecto animado por el propósito de organizar el funcionamiento estable y a largo plazo de un orden económico y político imperial. En ese sentido, ¿cuáles serían las relaciones que estructuran ese poder a nivel internacional?

Atilio Borón - Es un tema comple-

RELACIONES INTERNACIONALES, DEMOCRACIA Y PODER

RELAÇÕES INTERNACIONAIS, DEMOCRACIA E PODER



Foto: João Ripper

NA - Podemos afirmar que os acontecimentos do passado 11 de setembro, modificaram decisivamente o contexto internacional e "a agenda internacional"?

Atilio Borón - Não. No começo existiu o temor de que isso pudesse acontecer. De fato, durante as semanas seguintes aos atentados viveu-se uma espécie de estupefação que se traduziu numa paralisia das mobilizações contrárias à globalização neoliberal. Mas no final do 2001, estas tinham recuperado seu ritmo e o formidável sucesso do Foro Social Mundial celebrado em Porto Alegre no final de janeiro de 2002 foi uma demonstração muito contundente disso. No entanto, é preciso reconhecer que a agenda internacional sofreu alguma modi-

ficação, pois os Estados Unidos se decidiram -de forma avassaladora- por uma senda bélica e militarista que provocou a guerra do Afeganistão e que, nos próximos meses, poderá se traduzir numa nova aventura militar, desta vez no Iraque. Tudo isto contribui a eclipsar, pelo menos de forma parcial, a relevância do debate sobre o fenomenal fracasso das políticas do Consenso de Washington em todo o mundo. Mas as iniquidades e injustiças que caracterizam a "nova ordem internacional", fundada por Bush pai e levado ao paroxismo por seu incompetente filho, são evidentes, embora se insista em desviar o debate na direção da chamada "guerra contra o terrorismo".

NA - O Sr. afirma que no atual momento encontramos diante de um projeto incentivado pelo propósito de organizar o funcionamento estável e a longo prazo de uma ordem econômica e política imperial. Nesse sentido, quais seriam as relações que estruturam esse poder a nível internacional ?

Atilio Borón - Trata-se de um tema complexo, sem

jo, sin duda, pero las relaciones de poder giran en torno a la organización de los mercados mundiales. No se debe caer en ningún reduccionismo economicista, pero tampoco desconocer que las asimetrías que prevalecen en los mercados internacionales encuentran su anclaje en los clivajes económicos que separan los capitalismo desarrollados de los de la periferia. Esta se encuentra sufriendo acentuados procesos de exclusión de las grandes corrientes del comercio internacional, con poblaciones crecientemente marginadas y

Un puñado de grandes empresas (con sede en apenas ocho países desarrollados) movilizan cada año un volumen de ventas superior al producto bruto combinado de la totalidad de los países del planeta (excepto los nueve más desarrollados).

empobrecidas, sociedades en vías de desintegración y estados desmantelados por la aplicación de las políticas neoliberales, mientras que un puñado de grandes empresas (con sede en apenas ocho países desarrollados) movilizan cada año un volumen de ventas superior al producto bruto combinado de la totalidad de los países del planeta (excepto los nueve más desarrollados) e imponen sus condiciones draconianas sobre el conjunto de la población mundial. Es a partir de este hecho que se estructuran las relaciones internacionales.

NA - ¿Cuáles son las características "novedosas" que singularizan este momento?

Atilio Borón - En primer lugar, la existencia de una única superpotencia que, como dice Samuel Huntington, se convierte en un "sheriff mundial" con todas las peligrosas implicaciones de esta nueva realidad. En segundo término, y relacionado con lo anterior, la reducción de los espacios de autonomía nacional como consecuencia de la desaparición de la Unión Soviética y el campo socialista. Tercero, el reforzamiento de los lazos de dependencia entre la metrópolis imperial y sus "provincias exteriores", fenómeno particularmente visible en América Latina y el Caribe. Pero también habría que agregar, en cuarto lugar, el surgimiento de un "nuevo internacionalismo" que expresa el vigor del movimiento "antiglobalización neoliberal" que está llamado a producir importantes novedades en el futuro.

NA - ¿En su opinión, esta «nueva orden» internacional, ¿cómo se expresa e influye en las relaciones con América Latina? ¿Cuáles serían los principales desafíos que se le

presentan a América Latina en este nuevo escenario internacional?

Atilio Borón - El nuevo orden procura acentuar los mecanismos de dominación sobre la periferia, muy especialmente América Latina y el Caribe, porque esta zona es considerada por los estrategas norteamericanos como su "área de influencia natural". De ahí el auge experimentado por las políticas neomonroístas que predicán, con nuevos bríos, la necesidad de asegurar "América para los (norte)americanos". El ALCA no es sino la expresión más reciente de ese viejo anhelo, ya esbozado a comienzos del siglo XIX y que hoy se constituye como un desafío formidable para nuestros pueblos, dada la fragilidad y escasa legitimidad de los estados democráticos de la región.

NA - ¿En relación a la problemática actual de Argentina, ¿qué incidencia tienen los organismos internacionales?

Atilio Borón - Decisiva. Ninguna medida importante en materia económica, sea a nivel nacional como provincial (estadual) se toma hoy sin previa consulta y aprobación del FMI. El Fondo ha sido, además, el "autor intelectual" del crimen perpetrado sobre la sociedad argentina. Basta recordar que en fechas tan recientes como finales de 1998 la Asamblea Conjunta del FMI y el Banco Mundial invitó a Carlos S. Menem como orador principal en reconocimiento a sus grandes méritos por haber sido el mandatario que sabiamente condujo a la Argentina al libre mercado, la libertad económica y la prosperidad material.

NA - ¿En su opinión, ¿qué papel tienen en este momento de la coyuntura mundial los organismos internacionales?

Atilio Borón - Un papel fundamental, porque son los "perros guardia-

dúvida, mas as relações de poder giram ao redor da organização dos mercados mundiais. Não devemos cair em nenhum reducionismo economicista mas também não devemos desconhecer que as assimetrias que prevalecem nos mercados internacionais encontram sua âncora nas clivagens econômicas que separam os capitalismo desenvolvidos dos capitalismo da periferia. Esta, vem sofrendo acentuados processos de exclusão das grandes correntes do comércio internacional, com populações cada vez mais marginalizadas e empobrecidas, sociedades em vias de desintegração e estados desmantelados pela aplicação das políticas neoliberais. Enquanto isso, um pequeno grupo de grandes empresas (com sede somente em oito países desenvolvidos) mobilizam a cada ano um volume de venda superior ao produto bruto resultante da totalidade dos países do planeta, salvo dos nove mais desenvolvidos, e impõem suas condições draconianas sobre o conjunto da população mundial. É a partir deste fato, que se estruturam as relações internacionais.

NA - Qual é a "novidade" das características que singularizam este momento atual?

Atilio Borón - Em primeiro termo, a existência de uma única super-potência que, como diz Samuel Huntington, acaba se tornando um "sheriff mundial", com todas as perigosas implicações desta nova realidade. Em segundo termo - e em relação com a afirmação anterior-

Um pequeno grupo de grandes empresas (com sede somente em oito países desenvolvidos) mobilizam a cada ano um volume de venda superior ao produto bruto resultante da totalidade dos países do planeta, salvo dos nove mais desenvolvidos.

or - a redução dos espaços de autonomia nacional, como uma consequência do desaparecimento da União Soviética e do campo socialista. Em terceiro lugar, o fortalecimento dos laços de dependência entre a metrópole imperial e suas "províncias exteriores", fenômeno particularmente visível na América Latina e no Caribe. Podemos acrescentar, também, um quarto ponto: o aparecimento de um "novo internacionalismo" que expressa o vigor do movimento "anti-globalização neoliberal" e que está chamado a produzir importantes novidades no futuro.



Foto João Ripper

nes" del gran capital monopólico internacional. Su papel es el de un agente que obra por cuenta de un actor principal que permanece fuera de la escena, pero que regula constante y minuciosamente los principales movimientos de la economía mundial. No debe haber la menor duda en el sentido de que, tal como lo reconocen los principales intelectuales norteamericanos, tanto el FMI como el BM, las dos más importantes instituciones financieras internacionales, son en realidad "extensiones" del Departamento del Tesoro de los Estados Unidos y de la Casa Blanca y, por consiguiente, agentes estratégicos de la dominación imperialista.

Tanto el FMI como el BM, las dos más importantes instituciones financieras internacionales, son en realidad "extensiones" del Departamento del Tesoro de los Estados Unidos y de la Casa Blanca y, por consiguiente, agentes estratégicos de la dominación imperialista.

NA - ¿Usted afirma que la actual fase del capitalismo contemporáneo está marcada fundamentalmente por la circulación financiera y sostiene que junto al FMI, BID y la OCM se encuentran las "mega-corporaciones" que configuran la actual "clase dominante mundial".

Ante esta situación, ¿es posible revertir esta estructura de poder?, ¿es posible pensar y efectivizar alternativas viables?

Atilio Borón - Sí, es posible, pero no sin una larga lucha y sin una efectiva coordinación de los diferentes combates "nacionales" en contra del imperialismo y sus aliados locales. Lo que juega a nuestro favor es la irresoluble contradicción de las economías capitalistas, cuya prosperidad se concentra en sectores cada vez más reducidos de la población mundial (una regresividad distributiva que es evidente no sólo en la periferia sino en los centros también) y que se obtiene a costa de la destrucción del medio ambiente, el atropello a los derechos humanos más elementales (comenzando por el derecho a existir, negado en la práctica por el verdadero genocidio que año a año condena a muerte por hambre y enfermedades a 36 millones de habitantes del planeta), el agotamiento de los recursos naturales y la progresiva pauperización de la población mundial.



Foto João Ripper

NA - Na sua opinião, considerando esta "nova ordem" internacional, de que forma pode se expressar e exercer influência nas relações com a América Latina? Quais seriam os principais desafios para a América Latina neste novo cenário internacional?

Atilio Borón - A nova ordem procura acentuar os mecanismos de dominação sobre a periferia e, especialmente, sobre a América Latina e o Caribe porque esta zona é considerada pelos estrategistas norte-americanos como a sua "área de influência natural". Isto explica o auge experimentado pelas políticas neomonroistas que predicam, com renovadas forças, a necessidade de garantir a América para os (norte) - americanos. A ALCA não é mais que a expressão mais recente deste velho sonho - o qual já havia sido traçado no começo do século XIX - e que hoje se constitui num grande desafio para os nossos povos, por causa da fragilidade e da escassa legitimidade dos estados democráticos da região.

NA - Quanto à problemática atual da Argentina, de que maneira incidem os organismos internacionais?

Atilio Borón - De maneira decisiva. Nenhuma medida importante em matéria econômica, seja no nível nacional, seja no nível provincial (estadual) pode ser aplicada sem prévia consulta e aprovação do FMI. O Fundo foi o "autor intelectual" do crime perpetrado sobre a sociedade argentina. É só lembrar que em datas recentes, no final do ano 1998, a Assembléia Conjunta do FMI e do Banco Mundial convidaram Carlos S. Menem como orador principal, em reconhecimento pelo mérito de ter sido um presidente que soube conduzir sabiamente à Argentina ao livre mercado, à liberdade econômica e à prosperidade material !!!

NA - Na sua opinião, qual é o papel dos organismos internacionais neste momento de conjuntura mundial?

Atilio Borón - Acho que é um papel fundamental, porque são os "cães guardiões" do grande capital monopolístico internacional. Seu papel é o papel de um agente que

Tanto o FMI quanto o BM, as duas mais importantes instituições financeiras internacionais, são, na verdade, "extensões" do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos e da Casa Branca e, portanto, agentes estratégicos da dominação imperialista.

atua através de um outro agente principal que permanece fora de cena, mas que regula constante e minuciosamente os principais movimentos da economia mundial. Não devemos ter a menor dúvida de que - tal como são reconhecidos pelos principais intelectuais norte-americanos - tanto o FMI quanto o BM, as duas mais importantes instituições financeiras internacionais, são, na verdade, "extensões" do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos e da Casa Branca e, portanto, agentes estratégicos da dominação imperialista.

NA - O Sr. afirma que a atual fase do capitalismo contemporâneo está marcada fundamentalmente pela circulação financeira e afirma também, que junto com o FMI, o BID e a OCM estão as "mega-corporações" que são as que configuram a atual "classe dominante mundial". Diante desta situação, é possível reverter esta estrutura de poder? É possível pensar e fazer efetivas alternativas viáveis?

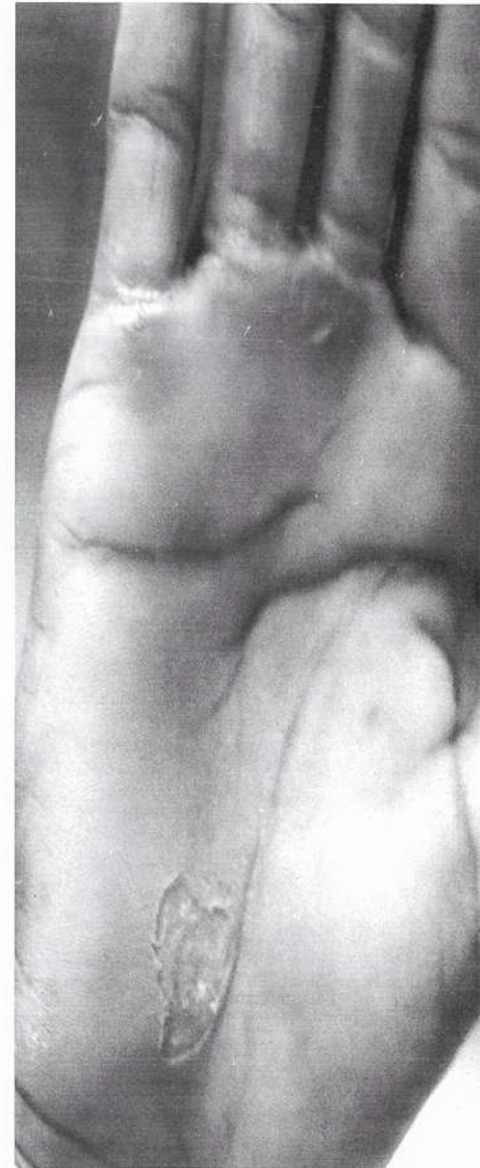
Atilio Borón - É possível, sim. Mas não sem um trabalho duro nem uma efetiva coordenação dos diferentes combates "nacionais" contra o imperialismo e os seus aliados locais. Um elemento que joga a nosso favor são as insolúveis contradições das economias capitalistas, cuja prosperidade concentra-se em setores cada vez mais reduzidos da população mundial (uma regressão distributiva que se faz evidente não só na periferia, mas também nos centros) e que se obtém em detrimento da destruição do meio ambiente, o atropelamento dos direitos humanos mais básicos - começando pelo direito de existir, negado na prática pelo verdadeiro genocídio que ano após ano condena à morte por fome e doenças a 36 milhões de habitantes do planeta, o esgotamento dos recursos naturais e o pro-

NA - Como fenómeno reciente destacamos el surgimiento del "movimiento de resistencia global" y la construcción de alternativas al modelo neoliberal vigente. En su opinión, ¿En qué medida esas formas alternativas de articulación de fuerzas afectan e interfieren en el nuevo escenario de las relaciones de poder internacional? ¿Cuáles serían las perspectivas y desafíos que enfrentan para mantenerse como actores dentro del actual escenario mundial?

Atilio Borón - Como lo hemos dicho, los avances del movimiento de resistencia global constituyen desarrollos muy importantes en la lucha contra la globalización neoliberal. En el Foro Social Mundial (FSM) de Porto Alegre se demostró en los hechos que hay alternativas y que para su éxito la cuestión de la organización y la articulación internacional de los movimientos es un asunto de fundamental importancia. En este sen-

La prosperidad se concentra en sectores cada vez más reducidos de la población mundial (una regresividad distributiva que es evidente no sólo en la periferia sino en los centros también) y que se obtiene a costa de la destrucción del medio ambiente, el atropello a los derechos humanos más elementales

tido es preciso reconocer que el FSM propició avances políticos y organizativos muy importantes en relación a las campañas contra el ALCA y la Organización Mundial del Comercio. Difícilmente podría exagerarse la importancia práctica que las grandes movilizaciones populares y la protesta de las organizaciones sociales tuvieron al detener nefastas iniciativas como el Acuerdo Multilateral de Inversiones, que de no haber sido por aquéllas habría sido aprobado a libro cerrado y casi clandestinamente por los gobiernos de los países desarrollados. De la misma manera, los crecientes obstáculos con que se enfrenta la concreción del ALCA (uno de los cuales es la suspensión indefinida de la Conferencia de Presidentes de las Américas originariamente presupuestada para el mes de abril del 2003 en Buenos Aires) no pueden ser adecuadamente descifrados sin tener en cuenta el impacto de las numerosas protestas suscitadas en su contra a lo largo y a lo ancho del continente. El FSM, asimismo, sirvió para estrechar los lazos entre las numerosas organizaciones que se oponen al patentamiento de las diversas formas de vida y la diseminación de los transgénicos; entre las que se encuentran comprometidas en la lu-



cha por la anulación de la deuda externa y la imposición de una tasa Tobin a las transacciones financieras internacionales; entre aquéllas que procuran poner fin a la demencial carrera armamentista precipitada por los Estados Unidos, cuyo presupuesto militar es en la actualidad diez veces superior al de China y Rusia combinadas y unas cuantas veces más grande que el de la totalidad de los países que constituyen la Unión Europea. Temas como éstos son, por otra parte, los que nos permiten argumentar, como lo hemos hecho en nuestro reciente li-



Foto João Ripper

Atilio Borón - Como já dissemos, os avanços do movimento de resistência global constituem desenvolvimentos muito importantes na luta contra a globalização neoliberal. No Fórum Social Mundial de Porto Alegre ficou demonstrado - com fatos - que existem alternativas e que para estas terem sucesso, a questão da organização e da articulação internacional dos movimentos é um assunto de fundamental importância. Nesse sentido é preciso reconhecer que o FSM propiciou avanços políticos e organizativos muito importantes em relação às campanhas contra a ALCA e a Organização Mundial do Comércio. Dificilmente poderia-se exagerar a importância prática que as mobilizações populares e o protesto das organizações sociais tiveram para deter nefastas iniciativas, tais como o Acordo Multilateral de Investimentos. Se não tivesse sido por aquelas, este teria sido aprovado a livro fechado e quase de forma clandestina pelos governos dos países desenvolvidos. Da mesma forma, os crescentes obstáculos pela ALCA para se concretizar (um dos quais é a suspensão indefinida da Conferência de Presidentes das Américas, que espera-se seja realizada em abril de 2003 em Buenos Aires) não podem ser decifrados adequadamente sem levar em consideração o impacto dos numerosos protestos que se suscitaram contra em todo o continente. O

A prosperidade concentra-se em setores cada vez mais reduzidos da população mundial (uma regressão distributiva que se faz evidente não só na periferia, mas também nos centros) e que se obtém em detrimento da destruição do meio ambiente, o atropelamento dos direitos humanos mais básicos.

gressivo empobrecimento da população mundial.

NA - Como fenômeno recente, destacamos a aparição do "movimento de resistência global" e a construção de alternativas em oposição ao modelo neoliberal vigente. Na sua opinião, em que medida essas formas alternativas de articulação de forças podem afetar e interferir no novo contexto das relações de poder internacional? Quais seriam as perspectivas e os desafios que devem enfrentar para se manter como agentes sociais dentro do atual panorama mundial?

FSM, por outro lado, conseguiu estreitar os laços entre as numerosas organizações que se opõem à patente das diversas formas de vida e à disseminação dos transgênicos. Entre as diversas organizações, encontram-se aquelas que estão comprometidas na luta pela anulação da dívida externa e a imposição de uma taxa Tobin às transações financeiras internacionais; também estão aquelas que procuram pôr um fim na demente carreira armamentista, organizada pelos Estados Unidos, cujo orçamento militar é, na atualidade, dez vezes superior ao da China e a Rússia juntas, e umas quantas vezes maior ao orçamento da totalidade dos países que constituem a União Européia. Temas como estes são, por outra parte, os que nos permitem argumentar, como já fizemos no nosso recente livro *Império & Imperialismo*, que visões como as de Hardt e



Foto João Ripper

***Será preciso contar con una combinación,
no demasiado frecuente pero
para nada imposible de hallar,
de imaginación y sensibilidad políticas
unidas a una férrea voluntad de lucha.
Los años venideros nos darán su veredicto.***

bro *Imperio & Imperialismo*, que visiones como las de Hardt y Negri -que aluden a un imperio fantasmagórico y sin imperialistas ni imperialismos- sólo pueden conducir a la desorientación y posterior desmovilización de los movimientos de resistencia a la mundialización neoliberal.

Podría concluirse, en resumen, que Porto Alegre II refutó en la práctica a los ideólogos neoliberales que pronosticaban que a partir del 11 de septiembre se produciría un debilitamiento del impulso contestatario anticapitalista. Sin embargo, lo anterior no significa desconocer los problemas que acechan al movimiento de resistencia global. Contrariamente a lo que ocurre con el capital, la mundialización de los pueblos y de las luchas populares enfrenta enormes obstáculos de todo tipo. Es bien sabido que el estado capitalista tiene una lógica de funcionamiento que organiza a las clases dominantes al paso que disgrega, fragmenta y desorganiza a las clases subalternas. Ante esta realidad surge una plétora de interrogantes: ¿cómo articular las estrategias y tácticas populares utilizadas en los espacios nacionales de forma que también sean

eficaces en el terreno internacional? ¿Cómo resolver el problema de la organización de este nuevo internacionalismo, preservando su identidad plural y su imprescindible democraticidad sin sacrificar su eficacia reivindicativa? ¿Cómo evitar que el FSM termine siendo un ámbito catártico, pero privado de operatividad transformadora? ¿Cómo coordinar la labor de los movimientos sociales y las organizaciones de la sociedad civil con partidos, gobiernos y otras fuerzas políticas que también están luchando para poner fin a la cruenta pesadilla de la globalización neoliberal? Sería gravísimo que el FSM generase una dogmática cultura "anti-partido" y "anti-gobierno", a resultas de la cual cualquiera de ellos pasase a ser considerado como un enemigo. ¿Son acaso la misma cosa los partidos latinoamericanos que implementaron el feroz ajuste de los años noventa que el PT de Río Grande do Sul, la patria del "presupuesto participativo"? ¿Es lo mismo la alianza forjada por la izquierda del Laborismo británico que culminó con la elección de Ken Livingstone a la alcaldía de Londres que el neoliberalismo travestido del "New Labour" de Tony Blair? En la India, ¿es lo mismo el Partido del Congreso que el Partido Comunista de Kerala, que hace medio siglo viene gobernando ese estado con un desempeño notable? Son muchos los interrogantes que plantea el nuevo internacionalismo. Sin embargo, siendo reales, los mismos no necesariamente deberían instalarnos en el pesimismo. Estamos convencidos que los desafíos contenidos en estas preguntas van a ser adecuadamente resueltos por la praxis transformadora de los movimientos sociales. Para ello será preciso contar con una combinación, no demasiado frecuente pero para nada imposible de hallar, de imaginación y sensibilidad políticas unidas a una férrea voluntad de lucha. Los años venideros nos darán su veredicto. ●

Negri -que fazem alusão a um império fantasmagórico e sem imperialistas nem imperialismos- só podem conduzir à desorientação e posterior desmobilização dos movimentos de resistência contra o neoliberalismo no mundo.

Podemos concluir, resumindo, que Porto Alegre II refutou na prática aos ideólogos neoliberais que previam, que a partir de 11 de setembro se produziria um enfraquecimento no impulso de contestação anti-capitalista. No entanto, o anterior não implica desconhecer os problemas que ameaçam o movimento de resistência global. Em contraposição com o que ocorre com o capital, o ato de mundialização dos povos e das lutas populares entra em confronto com enormes obstáculos de todo tipo. É sabido que o estado capitalista tem uma lógica de funcionamento que organiza as classes dominantes ao mesmo tempo que desune, fragmenta e desorganiza as classes subalternas. Face a esta realidade surge uma série de interrogantes: como articular as estratégias e táticas populares utilizadas nos espaços nacionais de modo que também sejam eficazes no terreno internacional? Como resolver o problema da organização deste novo internacionalismo, preservando sua identidade plural e seu imprescindível caráter democrático sem sacrificar eficácia reivindicativa? Como evitar que o FSM não termine sendo só um âmbito catártico e privado do caráter operacional transformador? Como coordenar o trabalho dos movimentos sociais e as organizações da sociedade civil com partidos, governos e outras forças políticas que também estão lutando para pôr um fim ao cruel pesadelo da globalização neoliberal? Seria gravíssimo que o FSM gerasse uma dogmática cultura "anti-partido" e "anti-governo", passando deles, a imagem de "inimigo". São por acaso a mesma coisa os partidos latino-americanos que implementa-

ram o ajuste selvagem dos anos 90 e o PT do Rio Grande do Sul, a pátria do "orçamento participativo"? É o mesmo a aliança forjada pela esquerda do Trabalho britânico que acabou com a eleição de Ken Livingstone para a prefeitura de Londres e o neoliberalismo travestido do "New Labour" de Tony Blair? Na Índia, é o mesmo o Partido do Congresso e o Partido Comunista de Kerala, que faz meio século governa esse estado com notável desempenho? São muitos interrogantes os que levanta o novo internacionalismo. No entanto, apesar de serem reais, não necessariamente devem nos levar a uma atitude pessimista. Estamos convencidos de que os desafios contidos nestas perguntas vão ser adequadamente resolvidos pela práxis transformadora dos movimentos sociais. Para isso é preciso contar com uma combinação, não muito freqüente, mas também não impossível de achar, de imaginação e sensibilidade políticas e uma férrea vontade de luta. Os anos futuros darão seu veredicto. ●

Carta Democrática Interamericana

Os ataques terroristas em Nova Iorque ocorreram durante a Assembléia Geral da Organização dos Estados Americanos de 2001, no Peru. Isso fez com que reunião da OEA enfatizasse a necessidade de se reforçar os procedimentos para defender a democracia. Assim sendo, a Carta Democrática Interamericana foi aprovada por aclamação, com apoio da sociedade civil.

A Carta é um instrumento que amplia a definição de democracia para protegê-la e evitar desvios, como os que ocorrem quando certos governantes afirmam que a democracia precisa ser sacrificada para ser defendida. Elimina, assim, a perpetração de autogolpes, a dissolução de assembleias, a recusa em reconhecer a independência do judiciário, a violação de direitos básicos, a fraude eleitoral, o estabelecimento de enclaves militares, a restrição de liberdades e a manipulação dos meios de comunicação. Um dos pontos abordados é a noção de "quebra da ordem constitucional", que possibilita contrapor-se a planos autoritários.

Mas o que garante que esses ideais

serão colocados em prática? A Carta impõe sanções diplomáticas contra governos que tomem o poder ilegítimamente ou que, tendo assumido o poder por meio de eleições livres, afetem as instituições democráticas por meio do exercício arbitrário do poder. Esse mecanismo é baseado na cláusula democrática aprovada na Cúpula das Américas na Cidade do Quebec (2001).

Com isso, a OEA passa a ter maior liberdade de ação para envolver-se em assuntos internos sempre que se julgar ter havido uma alteração ou ruptura inconstitucional da ordem democrática. Mediante voto, poderá ser estipulado, como sanção, que o Estado seja imediatamente suspenso da OEA e de todos os seus órgãos.

Dispositivos adicionais da Carta tratam de temas como missões de observação eleitoral, direitos humanos, combate à pobreza e maior vinculação entre governo e sociedade civil. O texto, na íntegra, pode ser conferido em espanhol no site: www.novamerica.org.br.

Claudio Marques

Outros mundos possíveis

Brenda Carranza
São Paulo - Brasil



construindo
construyendo

En el II Foro Social Mundial, millones de entidades de la sociedad civil y diversas autoridades de gobiernos populares se empeñaron en demostrar que es posible establecer mecanismos para crear otra sociedad. Más que un encuentro de 100 mil personas, el II FSM significó la posibilidad de vivenciar que la democracia también se construye con todas las lenguas. Las actividades desarrolladas destacaron la necesidad de discutir los fundamentalismos económico y religioso, así como la necesidad de proponer un sistema alternativo de gobernabilidad global que concretice caminos de empleo, saber, comercio equitativo, economía social y respeto a la diversidad social, local, regional e internacional.



Foto João Ripper

caminhos

caminhos

O II Fórum Social Mundial (Porto Alegre de 31/01 a 5/02 de 2002, Brasil) configurou-se como marco de construção de pensamento coletivo e de circulação de experiências de participação democrática. Milhares de entidades da sociedade civil e diversas autoridades de governos populares se empenharam em mostrar que é possível estabelecer mecanismos para criar outra sociedade. O II FSM foi mais que um encontro de 100 mil pessoas querendo olhar diferente este nosso mundo-sociedade, foi a possibilidade de vivenciar, na prática, através da palavra (debates, discussões), do

corpo (teatro, música, performance), dos gestos (passeatas, repúdios), da arte (poesia, pintura, escultura, fotografia) e da mística (orações coletivas, vigílias) que a democracia se constrói, também, com todas as linguagens. Todas as atividades realizadas sinalizaram que urge fazer emergir à luz pública todos os mundos invisíveis entre o fundamentalismo econômico e religioso do Mundo e da Jihad. Urge discutir um sistema alternativo de governabilidade global que concretize caminhos de emprego, saber, comércio equitativo, economia social, respeito à diversidade social, local, regional e internacional.

UM MUNDO SEM GUERRAS

De diversas formas foi afirmado que a militarização dos conflitos, as guerras coloniais, imperialistas, religiosas e étnicas não são a solução imediata aos problemas de miséria que o novo sistema econômico quer fazer crer. Que um mundo com guerras tem sido o mundo do domínio da busca ilimitada de lucros, da exploração desenfreada dos recursos naturais, da superexploração dos trabalhadores, do uso da tecnologia para acumular riqueza e não para conquista do bem estar da humanidade.

Afirmou-se que não é negando ao povo palestino o direito de autodeterminação e afirmando a instauração do fascismo governamental de Israel, que se negociam as consequências da intervenção norte-americana no Meio Oriente desde 1947 (José Arbex Jr). Que o Plano Colômbia é um complemento da Iniciativa Regional Andina, que tem como projetos o controle, a apropriação de recursos estratégicos, energéticos e de biodiversidade dos países andinos e amazônicos. A intervenção militar norte-americana massacra as populações nativas, instaura um clima de terror urbano e rural e impede qualquer negociação política do conflito interno colombiano. Mais ainda, configuram-se na política sistemática de ingerência dos Estados Unidos na América Latina. Observou-se que a agressão contínua aos esforços de organização popular e indígena do Movimento Zapatista de Chiapas (México) não pode ser parte da agenda anti-terror imposta pela nova Ordem Mundial.

Refletiu-se que as trágicas consequências do atentado ao WTC, em 11 de setembro de 2001, constituíram-se no marco zero para impor ao mundo uma guerra anti-terrorista. Nela é permitido bombardear, sofisticadamente, populações civis do povo afgão (não deixando pedra sobre pedra); fazer campos de concentração com militantes do regime Taleban, ignorando-se a convenção internacional de Genebra; desestabilizar as relações entre os países vizinhos do Paquistão e da Índia; e perseguir, novamente, a Sadam Hussein como alvo demoníaco deste mundo.

Não se pode ignorar que tudo isso permitiu escoar o estoque militar acumulado após a guerra do Golfo (1991) e de testar os novos investimentos armamentistas das grandes potências. Além do mais, os EUA se encaminham para obter a posse do El Dorado Negro, a cobiçada matéria-prima petrolífera, camuflando

Várias medidas são necessárias para subordinar os mercados financeiros à satisfação das necessidades humanas fundamentais.

ideologicamente seus interesses, através da defesa da democracia mundial, alicerçada na paz americana...

No entanto, um mundo sem guerras exige discutir os direitos coletivos de três quartos da população mundial ameaçada pelas indústrias bélicas que na calada da noite convocam a defesa de seus interesses econômicos, lançando-os a luz do dia com o nome de anti-terrorismo. Interesses que como fantasmas se disseminam por todo o planeta, estabelecendo a suspeita, o temor, a desconfiança como as formas seguras e eficazes de estabelecer relações sociais nos países e entre as nações.

UMA NOVA DISCIPLINA FINANCEIRA

Foi afirmado que as crises financeiras que se repetem desde os anos 90 provaram pelo absurdo que nenhum desenvolvimento duradouro pode ser atingido sem um controle estrito dos movimentos de capitais e da evasão fiscal. Várias medidas são portanto necessárias para subordinar os mercados financeiros à satisfação das necessidades humanas

fundamentais: regular os mercados, controlar os movimentos de capitais, suprimir dos paraísos fiscais, suspender o segredo bancário, para evitar evasão fiscal e desvios de fundos públicos e corrupção.

No nível internacional urge redesenhar a economia na qual se dê ênfase à produção para exportação e produção de mercados locais, criando dinâmicas que vitalizam os mercados internos, consequentemente impedindo a fragilidade de economias ancoradas nos fluxos voláteis das inversões financeiras. Precisa-se submeter ao setor privado e ao Estado a um monitoramento permanente por parte da sociedade civil, sublinhando que o crescimento e a maximização dos lucros desequilibram a equidade e o meio ambiente. Continua sendo fundamental a desconcentração e descentralização do poder institucional, criando um sistema de instituições e organizações pluralistas interagindo entre si, orientadas para acordos econômicos flexíveis.

Não se pode esquecer que a luta contra o ciclo infernal da dívida externa está longe de conseguir seus objetivos. Deve-se inverter a lógica dos atuais empréstimos através de dois mecanismos. A fiscalização da eventual riqueza que os empréstimos ajudaram a criar, para poder assim fazer os pagamentos de taxas e juros segundo essas condições de crescimento. E a organização setorial ou regional dos países devedores, para se defender dos abusos e da espoliação dos bancos e investidores privados e para negociar as condições de pagamento.

Além disso, é necessário anular a dívida pública externa da periferia; abandonar as políticas de ajuste estrutural, lideradas pelo FMI; taxar as transações financeiras; instituir um imposto excepcional sobre grandes fortunas; reescrever as regras do comércio baseado nos alícerces da democracia, sustentabilidade, diversidade e desenvolvimen-



Foto João Ripper

to, para garantir um autêntico desenvolvimento humano dos povos e fazer possível implantar uma agenda cidadã (Eric Toussain e Arnaud Zacharie, CADTM/ Maude Barlow).

UMA DITADURA DO DISCURSO

Foi afirmado que há uma ditadura de discurso único como objetivo da mídia mundial. Isso é fácil de ser observado na veiculação de notícia-

as (as mesmas imagens, os mesmos temas, as mesmas interpretações) retransmitidas por todas as empresas de comunicação local. Discurso cujas conseqüências estão sendo sentidas na nova geração de jornalistas que incorporaram um mesmo código de interpretação da realidade social, gerando, por sua vez, leitores e telespectadores com a mesma tendência. Ao mesmo tempo que esse monopólio midiático atenta contra o pluralismo democrático,

nos revela o grande paradoxo do próprio neoliberalismo. Isto é, prega um mercado de idéias e rejeita um pensamento único no campo econômico, mas estabelece a ditadura do discurso (Kucinski, *Le Monde Diplomatique*).

Diante disso, a proposta da Carta Capital (órgão alternativo de informação) é a de estabelecer uma campanha mundial, a partir de todas as iniciativas locais, de estabelecer mecanismos de contra-informação. Assim, notícia veiculada com informação errada ou tendenciosa, emitir o outro lado da versão, de tal maneira que possamos munir à sociedade civil de informações plúrais que a capacitem para manter um outro olhar possível, crítico e inteligente (Ignacio Ramonet, *Le Monde Diplomatique*, órgão mundial de informação alternativa).

ELIMINAR OU RECRIAR OS ORGANISMOS INTERNACIONAIS

Foi afirmado que organismos internacionais como ONU (Organização de Nações Unidas), OTAN (Organização de Defesa Transatlântica), Banco Mundial, OEA (Organização de Estados Americanos), FMI (Fundo Monetário Internacional) etc., ao longo das últimas décadas, converteram-se nos porta-vozes de interesses econômicos e políticos das grandes potências. Perante esse monopólio, existem duas tendências de como devolver os princípios fundadores a essas instituições. Uma propõe sua total abolição, criando novas instâncias regionais, macro-regionais e mundiais, que respondam a uma democracia real. A outra sugere o fortalecimento das já existentes, a partir de iniciativas locais e regionais, nas quais a Sociedade Civil dos diversos países possa exigir o cumprimento dos princípios de governabilidade, convivência e tolerância internacional. Independente disso, o consenso foi evidente:

há uma responsabilidade direta e indireta dos organismos internacionais nos conflitos violentos que a globalização econômica está gerando em todas as regiões do planeta.

Sem dúvida, é necessário, de um lado, fortalecer todo tipo de organização social que reforce a vivência da democracia plena em todos os países, identificando os pontos fracos da globalização e recriando as estratégias de oposição a seus atores. Por outro lado, disseminar a mentalidade de que reforçar ou criar os organismos internacionais pressupõe que eles sejam espaços privilegiados de proteção das expressões culturais locais e nacionais. Constituindo-se em instâncias de fiscalização de leis e projetos econômicos que atentam contra a diversidade e tolerância como princípios básicos da economia global (Susan George, França; Waldem Bello, Tailândia).

Junto a isso, se fez o apelo da necessidade de estar informados dos desdobramentos da mobilização contra o Banco Mundial, Washington (USA), da reunião da Coordenação contra a ALCA (Brasil), da mobilização em torno da reunião da FAO, Roma (Itália), da reunião da cúpula da OMC, Beirute (Líbano) e da reunião da ONU em Monterrey (México). Mais ainda, favorecer a articulação das diversas ONGs, sindicatos, partidos de esquerda e todas as pessoas de boa vontade para manifestar-se contra as políticas de globalização apoiadas por essas instituições.

UM SÉCULO MÍSTICO

Foi afirmado, também, que o século XXI só sobreviverá se ele for místico. Místico no sentido de colocar como motor das ações de todos os seres humanos a utopia, o sonho de que a justiça social, a solidariedade, o cuidado da Mãe-Terra e todas suas criaturas, o direito dos povos, a liberdade de ser, de pensar

e de acreditar no diferente, são profundos anseios da humanidade ainda válidos como projeto de vida pessoal e coletiva. Urge um século místico, onde seja possível formar gerações de cidadãos plenos, autodeterminados, conscientes de serem parte e construtores de muitas histórias, onde a pluralidade, a tolerância com aqueles que são diferentes seja o pão nosso de cada dia.

Um milênio no qual a ética e a

responsabilidade com os menos favorecidos, os despossuídos e os excluídos de uma sociedade de consumo sejam sujeitos, seres humanos. Formação ética que possibilite as futuras gerações estabelecer novas relações com o universo, a natureza e os seres humanos entre si, abolindo o princípio mercadológico no qual todo ser e pessoa pode ser uma mercadoria. Para fazer possível esse sonho é necessário acreditar que



Foto João Ripper

uma outra ética é possível, valorizando, no dia a dia, o outro como centro das nossas preocupações (Frei Betto/Michel Löwy).

GLOBALIZAR AS LUTAS, GLOBALIZAR AS ESPERANÇAS

Foi afirmado que você, leitor, é atingido diretamente por toda essa realidade. Que há o firme propósi-

to, por parte dos atores do atual sistema econômico, de querer romper os fios, muito bem amarrados, que permitem compreender as conexões entre imposição econômica, hegemonia cultural e política. Que realizada essa ruptura perdemos toda capacidade de compreensão que a dureza do dia a dia, por falta de oportunidades de trabalho, de equipamentos sanitários, de condições de educação, de moradia dig-

Colocar como motor das ações de todos os seres humanos a utopia, o sonho de justiça social, a solidariedade, o cuidado da Mãe-Terra e todas suas criaturas, o direito dos povos, a liberdade de ser, de pensar e de acreditar no diferente.



na, é a base perversa que sustenta a nova economia financeira do mundo, e chama-se sistema neoliberal, globalização ou mundialização.

Enfim, fios que o terror das muitas guerras que se vivem, que o espetáculo da mídia e as desculpas dos organismos internacionais vedam, impedindo de acreditar que a luta séria, competente e organizada dos cidadãos e cidadãs deste planeta podem fazer possível um outro mundo... uma outra terra... uma terra sem males. ●

*O III Fórum Mundial Social
será realizado em 2003
em Porto Alegre.
Participe e informe-se,
consultando
www.forumsocial.org.br.*

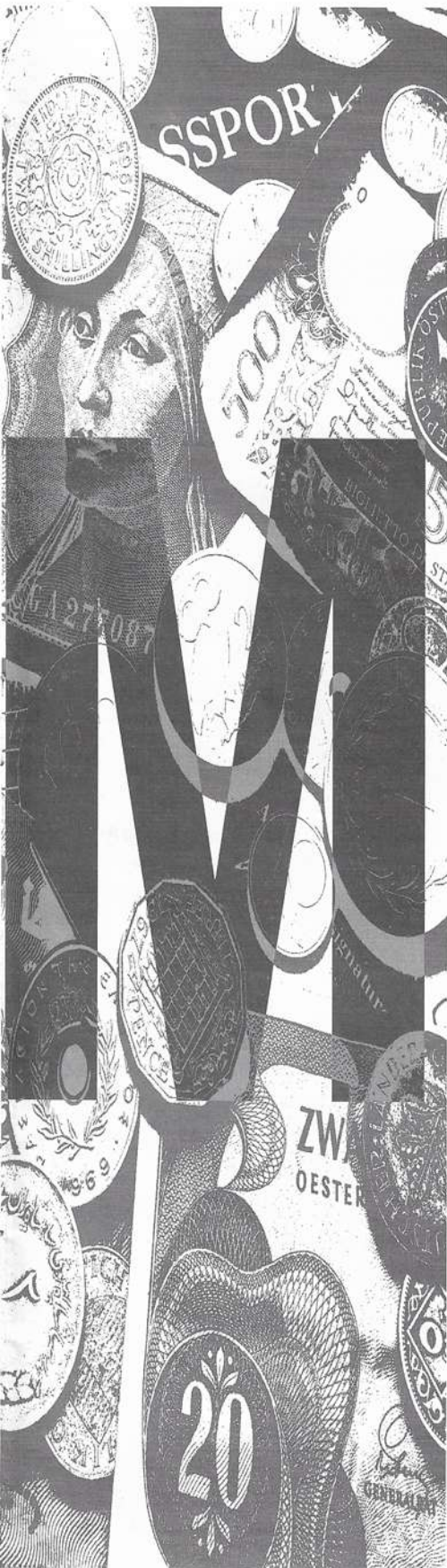


EL FMI:

P. Gregorio Iriarte O.M.I.
Bolívia

gendarme del capitalismo

A lógica do FMI é a lógica dos países industrializados pelos quais é controlado. Frente a um problema economicamente grave de um país membro, as recomendações (ou imposições) do FMI são uma série de medidas restritivas, na prática ineficazes devido a causas externas. O sistema de votação do FMI assegura que apenas os sete países mais ricos decidam tudo. Sua maior preocupação é o pagamento da dívida, à custa de um maior empobrecimento dos países pobres, que recebem uma ajuda muito pequena. É necessário que os organismos internacionais orientem as ações e políticas do FMI para a construção de uma cultura democrática.



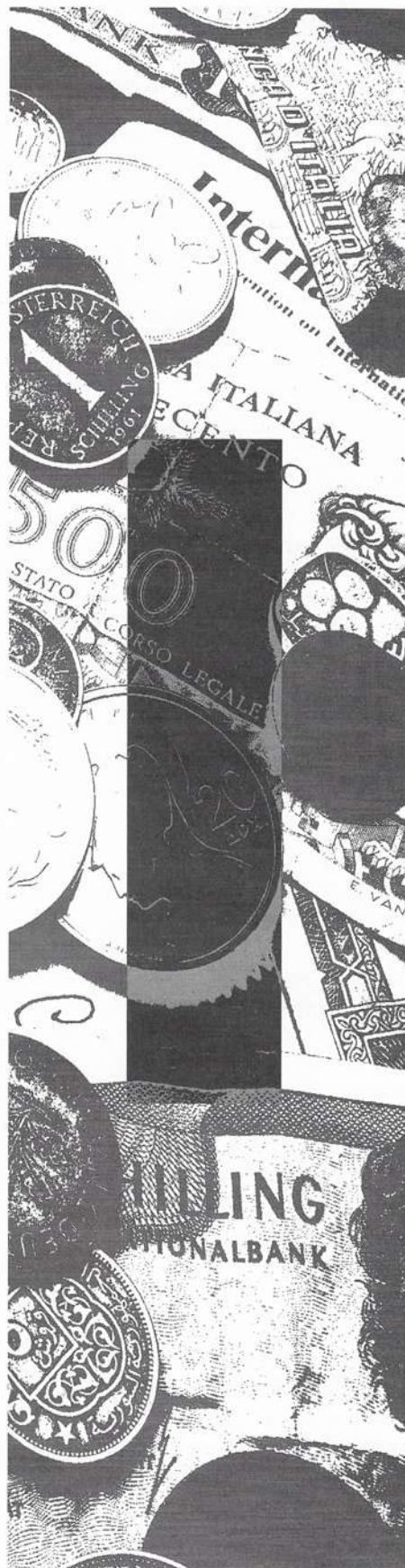
Para abordar el tema de que si los organismos internacionales son válidos actualmente para la construcción de la democracia y la cultura de la paz, tenemos que comprender la distancia existente entre la teoría y la práctica. Efectivamente se han creado organismos supranacionales con la finalidad de promover la vigencia de los derechos humanos, impulsar la solidaridad entre Estados, desarrollar la democracia, construir la paz, etc, pero en la realidad vemos que no es así o que tienen que enfrentarse con muchos obstáculos.

En este texto me detendré a analizar el organismo internacional del que cada día se habla más, el Fondo Monetario Internacional (FMI). Él está en el centro de la vida económica de nuestros países. Todas las grandes decisiones económicas recesivas que han tomado los países de América Latina están directamente relacionadas con el FMI.

A nivel popular existe una gran falta de información con respecto a este organismo.

El FMI fue creado en el año 1944, poco antes de terminarse la Segunda Guerra Mundial.

Para entender la filosofía y las normas del FMI hay que situarse en el contexto de la post-guerra. Su visión económica actual está todavía condicionada por una perspectiva restringida y por unas normas excesivamente rígidas. Los EE.UU. emergieron de la guerra, no sólo como una de las naciones vencedoras, sino como una superpotencia económica, miliar y política frente a una Europa y a un Japón semidestruidos por la contienda. EE.UU., apoyado por otros países industrializados, impuso sus puntos de vista que, evidentemente, respondían a sus propios intereses. Esas normas de conducta del FMI no han podido ser cambiadas, ni siquiera actualizadas.



LA FILOSOFÍA FONDOMONETARISTA

La lógica del FMI es la lógica de los países industrializados por los cuales es controlado. Frente a un problema económicamente grave de un país miembro, las recomendaciones (y en ciertos casos, las imposiciones) del FMI son inevitablemente las siguientes:

- Restringir el gasto público
- Limitar la expansión del dinero circulante
- Congelar los salarios, pero no los precios
- Eliminar al máximo todo tipo de subsidios
- Privatizar las empresas públicas
- Reducir el crédito, tanto en el sector privado, como en el público
- Elevar los intereses por encima de los niveles del índice inflacionario para impulsar el ahorro
- Decretar devaluaciones del signo monetario o minidevaluaciones periódicas.

Todas las medidas son de tipo restrictivo y no han dado los resultados esperados en los países del Tercer Mundo, ya que su economía está sujeta a otros factores externos negativos que son determinantes. La caída de los precios de las materias primas ha influido gravemente en contra de la economía de los países de América Latina. En cuanto un país es más dependiente, más se siente afectado por los fenómenos económicos negativos externos. Pero estos aspectos no los toca el FMI. El FMI no dice nada, por ejemplo, acerca de las altas tasas de interés que impone el sistema bancario internacional a los créditos que se han otorgado a los países pobres, ni acerca de las condiciones extremadamente duras de éstos, ni sobre los precios injustos que se pagan por las materias primas en el mercado internacional. El FMI tampoco es partidario de apli-

car medidas tan convincentes como el control de cambios y de divisas o de medidas restrictivas en el área de las importaciones.

El FMI, frente a los problemas de déficit en la balanza de pagos, echa toda la culpa a las políticas fiscales y expansionistas de los gobiernos que llevan a un crecimiento inorgánico del circulante.

Frente a este problema, el FMI no propicia más que medidas restrictivas en el ámbito monetario y fiscal: control del gasto público, congelación de salarios, restricción de los créditos... El FMI se inclina siempre más por una reducción del gasto, que por una incentivación y crecimiento de los ingresos. Trata de evitar déficits agudos a costa de provocar recesión en el ritmo de la actividad económica... El FMI no se detiene a analizar problemas tan graves como el necesario crecimiento del aparato productivo, el

saneamiento de las políticas impositivas, la limitación de las importaciones suntuarias, la mejor distribución del ingreso, la apertura de nuevas fuentes de trabajo para lograr el pleno empleo... etc. ¡Parecería que lo único que interesa es que los países del Tercer Mundo sean pagadores solventes de sus deudas internacionales y que continúen como buenos clientes del mercado exportador internacional!

Claro que estas ideas del FMI no son ajenas a ciertos gobiernos de América Latina y a gran número de empresarios y banqueros directamente vinculados con los intereses de las multinacionales y de la banca internacional.

EL FMI Y SU "MODUS OPERANDI"

Normalmente, cuando un país quiere implementar medidas de es-

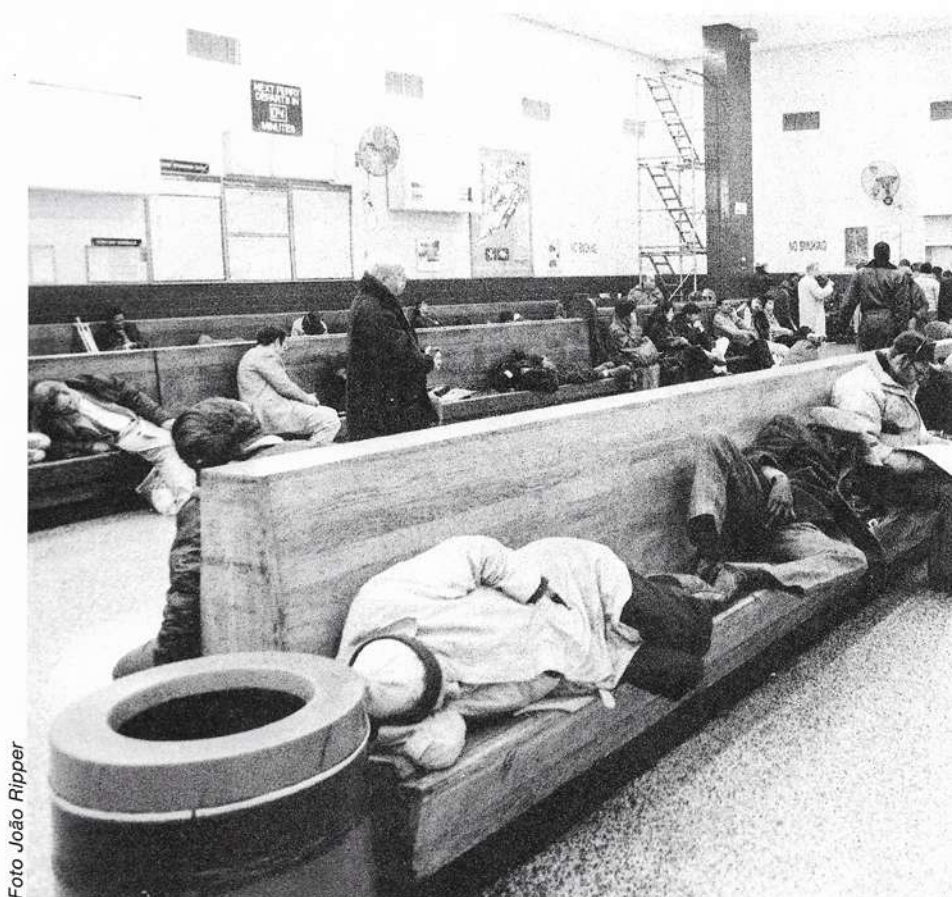


Foto João Ripper



El FMI se inclina siempre más por una reducción del gasto, que por una incentivación y crecimiento de los ingresos. Trata de evitar déficits agudos a costa de provocar recesión en el ritmo de la actividad económica.

tabilización económica, solicita al FMI el envío de una misión especial. El FMI estudia entonces una minuciosa información que es proporcionada por su Representante Residente. Ya antes de partir para el país peticionario, esa misión ha estudiado toda la documentación referente a ese país y hace una consulta previa al Directorio Ejecutivo sobre las posibles medidas a tomar. Igualmente, deben consultar al representante del Gobierno de los EE.UU. ante el FMI.

Una vez realizadas esas consultas, la misión viaja al país peticionario y comienza una ronda de conversaciones con los Ministros del área económica y con representantes del Banco Central.

Si se llega a un acuerdo, el gobierno debe firmar una "Carta de Intenciones" en la que se especifican decisiones muy concretas con respecto a los índices de la deva-

luación, al monto del circulante, a los condicionamientos de los créditos, a la política salarial...etc.

La firma de esta "Carta de Intenciones", llamada también "Acuerdos de Estabilización Monetaria", abre al país una serie de puertas que se le iban cerrando, sobre todo, con respecto a obtener nuevos créditos de la banca internacional. Por la firma de la "Carta", el FMI da como un aval para que el país pueda obtener nuevos créditos. Si no se llega a un acuerdo con el FMI es prácticamente imposible la obtención de nuevos créditos o de refinanciar los antiguos.

El FMI exige planes serios, claros y coherentes, cuya ejecución dé garantías plenas a los acreedores. Esto parece lógico y hasta recomendable. Sin embargo, las medidas económicas dictadas por el FMI exigen la eliminación del déficit fiscal, el cierre de las empresas esta-

tales no rentables, la disminución del gasto público... pero esto implica despido de obreros y de empleados, restricciones a presupuestos tan limitados como los de educación, salud, obras públicas...etc.

El FMI sólo quiere ver las causas internas de la crisis y no las causas externas. Si bien es cierto que profundas causas internas han coadyuvado a crear dramática situación de endeudamiento por la que atraviesan nuestros países, en muchos aspectos no son ellas las determinantes. Es verdad que en muchos casos esos índices de endeudamiento, tan oneroso y desproporcionado, no fueron aprovechados para crear fuentes de trabajo y que en no pocas ocasiones se convirtieron en fuente de corrupción, de negociaciones y de aumento del burocratismo. Sin embargo, hay que tener también presentes los factores externos que han contribuido a crear la altamente negativa situación actual.

CRÍTICAS AL FMI

Las críticas no sólo provienen de los países del Tercer Mundo; provienen también de muchos economistas eminentes del Primer Mundo y aún de los propios Organismos Internacionales de Desarrollo.

Los más frecuentes ataques se centran sobre su sistema interno de votación, similar al de una "sociedad anónima" con fines de lucro. El poder de voto de cada país está relacionado con el monto de su cuota. A cada país se le ha asignado una cuota que la calcula a través de fórmulas complicadas. Esta "Cuota de Suscripción" es decidida por la Junta de Gobernadores. El poder de voto de cada país guarda relación directa con el monto de la cuota. Cuanto mayor es su cuota, mayor es su poder de voto.

EE.UU. es el país que tiene, con mucha diferencia, la cuota más alta, dándole una capacidad de voto de un 20%. Le siguen Japón, Alemania



Foto Rina López

Federal, Francia, Inglaterra, etc. Los 10 países más ricos del mundo controlan totalmente toda votación que se haga en el FMI. Sus criterios se imponen sobre los otros 157 países restantes.

Otra de las críticas que se hace al FMI es la pequeñez de sus créditos para promover a los países miembros que se encuentren en problemas. No hay relación alguna entre los graves problemas que afrontan actualmente muchos países y la capacidad financiera propia del FMI.

También levanta acerbas críticas la "condicionalidad". Se entiende por "condicionalidad" toda la gama de requisitos que el Fondo exige para que puedan ser utilizados sus recursos. Sus medidas de ajuste son muy duras para los países deficitarios y débiles, pero en nada afectan a los países ricos.

Desde el punto de vista económico son cada vez más los analistas que juzgan las normas del FMI como excesivamente ortodoxas y rígidas, así como desestabilizadoras políticamente.

Criticamos al Fondo Monetario

Internacional porque:

1. su sistema de votación permite que sólo siete países más industrializados decidan;
2. la ayuda que presta está relacionada con el monto de las cuotas, siendo, por lo tanto, muy pequeña la ayuda a los países pobres;
3. las medidas que impone son recesivas;
4. sus exigencias crean problemas sociales;
5. su mayor preocupación está orientada hacia el pago de la deuda, a costa de un mayor empobrecimiento de los marginados;

Por tanto, muchas veces, aunque en el discurso se diga "todos tienen las mismas posibilidades de acceso" en la práctica no es así. Aunque en teoría se afirme que se va a impulsar el desarrollo de todos los pueblos en la realidad se impulsa el desarrollo de unos cuantos, dejando a muchos al margen. Por lo tanto, es necesario que los organismos internacionales orienten sus acciones y sus políticas a la construcción de una cultura democrática. ●

ALGUNAS PROPUESTAS

Romper el espiral infernal de la deuda

Los participantes afirman la necesidad imperiosa de romper el espiral de la deuda, que oculta toda la perspectiva de desarrollo sustentable. Hay que detener el círculo infernal en el cual hoy están encerrados los países en vías de desarrollo, que piden préstamos para devolver el dinero de las deudas anteriores y ven así su deuda total crecer de manera incontrolable.

Por dónde pasa una solución duradera para a deuda

Por unanimidad, los participantes afirman que una verdadera solución duradera pasa por la anulación de la deuda pública de los «países pobres». En cambio, el número de países que se incluye en tal grupo se debate.

Algunos reclaman la anulación total de la deuda del conjunto de los países en vía de desarrollo en nombre de la característica intrínsecamente ilegítima de una deuda considerada como un producto y un instrumento de la dominación del Sur por el Norte.

En término de estrategia, el debate está igualmente dispuesto para proseguir el deseo expresado por algunos: llamar al rechazo de las deudas y a la suspensión de pagos.

Otros, preocupados por no bloquear el acceso de estos países a las financiaciones internacionales, consideran que la cancelación de la deuda propiamente dicha debe

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

Conferencia sobre la deuda externa

1 de Febrero 2002 - Porto Alegre

ser otorgada prioritariamente a los países más pobres. Otros mecanismos deberían ser puestos en marcha para los países con ingresos medios.

Poner en marcha nuevos mecanismos de financiación para el desarrollo

Para salir del espiral de la deuda, los países del Sur deben desarrollar financiaciones alternativas a los mercados financieros y a los préstamos multilaterales condicionados. En particular, algunos proponen la constitución de un ahorro local (tasa del tipo Tobin, el aumento de la ayuda pública para el desarrollo, la devolución de fondos desviados y la posibilidad de un impuesto mundial excepcional a las fortunas más grandes).

Asociar las sociedades civiles con el acompañamiento de las anulaciones de deudas

Los recursos desbloqueados para la anulación de la deuda deben estar realmente destinados a la lucha contra la pobreza y al desarrollo de las poblaciones. Por lo tanto, se tienen que promover mecanismos específicos de acompañamiento de las anulaciones, transparentes y democráticos (específicamente en forma de fondos para el desarrollo), envolviendo a la sociedad civil en un mecanismo que no sea solamente consultativo, incluso publicitario, pero realmente participativo con el objetivo de obtener más transparencia y democracia.

El retroceso de los «bienes mal adquiridos»

El conjunto de los participantes afir-

ma la necesidad de proceder al retroceso de los fondos desviados que fueron invertidos en los países del Norte... a fin que estos fondos estén invertidos nuevamente en favor del desarrollo de los países concernidos y que las élites corruptas no queden en la impunidad.

La reparación de la deuda histórica contraída por el Norte en el Sur

Algunos participantes exigen tomar en cuenta la reparación de la deuda colonial, social y ecológica acumulada por el Norte frente al Sur, a través de varios siglos de dominación política y económica (saqueo de riquezas naturales, esclavitud). Esto implica en el reconocimiento de esta deuda y su reparación. Sin embargo, varios de ellos se preguntan sobre las dificultades para establecer modalidades concretas de evaluación y de reembolso generados por la puesta en marcha de un mecanismo formal de reparación.

Acabar con los programas de ajuste estructural

Los participantes están de acuerdo con el balance fuertemente negativo de los programas de ajuste estructural impuestos por las instituciones financieras internacionales. Las políticas impuestas tales como las privatizaciones forzadas, la liberalización de mercados, el «todo a la exportación» y la supresión de gastos dedicados a las necesidades de los más vulnerables, incrementan considerablemente las desigualdades y son incompatibles con el desarrollo sustentable definido por los propios países.

La puesta en marcha de instrumentos de regulaciones internacionales justas, transparentes y equitativas

En general, los participantes están de acuerdo sobre la necesidad de poner en marcha mecanismos de regulación jurídica justa, transparente y equitativa con el fin de remediar la asimetría estructural entre acreedores y deudores en el tratamiento actual de la deuda de los países del Sur.

Para algunos, es necesaria una reforma profunda de la arquitectura financiera internacional, poniendo en marcha instrumentos de regulación justos y equilibrados para el tratamiento de la deuda internacional, con el objetivo de proporcionar una respuesta duradera a la crisis de la deuda de los países del Sur. Este reequilibrio podría entrar por la puesta en marcha de un derecho internacional apropiado, cuya aplicación estaría confiada a una instancia internacional independiente, puesta bajo la égide de la ONU. Esta instancia incluiría representantes de las distintas partes, incluyendo a la sociedad civil. Su función sería de arbitrar los intereses de los deudores y de los acreedores.

Fuera de los puntos relevados anteriormente, tal derecho debería integrar específicamente los siguientes elementos: La primacía de los derechos humanos fundamentales y la protección de los deudores y la cuestión de las deudas ilegítimas.

La crises de la Argentina

A Argentina vive sua pior crise de governabilidade, com um progressivo estancamento estrutural que produz conseqüências políticas, sociais, econômicas. Isso gera incerteza, insegurança, impunidade e violência.

O povo argentino precisa caminhar unido para a solução de seus problemas. É necessário estabelecer mudanças no sistema, para que se torne efetivamente inclusivo, democrático e igualitário. Evidencia-se ainda a necessidade de algo que regule a realidade globalizante, de modo a diminuir a distância entre o espaço econômico e o espaço político.

Elena Picasso
Argentina

Abogada de ENDEPA

Equipo Nacional de Pastoral Aborigen y de la Fundación Servicio Jurídico Solidario en un permanente trabajo sobre terreno desde diversas realidades culturales, con el Pueblo Mapuche en Neuquen y con comunidades criollas e indígenas en Recoquista, Santa Fé.



INTRODUCCIÓN

¿Qué decir en este espacio sobre lo que vivimos como país! ¿Qué comprometido y difícil resulta recoger en forma de ensayo, casi borrador, unas palabras sobre lo que nos acontece! Antes de describir hechos, situaciones, comentarios, reflexiones, quisiera encuadrar estas líneas en esta frase de Victor Codina: "Nuestra situación está más cerca del Exilio que del éxodo. Pero el exilio es también tiem-

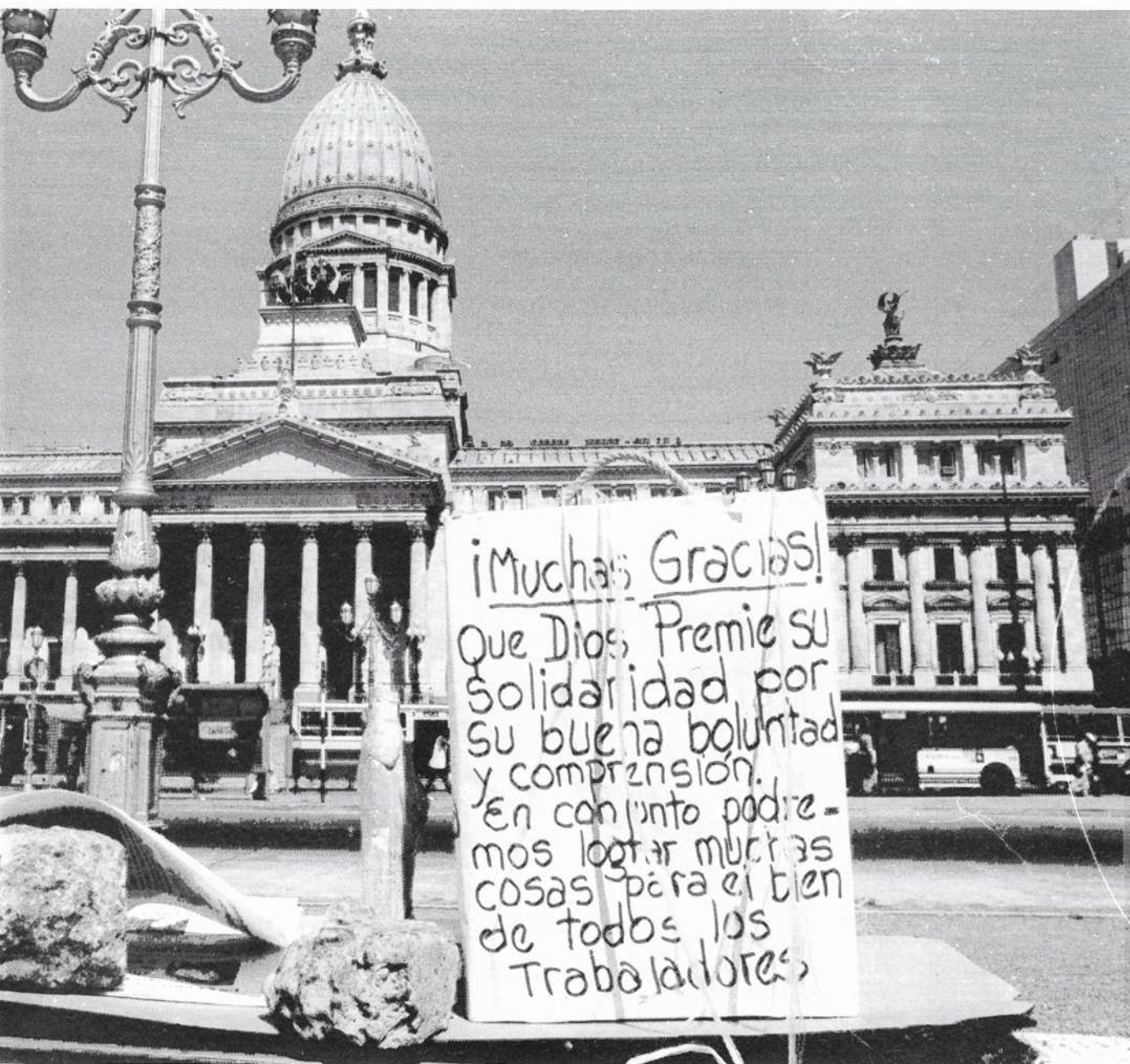


Foto João Ripper

po de reflexión, de purificación, de conversión, de espiritualidad. Es tiempo de resistencia al imperio, de reforzar la identidad, de diálogo con las culturas y las religiones. Es tiempo de paciencia y de esperanza. Ya llegarán tiempos mejores”.

Asistimos a la más pavorosa crisis de legitimidad en el gobierno argentino, de gobernabilidad en la esfera política, como de incertidumbre económica y financiera, con un progresivo estancamiento estructu-

ral con sus consecuencias políticas, sociales, económicas y culturales en la realidad de Argentina. Esto genera incertidumbre, inseguridad, impunidad y violencia.

Están muy mezcladas las aguas, los intereses por los que se mueven las relaciones de poder y las negociaciones, las manipulaciones de fuerzas políticas en diversidad de direcciones y los silencios comprometedores (el silencio gremial), las presiones ejercidas y las acciones en los juegos de

la represión (varones y mujeres que a mansalva son reprimidos en los escraches y cacerolazos con total falta de respeto, con saña, con violencia) y falta de valoración a la dignidad de la persona y de los derechos humanos establecidos constitucionalmente. Se piden más penas para los que sean autores de la muerte de policías, lo que genera a su vez, en todo su conjunto, más violencia y represión. ¿Con qué frenar esa espiral incontenible que produce horror y paraliza?

Todo esto produce un deterioro de la democracia desprestigiando a la Corte Suprema, el Congreso y al Poder Ejecutivo. Estamos viviendo un momento muy delicado y a su vez todavía pareciera que no se ha "tocado fondo". En estas circunstancias y desde el proceso que se viene dando hace mucho tiempo no basta con cambiar un gobierno. Es necesario un cambio estructural y de mentalidad. La vida y seguridad de la población están en primer lugar. No es con el enfrentamiento de pobres contra pobres que se resolverán las cuestiones. Nuestro pueblo con larga historia de luchas sociales hoy está alerta. Necesitamos caminar juntos en la construcción de lo nuevo.

ARGENTINA BAJO EL TERRORISMO ECONOMICO

Em el Boletín 26 de Dialogo 2000, publicado en 10/1/02, aparece así reflejada la realidad Argentina, a través de la opinión de Adolfo Perez Esquivel¹. "Los acontecimientos se han precipitado en Argentina; cinco presidentes de la Nación pasaron en estos días y el caos es total. En esos mismos días la represión policial contra la explosión de ira de un pueblo que salió pacíficamente a la calle a reclamar sus derechos, dejó el doloroso saldo de 35 compatriotas muertos, centenares de heridos y varios miles de detenidos. El presidente Eduardo Duhalde no aportó nuevas alternativas, sólo propone paliativos para un enfermo grave que necesita una intervención quirúrgica urgente y cambios profundos para lograr su recuperación. El Partido Justicialista (PJ) y la Unión Cívica Radical (UCR) son responsables de llevar al país a esta postración con los negociados de grandes empresas trasnacionales y la mafia financiera que fue generando el saqueo sistemático del país, ejerciendo el terrorismo económico y la dirigencia del Poder Judicial, dejando al pueblo en un estado de indefensión jurídica, impidiendo que puedan uti-

La figura de Duhalde como presidente es una figura profundamente debatida y cuestionada, por sus antecedentes, por su presencia moral y sectorial.

lizar los ahorros depositados en los bancos, a la vez que han sacado dinero del país generando esta grave situación. Con la salida a la convertibilidad - paridad peso-dólar - la devaluación afecta a diversos sectores de la sociedad, generando la reducción de salarios y jubilaciones y el aumento de precios y desabastecimiento. El pueblo ya no puede aguantar más: 14.500.000 personas sobre un total de 37 millones están bajo la línea de pobreza. Cada día mueren 100 niños por enfermedades evitables. Los ancianos no pueden utilizar sus obras sociales. Los institutos de menores y casas de hogares en estado de riesgo social ya no tienen qué comer, la desocupación sigue aumentando".

¿LEGITIMIDAD DE DUHALDE?

En realidad, la figura de Duhalde como presidente es una figura profundamente debatida y cuestionada, por sus antecedentes, por su presencia moral y sectorial. Apoyada en una derivación acordada parlamentariamente, sin referendo del voto popular, es elegido para administrar en un contexto de indignación social, de retracción de la política y de las ins-

tituciones y de ofensiva de los intereses sectoriales que conforman el poder económico para obtener mejores espacios en la nueva realidad.²

Se dan permanentes tensiones y luchas de poder en el seno del Congreso, a pesar de que dicen que el apoyo al gobierno se mantiene incondicional. Admiten las permanentes discusiones y críticas sobre las posiciones del Ejecutivo. Las conducciones de los bloques de la Alianza, el PJ y la UCR manifiestan que el problema que entorpece la relación entre el Gobierno y el Congreso consiste en la conciencia creciente de la "naturaleza parlamentaria de la gestión de Duhalde".

DATOS QUE SE SUCEDEN EN EL ESCENARIO DE LOS ULTIMOS MESES

- La obra social de los jubilados está cortada - Hay desabastecimiento de medicamentos y otros productos de primera necesidad. En ciertos casos de productos importados los precios se duplicaron o triplicaron. El riesgo del país fluctúa entre índices altos.
- El silencio argentino - Argentina sumida en esta profunda crisis económica, política, social y cultural no levantó el dedo acusador ante la Cumbre de Monterrey sobre financiación del desarrollo, en contra de la dominación y permanentes presiones de los organismos monetarios multilaterales.
- Juicio político a miembros de la Corte Suprema - Se cuestiona e impugna la actuación y sentencias del máximo Tribunal de Justicia exigiendo su destitución mediante juicio político, por su actitud "genuflexa" y su continuismo político. En época de la primera etapa del Gobierno de Menem fue ampliado el número de sus componentes hasta nueve integrantes. La intervención de la Comisión de Juicio Político de la Cámara de Diputados es impugnada con graves acusaciones por tres de sus integrantes, con intención de desprestigiarla. La diputada Elisa Carrió aseguró que más allá de las

presiones políticas, la Comisión "no se detendrá en realizar y clarificar todo aquello que corresponda".

• Los conflictos sociales y la nostalgia de la intervención militar - En ocasiones y simultáneamente el clima se enrarece y se pone tenso. Muchos piensan que el sistema judicial penal debiera endurecerse con la ex-

clusa de mayor seguridad. Hay gente que preferiría ya tener un líder impuesto que marque línea para todos, "caiga quien caiga". Esto se oye en comentarios callejeros, en los medios de comunicación, donde permanentemente se comentan sucesos: los hechos que se viven, los escraches, las protestas, los comentarios calientes.

En reiteradas ocasiones se niega la posibilidad de un golpe militar, pero los mensajes son ambiguos, depende de quien provengan. Todo esto se suma al clima de incertidumbre. El nuevo jefe de la Armada desestimó la posibilidad de un nuevo golpe militar en Argentina y la intervención de las Fuerzas Armadas.

• Los depósitos y el corralito - Este es un tema que generó espontáneamente la reacción de la clase media que, con los cacerolazos, se unió a piquetes en rutas o a reclamos ante el Congreso, la Casa Rosada o Tribunales, con frecuencia diaria y con intensidad diferente, ya sea por las tardes, las mañanas, las noches. El llamado "cepo" bancario instalado el 3 de diciembre del 2001 por el Ministro de Economía de De la Rúa, Domingo Cavallo, llevó al extremo y generó reacciones insólitas con grupos permanentes en escarches ante los Bancos. La mano en el bolsillo de tantos y ante distintas reacciones produjo el vuelco de más de 290.000 juicios de amparo. Aunque se fueron aplicando diversas medidas paliativas por intermedio del Banco Central, quedaron establecidas a pagos fijos mensuales de 1200 pesos por cuenta bancaria. Se permitió reintegrar ahorros de plazo fijo mediante el canje por la compra de inmuebles o automotores, o bien mediante bonos manteniendo el precio del dólar, a cobro diferido.

• Escenario financiero y algunas manifestaciones - En este momento la gente está endeudada y sin financiación. La convertibilidad en 1992 trajo la vuelta al crédito hipotecario y prendario. Esto dio vuelta al mercado y aceleró las ventas con compradores que podían pagar cuotas. El paso de la devaluación se dio sin "anestesia", sin progresividad ni preparación, sin medidas que amortiguaran el paso de uno a otro sistema, lo que provoca deudas que crecen desmesuradamente y sobrevaluaciones ante el cambio del dólar libre. La actual es una coyuntura de gran "endeblez social", la devaluación no redundó en



Sin unidad no hay fuerza,
sin fuerza no se lucha,
sin lucha hay sumisión.

Por Jubilación mínima

\$450

y por la recuperación del PAMI

¡¡¡ Luchemos unidos !!!

Plenario Permanente de
Organizaciones de Jubilados

"Con la fuerza de los que no se resignan"

¡ y hacen la victoria final !

un despegue positivo por la forma abrupta de realizarla, sino que impactó duro sobre el valor de los salarios y el equilibrio de los precios. La economía no está mejor, lo indican el crecimiento de la desocupación y la pobreza. Como dato significativo las planillas señalan que 730 mil jefes de familia con menores de 18 años representan el 78% del total de los desempleados. Hay además 1.900.000 refugiados en la economía informal. El gobierno dispone sólo de mil millones presupuestados para el plan, pero le resta otro tanto para desarrollarlo, de acuerdo a las necesidades.

El nuevo enviado del FMI, el hindú Anoop Singh, "muestra su hilacha". A pesar de los planteos de Remes Lenicov (Ministro de Economía) sobre coparticipación federal, el Presupuesto del 2002 e iniciativas para ir levantando el corralito financiero, el economista hindú puso en el tapete las exigencias del organismo rector de finanzas mundiales.

PESA UN ORDEN INTERNACIONAL PREVALENTE HASTA NUESTROS DIAS

Desde 1648 con la Paz de Wesfalia, se establecieron las bases del orden internacional que en su esencia ha prevalecido hasta nuestro propio tiempo y se ha impuesto y mantenido durante más de tres siglos. Fue el presupuesto de la legalidad de la realidad política. Esto pesa en el imaginario colectivo y produce confusiones o angustias frente a la propuesta de cambios estructurales. En estos aspectos los cambios de mentalidad son fundamentales.

Hoy sabemos que "este orden" está seriamente dañado, que las ideas fundadoras de la Nación, el Estado, la Soberanía y el Derecho de Gentes, están en plena crisis.³

La nueva realidad se define como una avasallante constelación de problemas para los cuales no tenemos solución: Ecología, Demografía, los

problemas de la mujer, del anciano, del enfermo, de los sin techo, migrantes, el narcotráfico, la inseguridad, el terrorismo, la creciente pobreza, la fundación del estado y de la empresa puestos en cuestión, organizaciones internacionales debilitadas, jurisdicciones fuera de control nacional o internacional. Estas situaciones son inseparables de la realidad global, lo que supone tomar esa realidad como tal y buscar con qué armas y con qué normas encarar el futuro que nos toca vivir. No es esta la primera mundialización, ya que la era de los grandes descubrimientos y la circunnavegación de la tierra, creó el "derecho de gentes". El derecho internacional imaginado por Victoria, Suarez y Grocio surge dando respuesta a los procesos legales de conquista, colonización y rivalidad comercial.

Hoy podemos afirmar que vivimos a tercera ola, según la comparación

de Alvin Toffler, en una economía tecno-informativa que da primicia a la calidad por sobre la cantidad del producto y se manifiesta en vastas alianzas mundiales para la producción, la distribución y la rentabilidad. Carlos Fuentes, en una reflexión a propósito de la Cumbre de Monterrey, comenta que "la nueva economía no va a desaparecer de golpe de manifestaciones de descontento, pero es imperativo hacerse cargo de la ausencia de una legalidad que regula la realidad globalizante. Hay un déficit político en el proceso globalizador. Hay una gran distancia entre el espacio económico y el espacio político. Vivimos en una economía de mercado pero no en una sociedad de mercado. Hay percepción de que las leyes de mercado se imponen y derrotan a las leyes de la sociedad y la política. La globalización no es un monstruo ni un valor. Gobernada, la globalización



Foto João Ripper

es una oportunidad. Sin "gobernanza" puede desembocar en la anarquía, la miseria y la violencia".⁴

La globalización anima el libre flujo de mercancías, entorpece el libre flujo de las personas. Las cosas son libres para moverse, los trabajadores no. Mientras no exista una legalidad que proteja al trabajador migratorio y admita su presencia indispensable en la jurisdicción mundial, la globalización estará marcada por la herida sangrante de una profunda injusticia y de los vicios de la xenofobia y la discriminación racial. Convive con una injusticia aún mayor entre países ricos y países pobres. Muchos se preguntan si la globalización no ha ahondado estas diferencias y si puede remediarlas. En un planteo práctico/transformador desde abajo, Carlos Slim afirma que se trata de impulsar al mercado interno, el sector agropecuario, la vivienda y la infraestructura

La globalización anima el libre flujo de mercancías, entorpece el libre flujo de las personas. Las cosas son libres para moverse, los trabajadores no.

y apuntar políticas fiscales - como monetarias - que den liquidez a la economía. Es decir, construir desde abajo, crear localmente, multiplicar los niveles medios entre el estado y las Empresas, reforzar el consumo interno e insistir en la organización comunitaria más que en la asistencia pública. No sólo redistribuir, sino producir más y promover políticas de cooperación de los sectores público, privado y social. Desde América Latina pedimos hoy no solamente globalizar el hecho, sino el derecho. Elevar a derecho el comercio, la salud, la educación, el medio ambiente, el trabajo, la seguridad, con obligaciones compartidas. Se trata de crear un nuevo siglo.

RECOGIENDO PASOS Y TANTEOS HACIA EL FUTURO

La Mesa de Diálogo Argentina, convocada pelo presidente de la nación con apoyo de las Naciones Unidas, que tan discutida resulta, no llega a crear acuerdos ni voluntades que converjan suficientemente, ni mecanismos posibles que encaucen el cambio. El Foro de Porto Alegre desde tantas ONG y voces allí presentes, las protestas callejeras, cacerolazos, piquetes, reflejan distintos sectores en la lucha.

Las consultas y el avance del FRENAPPO en sus propuestas, junto a los cuestionamientos permanentes, la debilidad de la dirigencia gubernamental que juega con los apoyos y tensiones del Congreso en su relaciones de poderes, van siendo los espacios diversos, donde se juegan salidas y negociaciones.

Se pide a gritos un nuevo contrato social. Se necesitan realizar grandes transformaciones de la clase política, vetusta, corrupta, del sistema de partidos, de sus metodologías de elección de candidatos. Afirman algunos que hemos de "refundar Argentina".

Hay una fuerte conciencia de no quedarnos en el vacío, del no a la improvisación, a las consecuencias de unas posiciones absolutas de "afuera todo". Pero ¿cómo intermediar lo que no va más, con lo que apunta como nuevo, posible, representativo, pero legítimo? Es necesario apuntar el cambio del sistema de poder y el juego de relaciones, para que sea inclusivo, efectivamente democrático, igualitario, distributivo, para que esta democracia que se agota en los partidos (que hoy están en franca crisis política), no sea conculcada en lo más profundo de su esencia, sino que sea desarrollada con nuevas posibilidades.

¿Por dónde surgen los caminos? ¿Por dónde es posible andar y construir? ¿Cómo aunar esfuerzos y reconstruir identidades? ¿Cómo los partidos pueden rehacer su historia desde el presente? ¿Cómo reencauzar el sistema político, con nuevas normativas surgidas del compartir participativo de todas aquellas voluntades que acuerdan mirando al futuro? ●

1 Pérez Esquivel, Adolfo. *El futuro para nuestra América, Argentina bajo el terrorismo económico*, Diálogo 2000: 2002.

2 Elchelbaun, Carlos. *POLÍTICA*, Clarín, 1 7/04/02, pág 3.

3 Fuentes, Carlos. *El déficit político de la globalización*. Diario La Nación, 24 de marzo de 2002, sección 7, pág. 4.

4 Fuentes, Carlos (op.cit.).



Foto João Ripper



A REPEM (Rede de Educação Popular Entre Mulheres da América Latina e Caribe) agrupa 140 ONGs e tem como objetivo valorizar a dimensão educativa como elemento estratégico para conquistar justiça e igualdade nas relações de gênero. O movimento feminino constitui um setor com interesses diferentes e contrapostos, buscando o reconhecimento dos direitos em um processo de ampliação da cidadania das mulheres. O desafio atual é como passar de acordos globais ao cumprimento dos mesmos em nível local.

Um dos caminhos é ampliar a capacitação cidadã e aprimorar a interação entre a sociedade civil, as ONGs e os executores de políticas públicas.

Assistente Social, investigadora, docente. Ha trabajado como asesora en proyectos de Desarrollo y Género en instituciones públicas y privadas. Actualmente integra el equipo de REPEM, coordina las actividades relacionadas a educación no sexista en el marco de la Campaña Educar para no discriminar y es responsable del Área Publicaciones.

Educar para no discriminar

La dimensión educativa en la ampliación de la ciudadanía de las mujeres

Paz Alonso
Uruguay

REPEM (Red de Educación Popular Entre Mujeres de América Latina y el Caribe, asociación civil, sin fines de lucro, creada en 1981, con status consultivo ante ECOSOC Naciones Unidas), agrupa 140 ONGs y tiene entre sus objetivos valorizar la dimensión educativa como elemento estratégico para lograr justicia e igualdad en las relaciones de género desde los aportes de la teoría y las prácticas feministas.

El largo camino recorrido se ha hecho junto con las mujeres activistas y académicas quienes hacen grandes esfuerzos por superar la pobreza y lograr la equidad de género.

El movimiento ha logrado colocar los problemas de las mujeres en el debate político y cultural de la

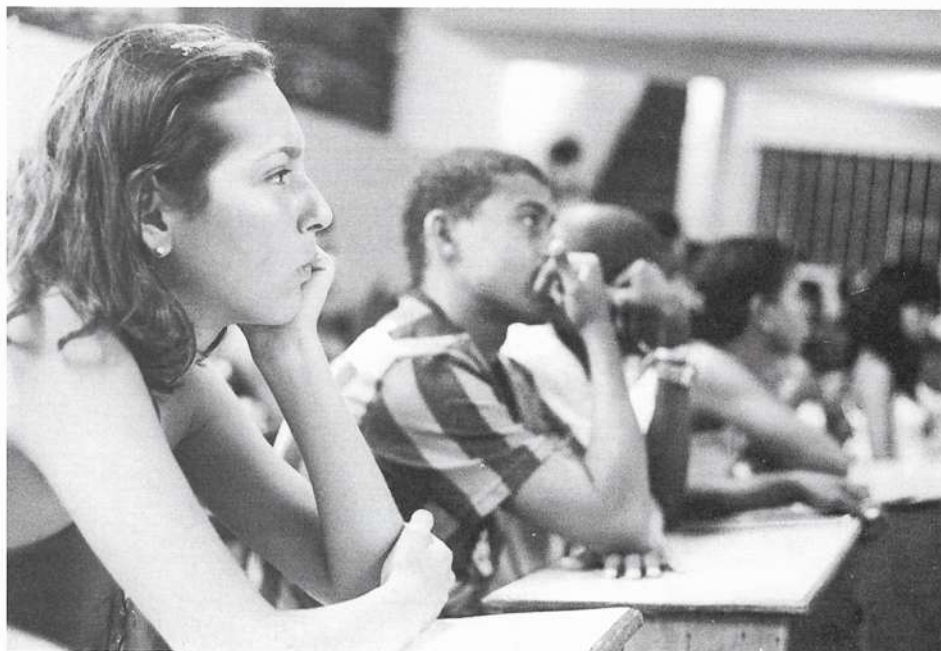


Foto João Ripper

región y en el ciclo de las Conferencias y Cumbres Sociales de las Naciones Unidas, así como en los encuentros y foros alternativos.

Nuestro desafío es cómo pasar de los acuerdos globales al cumplimiento de los mismos a nivel local, ¿cómo lograr que más mujeres se incorporen al seguimiento de los compromisos?

EDUCAR PARA INFLUENCIAR

“El nuevo milenio será el milenio de los derechos de las mujeres, la equidad de género y la justicia de género. Las mujeres del mundo están aquí, en la galería y también en las delegaciones oficiales, estamos con ustedes, estamos aún observándolas y nunca nos iremos” (Gita Sen, Asamblea General de la Conferencia Internacional de Población y Desarrollo 5).

Estas palabras simbolizan y re-

“El nuevo milenio será el milenio de los derechos de las mujeres, la equidad de género y la justicia de género.”

flejan los intereses y logros de las mujeres. Permanentemente enfrentamos diversos desafíos y hemos trabajado en muchos campos y por muchos sueños.

Una de las características de esta

década es el papel activo que han tenido las organizaciones no gubernamentales (ONG), especialmente las de mujeres, en el ciclo de las Conferencias de Naciones Unidas.

Las ONG se han constituido en una serie de redes regionales y globales, articulando esfuerzos para una puesta en práctica de los derechos humanos en un sentido más amplio.

La V Conferencia Internacional de educación de personas adultas (CONFITEA V, julio 1997, convocada por la UNESCO) tuvo como lema “Aprendiendo con Justicia de Género”. Este lema fue levantado por las mujeres y recogido por GEO y REP-EM 1 en su propuesta de “Educatonal Watch en Género y Educación”, que se ha llevado adelante en varios países del mundo. Este paso supuso avanzar en la búsqueda de instrumentos y mejoría de los existentes, a los efectos de que “Aprendiendo con Justicia de Género” fuera una realidad.



Foto João Ripper



Foto João Ripper

LA EDUCACIÓN COMO DIMENSIÓN ESTRATÉGICA

Los últimos 25 años constituyen un camino progresivo de negociación, transacción, lucha y conflicto para lograr un horizonte de justicia social de género. A lo largo de estos años las mujeres, la sociedad civil, las organizaciones de base, los diferentes grupos corporativos, los gobiernos, los organismos internacionales y, particularmente, las ONG y las asociaciones de apoyo genuino a las mujeres han colocado el problema de la mujer en el espacio social, contribuyendo a generar conciencia y a la vez avanzar en el logro de los derechos de la mujer.

Pensar en las mujeres del mundo, como mujeres y desde las mujeres, llevó a algunas organizaciones a jerarquizar las acciones de las mujeres de sectores populares: gru-

po en mayor desventaja relativa, tanto desde su participación en la sociedad civil, como en el logro de sus derechos a la educación y a la participación en diferentes instancias de decisión. Pese a su situación de marginación, ellas han consolidado valiosas estrategias en contextos altamente desfavorables.

Estas experiencias de mujeres fueron y son impulsadas por organizaciones de base a lo largo del planeta; su potencial se expresó en la constitución y consolidación de redes locales, nacionales, regionales y mundiales; estos vínculos son respaldados por miles de ONGs que apoyan y contribuyen a recuperar los aprendizajes y saberes derivados de ricas prácticas.

Por otro lado, a lo largo de estos años se han llevado a cabo una serie de Conferencias, Cumbres Mundiales y Foros para el Desarrollo

Social: Conferencia Mundial sobre Educación para Todos/as, Jomtiem, 1990; Conferencia Internacional sobre Población y Desarrollo, El Cairo, 1994; Cumbre Mundial para el Desarrollo Social, Copenhague, 1995; Conferencia Mundial sobre la Mujer, Beijing, 1995; CONFINTEA V, 1997; Conferencia Mundial contra el racismo, la discriminación racial, la xenofobia y las formas conexas de intolerancia, Durban, 2001; Foro Social Mundial de Porto Alegre, 2001 y 2002, entre otras, en las que directa o indirectamente se han destacado cuestiones de género y educación.

En el marco del reconocimiento de la educación como un derecho humano para todas las personas, la Conferencia Mundial sobre Educación para Todas/os, en su preámbulo, señala que "el mundo tiene que enfrentar un cuadro sombrío de au-

mento de la deuda de muchos países, amenaza de estancamiento y decadencia económica, rápido aumento de la población y diferencias económicas crecientes entre las naciones". Estos problemas atropellan los esfuerzos realizados en el sentido de satisfacer las necesidades básicas de aprendizaje.

Especialmente se remarca que más de 960 millones de personas adultas - 2/3 de las cuales son mujeres - son analfabetas, y el analfabetismo funcional también es un problema significativo en todos los países industrializados o en desarrollo. Por tanto, junto a la prioridad de la educación básica para todas/os las/os niñas/os, jóvenes y personas adultas es urgente mejorar la calidad y garantizar a niñas y mujeres el acceso a la educación, superando todos los obstáculos que impiden su participación activa en el proceso educativo y por ende su participación en la sociedad civil como sujetas de derechos.

DEL ACTIVISMO A LAS POLÍTICAS

El desafío es que la educación se asuma como una dimensión estratégica para la ampliación de la ciudadanía de las personas, especialmente de las mujeres. Podemos definir la educación como el conjunto de herramientas que permiten a las personas comprender su entorno para insertarse mejor en él, para actuar y conducir su vida en forma individual o colectiva de manera más gratificante. Es un conjunto de conocimientos, pero también un conjunto de habilidades, destrezas y actitudes que se adquieren y se van modificando en el transcurso de la vida de las personas. Es un conjunto de informaciones y de valores que dan sentido a esta información.²

¿Cuál es el proceso que permite transitar del malestar de las mujeres, del malestar de un sector de la sociedad, del malestar individual a

El desafío es que la educación se asuma como una dimensión estratégica para la ampliación de la ciudadanía de las personas, especialmente de las mujeres.

la noción de derechos de un sector?

Para ejercer la ciudadanía hay que transformar lo que se siente en una propuesta concreta sustentada con argumentaciones y una organización o red de organizaciones y llevarla adelante. Este pasaje se produce exclusivamente por la educación. La educación tiene un papel central de puente o nexo en el pro-

ceso de pasar de lo personal y particular -donde nace el malestar o el deseo- a tener conciencia de que existe un derecho y buscar ejercerlo.

El movimiento de mujeres, como movimiento político, levanta demandas y reivindica derechos. Constituye un sector con intereses diferentes y contrapuestos, que aporta al reconocimiento de los derechos



Foto João Ripper

en un proceso de ampliación de la ciudadanía de las mujeres.

Los derechos son una construcción histórica, varían en el tiempo y se van ampliando al igual que la ciudadanía a través de argumentaciones y de información, exigiéndonos capacidad de generarlos y transmitirlos.

La educación siempre ha tenido un componente de utopía y como todas las utopías ha estado sometida a los cambios sociales y a las construcciones colectivas que vamos haciendo. Los movimientos educativos se han desarrollado en función de una utopía de bienestar, de potenciar las facultades humanas en su pleno desarrollo.

El deseo de participar se ha ido transformando, mediante el proceso educativo en ejercicio de ciudadanía, esto implica autoestima personal y colectiva. El ejercicio real de los de-



Red de Educación Popular Entre Mujeres de América Latina y el Caribe - REPEM

MISION

Su propósito fundamental es fortalecer y consolidar procesos de articulación equilibrada entre lo nacional, regional y global para contribuir al logro de la justicia social, económica y de género.

OBJETIVOS

- Valorizar la dimensión educativa en sí misma, como elemento estratégico para lograr justicia e igualdad en las relaciones de género desde los aportes de la teoría y las prácticas feministas.
- Aumentar la capacidad propositiva y de influencia de la Red, fundamentalmente a nivel de políticas públicas educativas con justicia de género.
- Rescatar y sistematizar análisis, debates y prácticas educativas en América Latina con perspectiva de género para socializar y multiplicar las experiencias.
- Incidir en instancias globales y regionales, a través de la coordinación programática y temática con otras redes de América Latina y otras regiones del mundo.

EJES DE TRABAJO

Desarrolla programas y proyectos en relación a tres ejes:

EDUCACION, GENERO Y ECONOMIA POPULAR

Promoviendo el empoderamiento de las mujeres en emprendimientos económicos populares para influenciar efectivamente en las políticas sociales y económicas de los gobiernos locales.

EDUCACION, GENERO Y CIUDADANIA

Potenciando el rol político-propositivo de las mujeres en el seguimiento de los acuerdos globales referidos a Género y Educación, para contribuir a la ampliación de su ciudadanía.

FORTALECIMIENTO INSTITUCIONAL

Potenciando la capacidad de gestión de la Red en términos político-estratégicos para garantizar su posicionamiento en el contexto regional y global.

DIRECCION:

Colonia 2069
11200 Montevideo - Uruguay
Tel/fax: XX 5982 4030599 - 4080089
E-mail: repem@repem.org.uy
www.repem.org.uy

rechos de ciudadanía implica que se interioricen en un conjunto de personas habilitadas para defender y ejercer sus derechos en los ámbitos privado y público. Para las mujeres, este ejercicio es obstaculizado por los patrones culturales arraigados, profundos y sutiles que enfrentamos.

Varios son los desafíos: ampliar la incidencia de ámbitos de capacitación ciudadana, organización y priorización de demandas; buscar la coordinación al interior de la propia sociedad civil con las ONGs; y propiciar la interlocución con el ejecutor de políticas públicas. Este conjunto de acciones constituye una de las responsabilidades que desde los espacios institu-

cionales debemos asumir, perdiendo miedos y aprendiendo a negociar. Estos son procesos educativos no formales muy importantes que no podemos desperdiciar. ●

1 GEO, por su sigla en inglés, Oficina Internacional de Educación y Género del Consejo Internacional de Educación de Adultos (ICAE) y REPEM llevan adelante el monitoreo de los acuerdos asumidos en Hamburgo en relación a género y educación de personas adultas en varios países.

Ver "Educación en Movimiento: Observatorio en Género y Educación", GEO/REPEM, 1999 y "La Educación de las mujeres: Crónicas de un proceso", GEO/REPEM, 2001.

2 Celita Eccher: "Definiendo la Utopía", Memoria Foro Taller Internacional: Género y Ciudadanía, una construcción necesaria. La Paz, Bolivia, 1998.

EN M DEBATE



Foto Cláudia Versiani/Imaginatta

Para aonde vão as

Nizar Messari
Rio de Janeiro - Brasil

*Professor pesquisador
Instituto de Relações
Internacionais (IRI/PUC-Rio)*

organizações internacionais?

Partindo da análise das visões Hobbesiana, Kantiana e Grotiana, assim como de fatos históricos do período entre guerras até a atualidade, o autor propõe reflexões teóricas, práticas e normativas, concluindo que os organismos internacionais, em geral, e a ONU, em particular, têm potencial para assumir um papel importante nas relações internacionais, mas estão longe disso. Para deixar de ser – ou aparentar ser – um instrumento nas mãos dos mais fortes, essas organizações têm que ser reformuladas para se ajustarem a um papel eminentemente universal, refletindo democraticamente a diversidade do mundo.



Foto Carlos Humberto TDC/Imaginatta

Afirmo neste artigo que as organizações internacionais podem potencialmente jogar um papel importante nas relações internacionais para garantir a paz e a prosperidade a todos os cidadãos do mundo, mas que as organizações internacionais que existem hoje não podem cumprir este papel. Para chegar a esta afirmação, proponho uma discussão teórico-histórica que me permite no final deste artigo produzir reflexões de ordem teórica, prática e normativa.

A NECESSIDADE TEÓRICA DAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

Martin Wight, um teórico inglês das Relações Internacionais, definiu na década de 50 três visões possí-

veis das relações internacionais.¹ A primeira era a visão Hobbesiana, a segunda era a visão Kantiana, enquanto a terceira era a visão Grotiana. As relações internacionais segundo os seguidores de Thomas Hobbes são relações entre Estados que co-existem num estado da natureza à nível internacional. As relações entre os Estados consistiriam numa luta de todos contra todos, onde cada Estado só pode contar com suas próprias capacidades para sobreviver. As relações internacionais segundo os seguidores de Immanuel Kant deveriam ser marcadas por uma evolução rumo à construção da paz perpétua. Para se conseguir a paz perpétua, deverão ser criados uma confederação mundial dos Estados, uma lei cosmopolita internacional e deveria ser garantido e respeita-

do o direito de hospitalidade em relação ao estrangeiro. As relações internacionais segundo os seguidores de Hugo Grotius deveriam se pautar pelo respeito de códigos de conduta elaborados pelos próprios Estados, ou seja, pela elaboração de tratados internacionais entre os Estados que organizariam as relações entre estes Estados. Vários analistas das relações internacionais concordam que a primeira opção, a opção Hobbesiana, levaria ao caos internacional, e que a opção Kantiana é demais utópica no contexto internacional contemporâneo. Sobressai, portanto, a terceira e última opção, inspirada pelo pensamento Grotiano, e que garante uma convivência madura e estável entre os Estados. Um dos componentes desta convivência madura e estável é a cri-

ação de organismos internacionais, cujo papel seria facilitar, enquadrar e implementar as regras de co-existência pacífica entre os Estados.

UMA BREVE HISTÓRIA DAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS NO SÉCULO XX

A história das organizações internacionais no decorrer do século XX pode ser dividida em três grandes etapas: a primeira foi no período entre-guerras, a segunda foi a guerra fria, e a terceira foi o momento que coincidiu com o fim da guerra fria e a derrocada da União Soviética.

Após a tragédia da primeira guerra mundial, líderes políticos e acadêmicos foram motivados pela ansia de evitar a repetição dos dramas então vividos pelos Europeus durante aquela guerra. Um dos caminhos indicados foi proposto pelo então presidente norte americano Woodrow Wilson: a criação de uma liga entre os Estados cujo papel seria manter a paz mundial. Foi assim criada a Liga das Nações entre os Estados independentes. Mas a capacidade efetiva da Liga em jogar um papel preponderante nas relações internacionais foi desde sua criação posto em dúvida, devido à recusa do Senado norte americano em ratificar o tratado de adesão à Liga.² Sem ter entre seus membros uma das principais potências do momento, alias, a potência sem cuja participação a Alemanha não teria sido derrotada na primeira guerra mundial, a Liga era praticamente fadada ao fracasso. O fato da segunda guerra mundial ter ocorrido simboliza a falência do sistema criado após a primeira guerra mundial e cuja peça mestre era a Liga das Nações: se o objetivo da criação da Liga era evitar a repetição da tra-

Se o objetivo da criação da Liga era evitar a repetição da tragédia da primeira guerra mundial, a mera ocorrência da segunda guerra mundial indicava que a Liga havia claramente fracassado.

gédia da primeira guerra mundial, a mera ocorrência da segunda guerra mundial indicava que a Liga havia claramente fracassado.

Com as lições do fracasso da Liga das Nações aprendidas, o pós segunda guerra mundial conheceu a criação de vários tipos de organizações internacionais, com um destaque par-

ticular para uma que era eminentemente mundial: a Organização das Nações Unidas (ONU). A principal lição do fracasso da Liga das Nações e que foi instrumental na construção da ONU era relativa aos Estados que deveriam ser membros. A lição era que a Liga das Nações havia fracassado na sua missão de manter a paz mundial porque uma das principais potências do momento, isto é, os EUA, não era membro da Liga. A lição era então que todos os Estados mais influentes do sistema internacional que prevaleceu no pós segunda guerra mundial deveriam necessariamente ser membros da ONU. Para se conseguir isto, era necessário evitar a repetição da objeção do Senado norte americano à ratificação do tratado de adesão dos EUA à ONU. Isto significou dar uma saída de escape aos EUA de maneira a preservar seus interesses como potência. Isto se traduziu pela criação do direito de veto. Mas como não era possível garantir o direito de veto somente aos EUA, criou-se o Conselho de Segurança das Nações Unidas com alguns membros permanentes que têm o direito ao veto. Isto garantia às principais potências nunca serem ameaçadas nos seus inte-

Foto Carlos Humberto TDC/Imaginatta



resses. Ao lado destes membros permanentes do Conselho de Segurança, e para produzir uma imagem democrática, estabeleceu-se também o princípio de membros temporários do conselho representando as diferentes regiões do mundo.

Retrospectivamente, pode-se dizer que a ONU foi mais bem sucedida que a Liga das Nações, pois a Liga das Nações desapareceu pouco mais de 20 anos depois de sua criação, enquanto a ONU já está com muito mais de 50 anos de existência. No entanto, tal afirmação ignoraria o fato que o mesmo instrumento político que permitiu à ONU garantir sua sobrevivência, garantiu também sua paralisia. De fato, os membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU passaram a abusar do direito de veto para protegerem não apenas seus interesses, mas também os interesses de seus aliados. Desta maneira, toda vez que havia uma crise internacional de dimensões importantes e que se inseria no contexto geral da guerra fria, a ONU era imobilizada devido ao uso de uma das partes do seu direito de veto para obstruir a ação da ONU. Para se ter uma idéia, se entre 1945 e o início de 1990, havia apenas um pouco mais de 600 resoluções aprovadas pelo Conselho de Segurança da ONU, entre a guerra do Golfo para expulsar o Iraque do Kuwait e o início de 2002, quase 800 resoluções foram aprovadas pelo mesmo Conselho. Ou seja, sem a guerra fria, em apenas 12 anos, aprovou-se expressivamente mais resoluções no Conselho de Segurança da ONU que ao longo dos 45 anos de guerra fria. Duas lições podem ser tiradas desta constatação: por um lado, a guerra fria paralisou a ação do Conselho de Segurança da ONU, e por outro lado, o instrumento que procurava garantir a sobrevivência da ONU conseguiu este objetivo mas em detrimento da eficiência. A questão que se impõe então é: qual é a utilidade

de uma organização que existe mas que não é eficiente?

A terceira fase histórica na vida das organizações internacionais no decorrer do século XX iniciou-se com o fim da guerra fria, e pode ser dividida em dois momentos: o primeiro momento foi no fim dos anos 80 e o início dos

Por volta dos anos 80, e como por milagre, a ação da ONU passou a ser muito mais decidida e eficaz em vários conflitos.

anos 90, quando a ONU foi extremamente atuante no cenário internacional, enquanto o segundo momento coincide com o acirramento da crise iugoslava nos Balcãs.

De fato, por volta dos anos 80, e como por milagre, a ação da ONU passou a ser muito mais decidida e eficaz em vários conflitos. O então Secretário Geral da ONU, o peruano Javier Perez Del Cuellar viveu a mudança em todas suas dimensões. Na Ásia, na África e na América Central, a ONU passou a ter uma presença mais marcada, ao ponto de Del Cuellar ter ganhado vários prêmios em homenagem à atuação da ONU para resolver os conflitos naquele momento. Mais revelador ainda, as Forças de Paz da ONU ganharam o prêmio Nobel da Paz em

1988, e foi Del Cuellar que recebeu o prêmio em nome deles. A atuação da ONU na crise do Golfo, após a invasão do Kuwait pelo exército do Presidente Iraquiano Saddam Hussein, representou a culminação deste papel ativo da ONU para preservar a paz e a estabilidade mundiais. A impressão que dominou naquele momento foi que o fim da guerra fria indicou também o fim da paralisia da ONU, já que haveria uma tendência cada vez menor em usar o direito de veto.

Em seguida, vieram duas tragédias consecutivas: a tragédia dos Balcãs, e a tragédia da Ruanda. Nos Balcãs, apesar da mediação dos esforços de limpeza étnica dos sérvios contra a população croata e muçulmana da Bósnia, com imagens em preto e bran-

Foto Carlos Humberto TDC/Imaginatta





co da rede de televisão britânica ITN dos campos de concentração sérbios que lembravam aos europeus os horrores da segunda guerra mundial, a reação da sociedade internacional demorou em se materializar de maneira efetiva. Mais ainda, quando a ONU reagiu, sua reação foi pouco expressiva: foi justamente numa destas zonas "seguras", Srebrenica, sob a vigilância de boinas azuis da ONU, que um dos piores massacres da guerra da Bósnia foi cometido. Durante a tragédia da Ruanda, o atual Secretário Geral da ONU, Kofi Annan, que ocupava o cargo de Secretário Geral Assistente para Operações de Paz, recebeu claros relatórios avisando da iminência da ocorrência de uma tragédia humanitária que poderia ser evitada somen-

te mediante uma decidida intervenção internacional. Não apenas a ONU interveio tarde demais na Ruanda, mas a tragédia acabou adquirindo proporções enormes, com o genocídio de 800.000 Tutsis por milícias Hutus ao longo de um período de 100 dias. Ou seja, foram mais de três meses de massacres sem a sociedade internacional, em geral, e a ONU, em particular, tentarem intervir para impor uma trégua, e salvar vidas humanas.

REFLEXÕES FINAIS

O que se pode concluir destas breves observações sobre as organizações internacionais? Minhas reflexões para responder de maneira concreta a esta pergunta são de três ordens: teórica,

prática e normativa.

Do ponto de vista teórico, existe um dilema inegável nas relações internacionais: se domesticamente, a paz só foi conseguida graças à existência de uma autoridade que tem o monopólio do uso legítimo da força, como responder à ausência, no nível internacional, de uma autoridade acima dos Estados? Várias respostas são possíveis, mas vou destacar aqui três, e vou ignorar a resposta pessimista segundo a qual não há possibilidade de evitar a guerra, pois o estado de natureza mundial é inevitável. A primeira resposta vê a existência de organizações internacionais como um instrumento prático para criar e incentivar interesses e valores comuns entre os Estados, e portanto, evitar que conflitos extrapolem o político e se resolvam por meio das armas. É o esquema atual que evidentemente não tem funcionado (e voltarei a isto logo em seguida, ao discutir as reflexões práticas). Uma segunda solução reside, como fazia Hedley Bull, em misturar Hobbes com Grotius, e afirmar que é o conjunto da Balança de Poder e as leis e normas internacionais que podem manter a paz e a estabilidade mundiais. Pode-se dizer que esta segunda solução nada mais é que um corolário da primeira, e portanto, não tem dado certo. A terceira solução vê que o estado de natureza mundial (chamado também de anarquia internacional) e os organismos internacionais são ambos construções sociais que não são eternas, e portanto, podem ser mudadas. Segundo esta visão, o estado de natureza mundial só é conflitivo porque os Estados assim o querem. Uma concepção diferente do estado de natureza é portanto possível, e pode muito bem ser aplicada. É o que se chama de construtivismo na teoria das relações internacionais.³

Do ponto de vista prático, pode-se afirmar que os organismos internacionais, em geral, e a ONU, em par-



Foto João Ripper

ticular, podem potencialmente jogar um papel importante nas relações internacionais, mas estão longe de o jogar plenamente. Apesar de todas as deficiências da ONU, e como escreve Gelson Fonseca Junior, "nenhum país propôs a extinção das Nações Unidas".⁴ Mas existem três riscos na continuação da situação atual. Primeiro, há o risco da preponderância dos mais fortes tornar os organismos internacionais inoperacionais, como aconteceu com a ONU durante a guerra fria com o abuso do direito de veto, ou como tem acontecido com a negociação atual da Argentina com o Fundo Monetário Internacional (FMI). O segundo risco reside em transmitir uma imagem dos organismos internacionais como sendo manipulados pelos países mais poderosos. Este risco é pior que o primeiro já que a imagem não é de inoperacionalidade mas sim de manipulação. O terceiro risco seria os organismos internacionais jogarem seu papel só pela metade. Isto foi o que ocorreu na Somália, na Bósnia, no Kosovo, na Ruanda ou no conflito no Oriente Médio. Quando a ONU acabou intervindo em alguns destes

casos, muitos danos já haviam sido cometidos.

Do ponto de vista normativo, por fim, afirmo aqui que não se pode negar que os seres humanos têm a obrigação moral de ajudarem quem estiver correndo perigo de vida. Pode-se debater se a intervenção da OTAN no Kosovo foi bem feita ou não, mas não se pode discutir que foi necessária para pôr fim ao massacre dos Albaneses do Kosovo pelos aliados do então presidente sérbio Slobodan Milosevic. Foi a intervenção da OTAN no Kosovo que evitou ali a repetição da tragédia da Ruanda. O compromisso moral não pode ser limitado aos nossos conterrâneos, ou co-cidadãos, ou irmãos de sangue ou de fé. A obrigação de socorrer quem estiver correndo perigo de vida é universal. Os organismos internacionais figuram como um instrumento imprescindível para implementar esta obrigação ética universal de todos em relação a todos.

Destas três reflexões, a teórica, a prática e a normativa, posso concluir que os organismos internacionais podem jogar um papel crucial no cenário internacional, mas que

as organizações internacionais, da maneira que existem hoje, não jogam plenamente este papel. As atuais organizações internacionais têm que ser reformuladas e repensadas para se ajustarem a um papel eminentemente universal, rejeitando assim ser – ou passar a imagem de ser – apenas um instrumento nas mãos dos mais fortes. Organizações internacionais que possam democraticamente refletir a diversidade do mundo são as únicas organizações que poderiam jogar efetivamente um papel positivo e universal nas relações internacionais. E atualmente, não é este o caso. ●

1 Martin Wight, *International Theory: The Three Traditions*, Leicester: Leicester University Press, 1991.

2 O tratado havia sido assinado pelo Presidente Wilson, mas ele não teve a habilidade política de convencer o Senado de seu país de ratificá-lo.

3 Alexander Wendt, *Social Theory of International Politics*, Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

4 Gelson Fonseca Junior, *A Legitimidade e Outras Questões Internacionais*, São Paulo: Paz e Terra, 1998, p.35.

FINANCIANDO EL DESARROLLO

Tras la decepción: necesidad urgente de una coalición internacional contra la pobreza
Conferencia Internacional Financiación del Desarrollo - Monterrey, 21 de marzo de 2002

CIDSE y CARITAS INTERNATIONALIS promueven una aproximación ética para atacar los problemas socio-económicos, desde el concepto de la «opción preferencial por los pobres». Nuestras redes han participado activamente en el proceso de esta conferencia desde su inicio, pues esperábamos que fuera una oportunidad única para que los gobiernos asumiesen compromisos concretos para alcanzar los objetivos de desarrollo del milenio.

Estamos profundamente decepcionados por el pobre resultado de la conferencia de Monterrey. Hace falta mucha más acción multilateral para alcanzar los objetivos de desarrollo del milenio en 2015, tal y como fueron formulados en la cumbre del milenio de Naciones Unidas en 2000, y en particular el de reducir a la mitad el número de personas viviendo en situaciones de pobreza. Tres cuestiones principales siguen sin resolverse: ¿con qué recursos se va a financiar el desarrollo?, ¿con qué marcos económicos y financieros se va a promover una justicia económica y social?, y ¿de qué forma se va a promover una coherencia real entre políticas?

Nuestras redes urgen a los gobiernos a trabajar activamente en el seguimiento de la conferencia de Monterrey. Damos la bienvenida a los recientes anuncios de algunos países donantes de proveer ayuda (AOD) adicional, así como al interés expresado por otros en discutir la aplicación de tasas sobre las transacciones financieras internacionales; esto ayudaría a prevenir las crisis financieras y permitiría generar más recursos para el desarrollo social. Además, urgimos a los países industrializados a adoptar de inmediato acciones concretas en respaldo de las siguientes propuestas incluidas en el «Consenso de Monterrey»:

- Dedicar recursos específicamente a generar un desarrollo sostenible, centra-

do en las personas y con perspectiva de género (párrafo 8).

- Renovar sus esfuerzos encaminados a alcanzar el 0,7% del PIB, subrayando la importancia de fijar calendarios para alcanzar esos objetivos (párrafo 42).

- Una aproximación a la sostenibilidad de la deuda teniendo en cuenta «el impacto de la reducción de la deuda en el progreso hacia la consecución de los objetivos de desarrollo contenidos en la declaración del milenio» (párrafo 49).

- Un compromiso en la promoción de un mecanismo de arbitraje transparente y justo para la deuda externa de los países en desarrollo (párrafo 60).

- Un acuerdo para explorar nuevas fuentes de recursos, incluyendo la tasación de las transacciones financieras, y en particular la decisión de «estudiar los resultados del análisis solicitado por el Secretario General de posibles fuentes innovadoras de recursos» (párrafo 44), que había sido solicitado previamente en la cumbre de Copenhague+5.

- Un marco conceptual sobre los bienes públicos globales -que fue vergonzosamente eliminado del borrador del Consenso en el último minuto- debería explícitamente ser desarrollado y puesto en la agenda de la cooperación internacional bajo los auspicios de las Naciones Unidas.

- La creación de un Consejo de Seguridad económica y social, propuesto por la Comisión de las Naciones Unidas sobre Gobernabilidad Global en 1995, pero nunca adoptado. Esperamos que se den los primeros pasos en esta dirección fortaleciendo el papel de la Asamblea General de las Naciones Unidas y del ECOSOC, tal y como se propone en el párrafo 69 del texto del consenso. Un meca-

nismo de seguimiento debe establecerse para asegurar resultados concretos, y nuestras redes están dispuestas a hacerlo y a respaldar ese proceso.

Nuestras organizaciones miembro están preparadas para respaldar la campaña global propuesta por las Naciones Unidas para alcanzar los objetivos de desarrollo acordados internacionalmente, incluidos los contenidos en la declaración del milenio (párrafo 71).

Tras Monterrey, nuestras redes seguirán trabajando en estos asuntos y harán un seguimiento estricto de la aplicación de los compromisos de la conferencia y de los próximos pasos para asegurar su cumplimiento efectivo. Hoy más que nunca necesitamos iniciativas de acción con calendarios explícitos.

Hoy hay mucha atención puesta en la necesidad de combatir el terrorismo en nuestro mundo. En cualquier caso, una paz duradera y una seguridad para todos requiere una acción concertada para combatir el terror de la pobreza, el hambre y la falta de esperanza consiguientes que afectan a un enorme número de personas en la tierra. Por ello urgimos a los gobiernos a respaldar la «Coalición internacional contra la pobreza» propuesta por las Naciones Unidas.

CIDSE agrupa 14 organizaciones católicas de desarrollo con sede en Europa y Norteamérica.
 Email: postmaster@cidse.org.

Caritas Internationalis es una confederación de 155 organizaciones católicas de ayuda, desarrollo y acción social presente en 198 países y territorios.
 Email: caritas.internationalis@caritas.va.

¿Hacia dónde se dirigen las organizaciones internacionales?

Partiendo del análisis de las visiones Hobbesiana, Kantiana y Grotiana, así como de hechos históricos del período entre guerras hasta la actualidad, el autor propone reflexiones teóricas, prácticas y normativas y concluye que los organismos internacionales, en general, y la ONU, en particular, poseen potencial para asumir un papel importante en las relaciones internacionales, que actualmente se encuentran muy lejos de asumir. Para que dejen de ser - o aparentar ser- un instrumento en las manos de los más fuertes, estas organizaciones deben ser reformuladas y ajustarse a un papel eminentemente universal, reflejando democráticamente la diversidad del mundo.

Nizar Messari
Rio de Janeiro - Brasil

*Profesor e Investigador
Instituto de Relaciones
Internacionales (IRI/PUC - Rio)*

Hago la afirmación en el presente artículo de que las organizaciones pueden potencialmente jugar un papel importante en las relaciones internacionales para garantizarle la paz y la prosperidad a todos los ciudadanos del mundo. Sin embargo, las organizaciones internacionales que existen hoy en día no pueden cumplir este papel. Para llegar a esta afirmación, propongo una discusión teórico-histórica que me permitirá, al final de este artículo, producir reflexiones de orden teórico, práctico y normativo.

LA NECESIDAD TEÓRICA DE LAS ORGANIZACIONES INTERNACIONALES

Martin Wight, un teórico inglés de las Relaciones Internacionales, definió en la década del 50 tres visiones posibles sobre las relaciones internacionales.¹ La primera era la visión Hobbesiana, la segunda era la visión Kantiana y la tercera, la visión Grotiana. Las relaciones internacionales, según los seguidores de Thomas Hobbes, son relaciones entre Estados que coexisten en una naturaleza a nivel internacional. Las relaciones de Estado consistirían en una lucha de todos contra todos, en donde cada Estado sólo puede contar con sus propias capacidades para sobrevivir. Las relaciones internacionales, según los seguidores de Immanuel Kant, deberían estar marcadas por una evolución rumbo a la construcción de la paz perpetua.



R. Oliva (Fotomontagem)

Para obtenerse la paz perpetua, debería crearse una confederación mundial de los Estados, una ley cosmopolita internacional y deberá garantizarse y respetarse el derecho a la hospitalidad en relación al extranjero. Las relaciones internacionales, según los seguidores de Hugo

que garantiza una convivencia madura y estable entre los Estados. Uno de los componentes de esta convivencia madura y estable es la creación de organismos internacionales cuyo papel sería facilitar, encuadrar e implementar las reglas de coexistencia pacífica entre los Estados.

en la necesidad de evitar repetir los dramas vividos por los europeos durante la guerra. Uno de los caminos indicados fue propuesto por el entonces presidente norteamericano Woodrow Wilson: la creación de una liga entre los Estados cuyo papel sería mantener la paz mundial.



Foto João Ripper

Grotiu, deberían estar pautadas por el respeto a los códigos de conducta elaborados por los propios Estados, o sea, por la elaboración de tratados internacionales entre los Estados que organizarían las relaciones entre esos Estados. Varios analistas de las relaciones internacionales concuerdan en que la primera opción Hobbesiana conduciría al caos internacional y que la opción Kantiana es demasiado utópica en el contexto internacional contemporáneo. Se destaca, por lo tanto, la tercera y última opción, inspirada en el pensamiento Grotiano, y

UNA BREVE HISTORIA DE LAS ORGANIZACIONES INTERNACIONALES EN EL SIGLO XX.

La historia de las organizaciones internacionales en el transcurso del siglo XX se puede dividir en tres grandes etapas: la primera fue en el período entre guerras, la segunda fue la guerra fría y la tercera, coincidió con el fin de la guerra fría y el derrocamiento de la Unión Soviética. Después de la tragedia de la primera guerra mundial, líderes políticos y académicos se sintieron

De esta manera, se creó la Liga de las Naciones entre los Estados independientes. Sin embargo, la capacidad efectiva de la Liga de jugar un papel preponderante en las relaciones internacionales fue desde su creación puesta en duda, debido a la resistencia, por parte del Senado norteamericano, de ratificar el tratado de adhesión a la Liga.² Sin la presencia, entre sus miembros, de una de las principales potencias del momento -o mejor, la potencia sin la cual Alemania no habría sido derrotada en la primera guerra mundial- la Liga estaba prácticamente pre-

destinada al fracaso. La segunda guerra mundial, en realidad, simboliza la vulnerabilidad del sistema creado después de la primera guerra mundial y cuya llave maestra era la Liga de las Naciones: si el objetivo, al crearse la Liga, era evitar repetir la tragedia de la primera guerra mundial, el hecho de haberse producido la segunda guerra mundial indicaba a las claras el fracaso de la Liga.

Con las lecciones del fracaso de la Liga de las Naciones aprendidas, el período posterior a la segunda guerra mundial conoció la creación de varios tipos de organismos internacionales, de entre los cuales se destacaba de forma particular uno que es eminentemente mundial: la Organización de las Naciones Unidas (ONU). La principal lección sobre el fracaso de la Liga de las Naciones -que fue instrumental para la construcción de la ONU- tenía relación con los Estados que deberían ser miembros. La lección era que la Liga de las Naciones había fracasado en su misión de mantener la paz mundial porque una de las principales potencias del momento, por ejemplo, los Estados Unidos, no era de la Liga. La lección, entonces, era que todos los Estados más influyentes del sistema internacional que prevaleció posteriormente a la segunda guerra mundial, deberían necesariamente ser miembros de la ONU. Para que esto fuera posible, era necesario evitar que el Senado norteamericano se opusiera nuevamente a la ratificación del tratado de adhesión de los EE.UU a la ONU. Esto significaba que debía crearse una salida de escape a los EE.UU, de manera que se preservasen sus intereses como potencia. La solución, entonces, se traducía en la creación del derecho al veto. Pero como no era posible garantizar el derecho al veto solamente a los EE.UU, se creó el Consejo

de Seguridad de las Naciones Unidas con algunos miembros permanentes que tienen derecho al veto. El Consejo les garantiza a las principales potencias que sus intereses nunca se verán amenazados. Junto a los miembros permanentes y para producir una imagen democrática, se estableció también el principio de

Haciendo una mirada retrospectiva, se puede decir que la ONU tuvo más éxito que la Liga de las Naciones, ya que la Liga desapareció con casi 20 años de existencia, mientras que la ONU ya cuenta con más de 50 años de vida.

miembros temporarios del consejo representando a las diferentes regiones del mundo.

Haciendo una mirada retrospectiva, se puede decir que la ONU tuvo más éxito que la Liga de las Naciones, ya que la Liga desapareció con casi 20 años de existencia, mientras que la ONU ya cuenta con más de 50 años de vida. No obstante, esta afirmación no puede ignorar el hecho de que el mismo instrumento político que garantizó la sobrevivencia de la ONU, garantizó también su parálisis. De hecho, los miembros permanentes del Consejo de Segu-

ridad de la ONU abusaron del derecho al veto para proteger no sólo sus intereses sino también los intereses de sus aliados. De esta manera, siempre que se producía alguna crisis internacional de dimensiones importantes y que estaba inserta en el contexto general de la guerra fría, la ONU se veía inmovilizada debido al uso de una de las partes de su derecho al veto para obstruir la acción de la ONU. Para que se tenga una idea, si entre 1945 y principios de 1990 había solamente un poco más de 600 resoluciones aprobadas por el Consejo de Seguridad de la ONU, entre la guerra del Golfo para expulsar a Irak de Kuwait y principios de 2002, casi 800 resoluciones fueron aprobadas por el mismo Consejo. O sea, sin la guerra fría, en solamente 12 años, se aprobaron más resoluciones en el Consejo de Seguridad de la ONU que a lo largo de los 45 años de la guerra fría. Dos lecciones pueden sacarse de esta constatación: por un lado, la guerra fría paralizó la acción del Consejo de Seguridad de la ONU, y por el otro lado, el instrumento que buscaba garantizar la sobrevivencia de la ONU consigue este objetivo, pero en detrimento de su eficiencia. La pregunta que se nos impone es: ¿Cuál es la utilidad de una organización que existe y que no es eficiente?

La tercera fase histórica en la vida de las organizaciones internacionales en el transcurso del siglo XX se inició con el fin de la guerra fría, y se puede dividir en dos momentos: el primer momento fue a fines de los años 80 e inicio de los 90, época en que la ONU desempeñó un papel extremadamente activo en el escenario internacional. El segundo momento coincidió con la crisis -instigada- de Yugoslavia en los Balcanes.

De hecho, alrededor de los años 80, y como por obra de un milagro,

la acción de la ONU pasó a ser mucho más decidida y eficaz en varios conflictos. El entonces Secretario General de la ONU, el peruano Javier Pérez Del Cuellar vivió el cambio en todas sus dimensiones. En Asia, en África y en América Central, la ONU comenzó a tener una presencia más marcada, al punto que Del Cuellar ganó varios premios en homenaje al accionar de la ONU para resolver los conflictos de aquel momento. Más revelador aún, las Fuerzas de Paz de la ONU ganaron el premio Nobel de la Paz en 1988, y fue Del Cuellar quien recibió el premio en nombre de ellos. La actuación de la ONU en la crisis del Golfo, después de que la región de Kuwait fue invadida por el ejército del presidente iraquí Saddam Hussein, representó la culminación de ese papel activo de la ONU para preservar la paz y la estabilidad del mundo. La impresión que dominó en aquel momento fue que el fin de la guerra fría marcó también el fin de la parálisis de la ONU, ya que había una tendencia cada vez menor en usar el derecho al veto.

Inmediatamente después, se sucedieron dos tragedias: la tragedia de los Balcanes y la tragedia de Ruanda. En los Balcanes, a pesar de la transmisión de los esfuerzos de limpieza étnica por parte de los serbios contra la población croata y musulmana de Bosnia, con imágenes en blanco y negro por parte de la red de televisión británica ITN de los campos de concentración serbios -que les recordaban a los europeos los horrores de la segunda guerra mundial- la reacción de la sociedad internacional demoró en materializarse de manera efectiva. Más aún, cuando la ONU reaccionó, lo hizo de manera poco expresiva: fue justamente en una de estas zonas «seguras», Sebrenica, bajo vigilancia de los cascos azu-

les de la ONU, que se cometió una de las peores masacres de la guerra de Bosnia. Durante la tragedia de Ruanda, el actual Secretario General de la ONU, Kofi Annan, ocupaba el cargo de Secretario General Asistente para las Operaciones de Paz y recibió claros informes que avisaban de la inminencia de una tragedia humanitaria que podría haber sido evitada, con la sola y decidida intervención internacional. Pero no fue sólo el hecho de la ONU haber intervenido demasiado tarde en Ruanda, fue también el hecho de que

Las actuales organizaciones internacionales deben ser reformuladas y repensadas para que se ajusten a un papel eminentemente universal.

la tragedia acabó adquiriendo proporciones enormes con el genocidio de 800.000 Tutsis por las milicias Hutus en un período de 100 días. Es decir, fueron más de tres meses de masacres sin que la sociedad, en general, y la ONU, en particular, hayan intentado intervenir para imponer una tregua y salvar vidas humanas.

REFLEXIONES FINALES

¿Qué puede concluirse de estas breves observaciones sobre las organizaciones internacionales? Mis reflexiones para responder de manera concreta a esta pregunta son de tres órdenes: teórico, práctico y normativo.

Desde el punto de vista teórico, existe un dilema innegable en las relaciones internacionales: ¿si en el ámbito doméstico, la paz sólo fue conseguida gracias a la existencia de una autoridad que posee el monopolio del uso legítimo de la fuerza, cómo podemos responder sobre la ausencia - a nivel internacional - de una autoridad que esté por encima de los Estados? Varias respuestas son posibles, pero aquí voy a destacar sólo tres. Ignoraré la respuesta pesimista, según la cual, no existe la posibilidad de evitarse la guerra pues el estado de naturaleza mundial es inevitable. La primera respuesta ve la existencia de las organizaciones internacionales como un instrumentos práctico para crear e incentivar intereses y valores comunes entre los Estados, y por lo tanto, para evitar que los conflictos extrapolen el ámbito político y se resuelvan por medio de las armas. Se trata en este caso del esquema actual, el cual, evidentemente, no ha funcionado (volveré a este punto más tarde, cuando mencione las reflexiones prácticas). Una segunda solución reside, como hacía Hedley Bull, en mezclar Hobbes con Grotius y afirmar que es el conjunto de la Balanza de Poder, las leyes y las normas internacionales las que pueden mantener la paz y la estabilidad mundiales. Se puede afirmar que esta segunda solución no es más que un corolario de la primera, y que por ese motivo, no ha dado resultado. La tercera solución ve al estado de naturaleza mundial (llamado también de anarquía internacional) y a



Foto João Ripper

los organismos internacionales, como construcciones sociales no eternas, y que por lo tanto, pueden ser modificadas. Según esta visión, el estado de naturaleza mundial es conflictivo porque los Estados así lo quieren. Se trata de una concepción diferente del estado de naturaleza mundial, lo que hace que sea posible y perfectamente aplicable. Es lo que se llama constructivismo en la teoría de las relaciones internacionales.³

Desde el punto de vista práctico, se puede afirmar que los organismos internacionales en general, y la ONU en particular, pueden potencialmente jugar un papel importante en las relaciones internacionales, pero están lejos de poder desempeñar este papel plenamente. A pesar de todas las deficiencias de la ONU, según escribe Gelson Fonseca Junior, «ningún país propuso la extinción de las Naciones Unidas»⁴. Sin embargo, si se continúa con la situación actual se corren tres riesgos. Primero, existe el riesgo de que se les de preponderancia a los más fuertes y de que éstos conviertan a los organismos internacionales en organismos ino-

perantes, como sucedió con la ONU durante la guerra fría con el abuso del derecho de veto, o como ha estado sucediendo en las actuales negociaciones de la Argentina con el Fondo Monetario Internacional (FMI). El segundo riesgo reside en que se transmita la imagen de que los organismos internacionales son manipulados por los países más poderosos. Este riesgo es peor que el primero ya que la imagen que se transmite no es de inoperancia sino de manipulación. El tercer riesgo es que los organismos internacionales jueguen su papel a medias. Esto fue lo que ocurrió en Somalia, en Bosnia, en Kosovo, en Ruanda o en el conflicto de Oriente Medio. Cuando la ONU decidió intervenir, en muchos de estos casos, los daños ya habían sido cometidos.

Finalmente, desde el punto de vista normativo, hago la afirmación de que no se puede negar que los seres humanos tienen la obligación moral de ayudar a las personas cuya vida corra peligro. Se puede debatir si la intervención de la OTAN en Kosovo fue bien hecha o no, pero no se puede discutir si fue necesaria para poner fin a la masacre de

los albaneses de Kosovo por parte de los aliados del entonces presidente serbio Slobodan Milosevic. Fue la intervención de la OTAN en Kosovo la que evitó que allí se repitiese la tragedia de Ruanda. El compromiso moral no puede ser reservado a nuestros coterráneos o conciudadanos, o hermanos de sangre o de fe. La obligación de socorrer a quien esté corriendo peligro es universal. Los organismos internacionales figuran como un instrumento imprescindible para implementar esta obligación ética universal de todos en relación a todos.

De estas tres reflexiones: la teórica, la práctica y la normativa, puedo concluir que los organismos internacionales pueden jugar un papel crucial en el contexto internacional, pero teniendo en cuenta la manera como ellos existen hoy, no les es posible desempeñarlo plenamente. Las actuales organizaciones internacionales deben ser reformuladas y repensadas para que se ajusten a un papel eminentemente universal, rechazando de esta manera la imagen - o evitando transmitirla - de un instrumento en las manos de los más fuertes. Las organizaciones internacionales que puedan democráticamente reflejar la diversidad del mundo son las únicas organizaciones que podrían representar, efectivamente, un papel positivo y universal en las relaciones internacionales. Y actualmente, no es éste el caso. ●

1 Martin Wight *International Theory: The Three Traditions*, Leicester: Leicester University Press, 1991.

2 El tratado había sido firmado por el presidente Wilson, pero él no tuvo la habilidad política para convencer al Senado de su país de ratificarla.

3 Alexander Wendt *Social Theory of International Politics*, Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

4 Gelson Fonseca Junior *A Legitimidade e Outras Questões Internacionais* São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 35.



Foto João Ripper

A solução para a recessão no mundo existe há mais de 50 anos. É o plano Marshall, inventado para o contexto britânico e utilizado com sucesso na esfera internacional para reerguer a Europa após a Segunda Guerra Mundial. Exagerando os números, um programa para atender ao padrão básico de vida de todos os habitantes do planeta e promover a preservação ambiental custaria 200 bilhões de dólares anuais durante 10 anos, soma insignificante no mundo atual. A implantação da Taxa Tobin sobre transações monetárias equilibraria o câmbio e obteria receitas para a comunidade internacional. O FMI, por sua vez, deveria ser abolido, caso não pudesse ser reformado.

Una nueva arquitectura financiera mundial para enfrentar las crisis

Susan George
Francia

*Directora Asociada del Instituto
Transnacional en Amsterdam
y Vicepresidenta de ATTAC*

Es curioso que, a medida que el mundo se hunde cada vez más profundamente en la recesión, los dirigentes políticos más conocidos parecen no tener la clave para salir de ella. La solución a este problema, sin embargo, tiene más de 50 años. Fue inventada por el economista británico John Maynard Keynes para el contexto nacional y usada exitosamente en la esfera internacional después de la Segunda Guerra Mundial. Esta solución de la posguerra fue llamada Plan Marshall y puso de nuevo a Europa de pie. Sirvió para volver a colocar a este continente en la posición de viable socio comercial de Estados Unidos.

Actualmente hay dos caminos keynesianos para hacer arrancar a

la economía mundial. Uno es el gasto masivo internacional para preservar el ambiente. El otro es el de comenzar a incluir a miles de millones de personas que han sido dejadas fuera de la economía mundial por una globalización dirigida por las grandes corporaciones

El Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo (PNUD) afirma que aproximadamente con 90.000 millones de dólares anuales se podría cubrir el estándar básico de vida -suficiente comida, agua potable, vivienda, cuidado básico de la salud y educación- de todos los habitantes del planeta. Digamos, exagerando, que el programa básico más una limpieza y preservación ambiental llegarían a costar unos

Los actuales poseedores de una extraordinaria riqueza, como los ricos de Nueva York un siglo atrás, naturalmente ofrecerán resistencia. Pero ello no es razón, todo lo contrario, para disminuir la presión sobre ellos.

200.000 millones de dólares al año durante 10 años. En el mundo actual ésta es una suma insignificante.

Es en vano esperar que la ayuda oficial al desarrollo cumpla por sí sola esta tarea. La ayuda oficial al desarrollo de los países integrantes de la Organización para la Cooperación y el Desarrollo Económico (OCDE), que agrupa a los países desarrollados, está cayendo precipitadamente en cerca de un cinco por ciento anual, lo que demuestra que la preocupación del Norte por el Sur fue en gran medida un fenómeno de la Guerra Fría y que muchos países simplemente han perdido todo el interés estratégico que pudieron haber tenido alguna vez. La meta del aporte en ayuda para el desarrollo del 0,7 por ciento del Producto Interno Bruto a cargo de los países desarrollados que fuera establecida por la Organización de las Na-

ciones Unidas es una piadosa ficción. La ayuda oficial al desarrollo ahora representa un escaso 0,22 por ciento del PIB de los países miembros de la OCDE, según el Comité de Ayuda al Desarrollo de esta propia organización.

Deberíamos dejar de pretender que un cambio verdadero pueda surgir de las contribuciones presupuestarias nacionales e ir a buscar el dinero donde realmente está, en los mercados financieros internacionales, en paraísos fiscales y en las cajas de caudales de las corporaciones transnacionales.

Una excelente herramienta para alcanzar esta meta es la Tasa Tobin sobre las transacciones monetarias.

Cien años atrás, las desigualdades en los países ahora ricos fueron llevadas a la atención pública por

unos pocos cruzados. Los niveles de salud y educación, el analfabetismo, las pésimas viviendas, el crimen, las tasas de mortalidad infantil en los barrios pobres de Londres y Nueva York eran desde todo punto de vista comparables con los que ahora encontramos en muchos países del Tercer Mundo. Estas groseras desigualdades fueron finalmente reconocidas no sólo como meramente escandalosas sino también como peligrosas para la sociedad en su conjunto, incluyendo a sus miembros más privilegiados.

Impuestos graduados a los ingresos fueron finalmente introducidos entonces, de manera que la redistribución y la inclusión social pudieran avanzar.

Ahora estamos en una encrucijada semejante con respecto de las

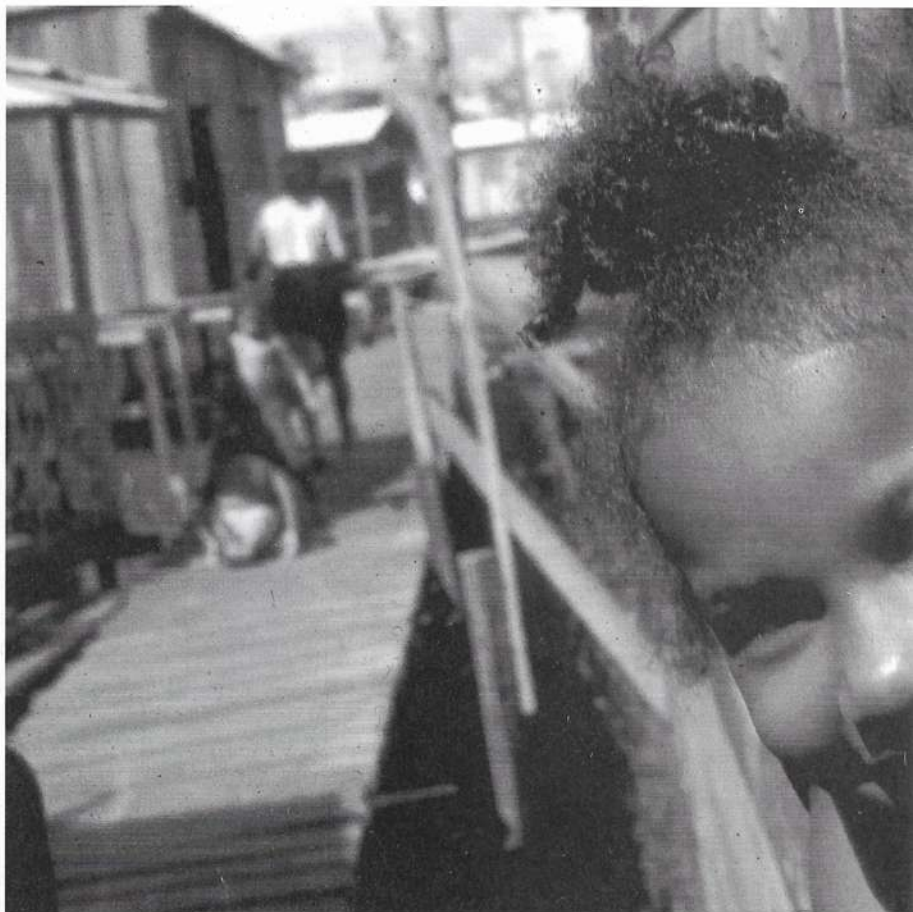


Foto João Ripper

desigualdades Norte-Sur. El dinero para enfrentarlas está disponible, pero deberá venir del establecimiento de impuestos internacionales. Tal reparación y renovación es necesaria para los intereses de todos.

A pesar de todas las conversaciones que se desarrollan desde hace unos tres años sobre una «nueva arquitectura financiera», no se han establecido nuevas salvaguardias y en estos momentos estamos todos contemplando el colapso de Argentina, seguido por quién sabe que otros desastres humanos.

El movimiento de organizaciones civiles, por su parte, está reclamando una genuina nueva arquitectura financiera. Los prestamistas negligentes y los inversores imprudentes deberían ser forzados a asumir la responsabilidad por sus acciones.



Ilustração: R. Oliva

Después de todo ¿no son el riesgo y la responsabilidad lo que se supone sean características esenciales del capitalismo?

El Fondo Monetario Internacional (FMI) debería de nuevo ser lo que Keynes suponía que debía ser: un mecanismo para ayudar a los países con problemas temporarios de balanza de pagos. Debería aconsejarlos sobre cómo evitar que contraigan nuevas deudas en divisas fuertes en el futuro y debería supervisar un plan para la deuda largamente vencida e impaga: una total cancelación de ella para los países más pobres; procedimientos de quiebra ordenados y rebajas para muchos otros. Y si no puede ser reformado, el FMI debería ser abolido y reemplazado por una nueva institución crediticia internacional.

Personas que han trabajado en estas cuestiones durante muchos años han llegado frecuentemente a la conclusión de que la deuda no es un problema financiero o económi-

co en absoluto, sino un problema político. Es el mejor instrumento de poder y control del Norte sobre el Sur (y ahora también sobre el Este) jamás inventado. Muy superior al colonialismo, que requiere un ejército, una administración pública y provoca críticas de los medios de comunicación. El control a través de la deuda no sólo no requiere infraestructura sino que también al final hace que la gente pague por su propia opresión.

El movimiento de ciudadanos ve que el alivio de la deuda es una condición esencial para unas relaciones más igualitarias entre Norte y Sur y mucha gente subraya que debería ser acompañado por la restitución de las riquezas arrancadas al Sur desde hace décadas o siglos. Los bancos privados, así como los acreedores públicos multilaterales y bilaterales deberían ser obligados a participar: a ellos se les ha pagado ya en exceso lo que habían prestado. ●



idéias em rede ideias em red

Em 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos foram vítimas do pior ataque de sua história em seu próprio território. O caso demonstra a vulnerabilidade, a fragilidade de sociedades e instituições aparentemente inatacáveis. A escalada armamentista mostrou-se inútil como sistema de defesa na hora crucial. Todos os terrorismos são sintomas de conflitos não resolvidos. É necessário, portanto, resolver os conflitos políticos, econômicos e sociais que suscitam o terrorismo, pois não é possível exterminá-lo usando força militar como castigo.

La mañana del martes 11 de septiembre del año 2001, miles de personas que se encontraban cerca o dentro del World Trade Center (Centro Mundial de Comercio) dejaron de existir al producirse un día de terror: las Torres Gemelas de New York fueron desplomadas por dos aviones comerciales de American Airlines que fueron utilizados como armas. El luto y el dolor llegaron a miles de familias por sus muertos o sus heridos. El Presidente Bush desde la Casa Blanca dirigió prontamente un mensaje a la nación diciendo: "El terrorismo contra nuestro país no va a ser tolerado". Trece minutos más tarde en el Pentágono, cuartel general de las Fuerzas Armadas estadounidenses, otro Boeing 757 de American Airlines se desplomaba sobre el ala suroeste del Pentágono, en Washington, mientras un coche bomba detonaba muy cerca del

Departamento de Estado. Luego se sabría que su verdadero objetivo era la residencia del presidente de Estados Unidos. Minutos después otro Boeing, con el claro propósito de ser desviado hacia Washington, fue derribado en las afueras de Pittsburgh (Pensilvania).

En pocos minutos la nación más poderosa del mundo, era víctima del peor ataque de su historia en su propio territorio. Probablemente el atentado que produjo el número más alto de víctimas súbitas de cualquier crimen. Los blancos fueron lugares de inmenso poder, New York y Washington. ¿No eran los más fuertes del planeta? Los hechos ponen al descubierto la vulnerabilidad, la fragilidad de sociedades e instituciones a las que se atribuía una fortaleza a prueba de todo. En Nueva York y Washington sucedió que "la potencia

¿Quiénes son los fuertes?

Fabiola Luna Pineda
Lima - Perú

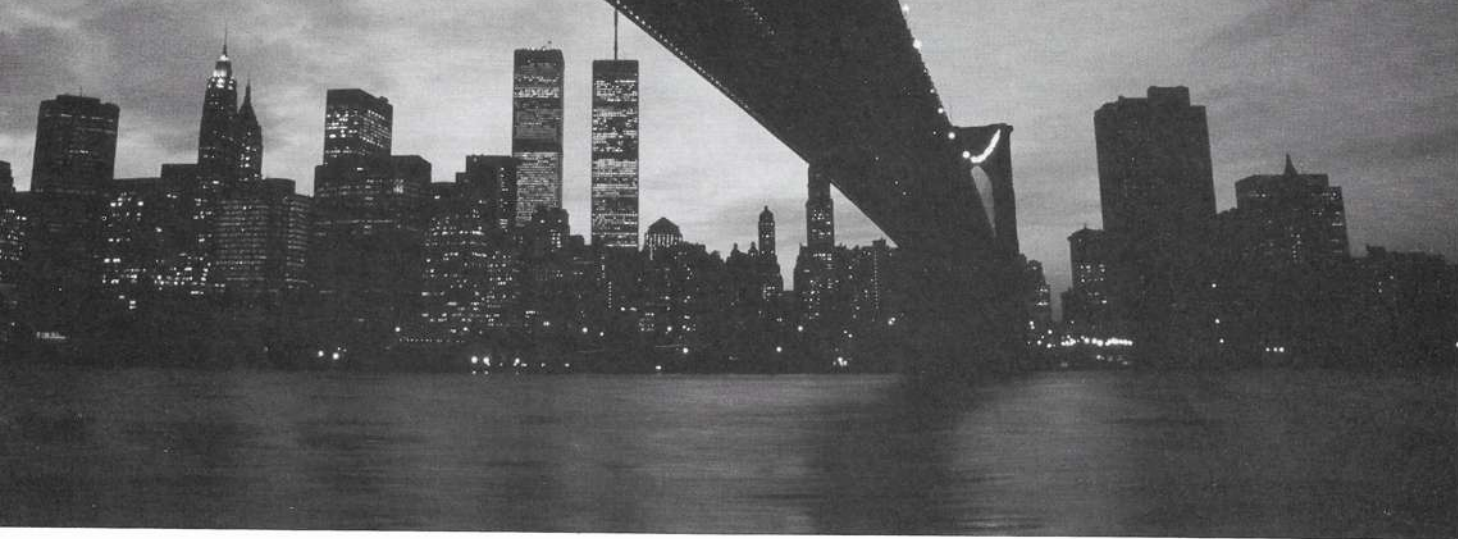


Foto archivo Novamerica

mayor del mundo demostró su impotencia y la impotencia mayor demostró su potencia”.

CRISIS GLOBAL DE INSEGURIDAD

Los norteamericanos y residentes de ese país se debatían entre la incredulidad, el pánico y la ira, mientras las cadenas de televisión repetían las imágenes de los aviones estrellándose contra las Torres Gemelas, símbolos del poder económico norteamericano. La nación entera fue presa del pánico; se temían ataques con gases venenosos y el miedo disparó las ventas de máscaras y vestidos aislantes. No habían caído solamente símbolos materiales sino que se ponía de manifiesto la extrema fragilidad en que se asientan los millones y millones de personas en el planeta.

El tamaño de la vulnerabilidad del país más poderoso era inimaginable. ¿De qué había servido la escalada armamentista en la que se ha basado el crecimiento económico norteamericano? Sólo para que las grandes industrias ganen dinero porque han resultado absolutamente inútiles como sistemas de defensa en la hora crucial.

El ataque terrorista a EE.UU. dejó una sensación de inseguridad en los norteamericanos y en mayor o menor medida, esa sensación se extendió a las poblaciones de otros países, sobre todo europeos, objetivos factibles del mismo terrorismo. El hecho es que ha sucedido una crisis global de seguridad. Washington se puso de inmediato a la tarea de neutralizar en lo posible esa impresión de inseguridad y devolver la confianza a sus ciudadanos, tranquilizar a la población. En la gran crisis desencadenada tras

los atentados, Bush ha intentado ejercer un liderazgo imprescindible en una sociedad sometida a una sofisticación demencial. En la medida en que también les ha afectado la crisis, otros países como los europeos siguieron la misma tónica.

OPORTUNIDAD PARA DEBATIR SOBRE EL ESTADO DEL MUNDO CONTEMPORÁNEO

Los autores de los atentados se inmolaron junto con sus víctimas. A diferencia del sacrificio ritual estudiado por René Girard, cuya función es la de detener el ciclo de violencia mediante un acto simbólico que restaure el equilibrio entre las pulsiones de vida y las de muerte en la colectividad, los atentados terroristas instauran el ciclo de venganza y la vio-

lencia que destruye los fundamentos en que se apoyan la sociedad de derecho y la democracia. Pero es necesario decir que todos los terrorismos son síntomas de conflictos no resueltos, por ello debe abordarse la resolución de los conflictos políticos, económicos y sociales que los suscitan. ¿Puede conseguirse la desaparición del terrorismo con la fuerza militar aplicada como castigo? ¿Cómo se podrá salir adelante enfrentando barbarie contra barbarie? Sólo la constitución y desarrollo de un frente unido contra la injusticia internacional y social puede servir para volver inútiles esos actos desesperados y lograr que en el futuro éstos ya no sean posibles. Para Chomsky, si queremos reducir el nivel de terror tenemos un camino fácil: "dejar de participar en el terror, eso reduciría automáticamente el nivel del terror. Pero eso no puede ser discutido. Bueno, debemos hacer posible que se discuta la idea. Así que esa es una manera fácil de reducir el nivel del terror".

Hasta el 11 de septiembre, Occidente se sentía satisfecho con su desarrollo, aunque a nivel mundial las diferencias entre las personas fueran inmensas. En 1999, el presidente Bill Clinton decía ante la Asamblea General de la ONU que más de mil millones de seres humanos viven con menos de un dólar diario y que cada año cuarenta millones de hombres, mujeres y niños mueren de hambre en "nuestro mundo feliz". El veinte por ciento de la población mundial consume el noventa por ciento del producto mundial. Las cifras de la injusticia abundan y la indiferencia ante ellas hace que los pobres se sienta rechazados y marginados, sin salida, llenos de frustración, odio, envidia e ira. Estos sentimientos son la fuente principal de la violencia. Son éstos los mundos que chocaron trágicamente sobre las metrópolis norteamericanas. Es más cierto que somos testigos de la confrontación entre las pocas personas

El mundo es un espacio en el que nadie puede vivir solo sin considerar temores, angustias problemas de los demás; en el mundo actual se hace imposible la existencia de "islas de afortunados".

con medios y recursos de todo tipo y los muchos pobres que no tienen perspectivas de salir de la marginación, que de un choque entre la civilización de Occidente y la de Oriente.

Por primera vez desde el término de la guerra fría comenzó un debate serio sobre el estado del mundo contemporáneo. Toda esta situación puede convertirse en una gran oportunidad, que el 11 de septiembre dé inicio una nueva gran transformación del mundo.

Algo cambió definitivamente en EE UU. Se ha dado cuenta de que su suerte está ligada a la de todos los pueblos de un mundo que cada vez es más pequeño. "Ha muerto el mito de la América invulnerable, aislada por los océanos de todas las miserias y violencias". A los norteamericanos se les ha impuesto una forma distinta de entenderse y entender: que el mundo es un espacio en el que nadie puede vivir solo sin considerar temores, angustias problemas de los demás; que en el mundo actual se hace imposible

la existencia de "islas de afortunados". Para algunos es una gran oportunidad para que Estados Unidos en su hora vulnerable se convierta en la última isla "en proceso de unirse al mundo en sus cuitas y dificultades".

LA HEGEMONÍA ESTADOUNIDENSE

Alain Touraine se pregunta si puede alguien hoy negarse a ver la extrema hegemonía ejercida por Estados Unidos sobre el conjunto del mundo. Desde los enemigos invadidos hasta unos aliados que marchan al paso que les marcan.

Para los norteamericanos es impostergable una reflexión y una discusión seria de la opinión pública estadounidense sobre su papel a nivel mundial, la elección de sus aliados o su interdependencia con el resto del mundo. Desde la Segunda Guerra Mundial, Estados Unidos "ha extendido su alcance a todo el mundo utilizando métodos que no precisan descripción, pero siempre matando a otros, desarrollando batallas en otros lugares. Las masacres siempre fueron en otros países, no aquí, dentro del territorio nacional" (Chomsky). No les puede quedar sin sopesar el hecho de que, también, desde la Segunda Guerra Mundial, EEUU no ha declarado la guerra a ningún país, pero sus fuerzas especiales estaban en 1999 desplegadas en un centenar y medio de países y territorios, sin contar las misiones secretas de las que no se informa al Congreso. La política norteamericana ha sido prepotente y quizá ahora haya comprendido que no pueden durar los poderes violentos sin suscitar la barbarie y la locura de quienes ya no tienen nada más que perder que el hambre y la humillación.

Sin duda, la enemistad que han conseguido los estadounidenses, ese odio tan profundo, se debe a la forma en que han utilizado el poder en Oriente Medio. Eso incluye

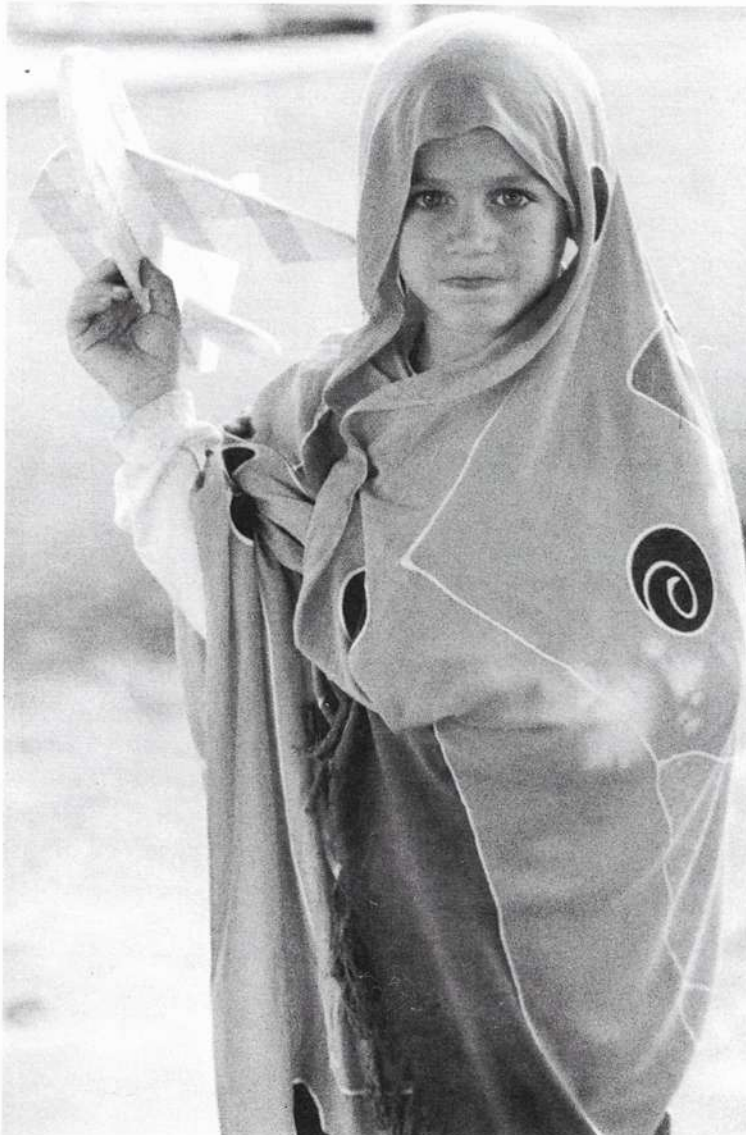


Foto João Ripper

el ciego apoyo político, diplomático y económico a Israel y a su ocupación de tierras palestinas; incluye el apoyo estadounidense a años de estrangulamiento económico de Irak, como incluye el estacionamiento de tropas estadounidenses en toda la región, especialmente las que ocupan territorios de Arabia Saudí. Pero, quizás, la mayor causa de antagonismo que suscita la primera potencia mundial es la arrogancia con que se ejerce el incuestionable poder estadounidense, haciendo caso omiso de los requisitos

de la ONU, abandonando los tratados que cuentan con el respaldo internacional y, al mismo tiempo, exigiendo que los demás países respeten estrictamente las resoluciones de la ONU y el derecho internacional.

Los sucesos que empezaron el 11 de setiembre siguieron: el 15 de setiembre el presidente Bush acusa oficialmente a Osama bin Laden de ser el principal sospechoso de la organización de los atentados y anuncia una "acción arrolladora, continua y eficaz contra los autores". En Kandahar, Afganistán, Mulá Mohammed Omar, que

presidía el gobierno fundamentalista de los talibanes, llama a todos los musulmanes a la "guerra santa". Estados Unidos exigió que bin Laden y sus colaboradores fueran entregados para evitar una ofensiva militar contra territorio afgano. Lo que no se consiguió. La ofensiva militar llegó el 7 de Octubre bajo el rótulo de "Libertad Duradera", que reemplazó la operación bautizada en un inicio, soberbiamente, como "Justicia Infinita".

Bajo la convocatoria del presidente George Bush, fuerzas militares estadounidenses, francesas y británicas tomaron Afganistán para deponer el régimen talibán. Al cabo de dos meses de bombardeos aéreos y combates aislados el grupo rebelde afgano, la Alianza del Norte, tomó pleno control de la capital, Kabul, y de inmediato juró como nuevo Primer Ministro Hamid Karzai, musulmán moderado elegido por las facciones afganas decididas a formar un nuevo gobierno. Una vez derrocado el gobierno fundamentalista islámico, las acciones se han centrado en la captura de Osama bin Laden y de Mulá Omar, quienes siguen hasta ahora fugitivos.

¿QUIÉNES SON LOS FUERTES?

¿Qué quiénes son los fuertes? De hecho los miles de afganos que soportan años de guerras, sin tregua. Los hechos han demostrado que los escudos de misiles y la cultura de las armas no nos hacen invulnerables y no sirven para salvaguardar al mundo. Lo que nos salva es la fortaleza producto del compatir y de la distribución de los bienes, la profunda convicción que el poder absoluto es el fracaso de la política, la cultura de la paz y un efectivo compromiso moral que impida efectivamente las injusticias. Desde hace dos mil años se nos enseñó que la fórmula del triunfo es la fortaleza y el amor. ●

idéias em rede

Ideas en red

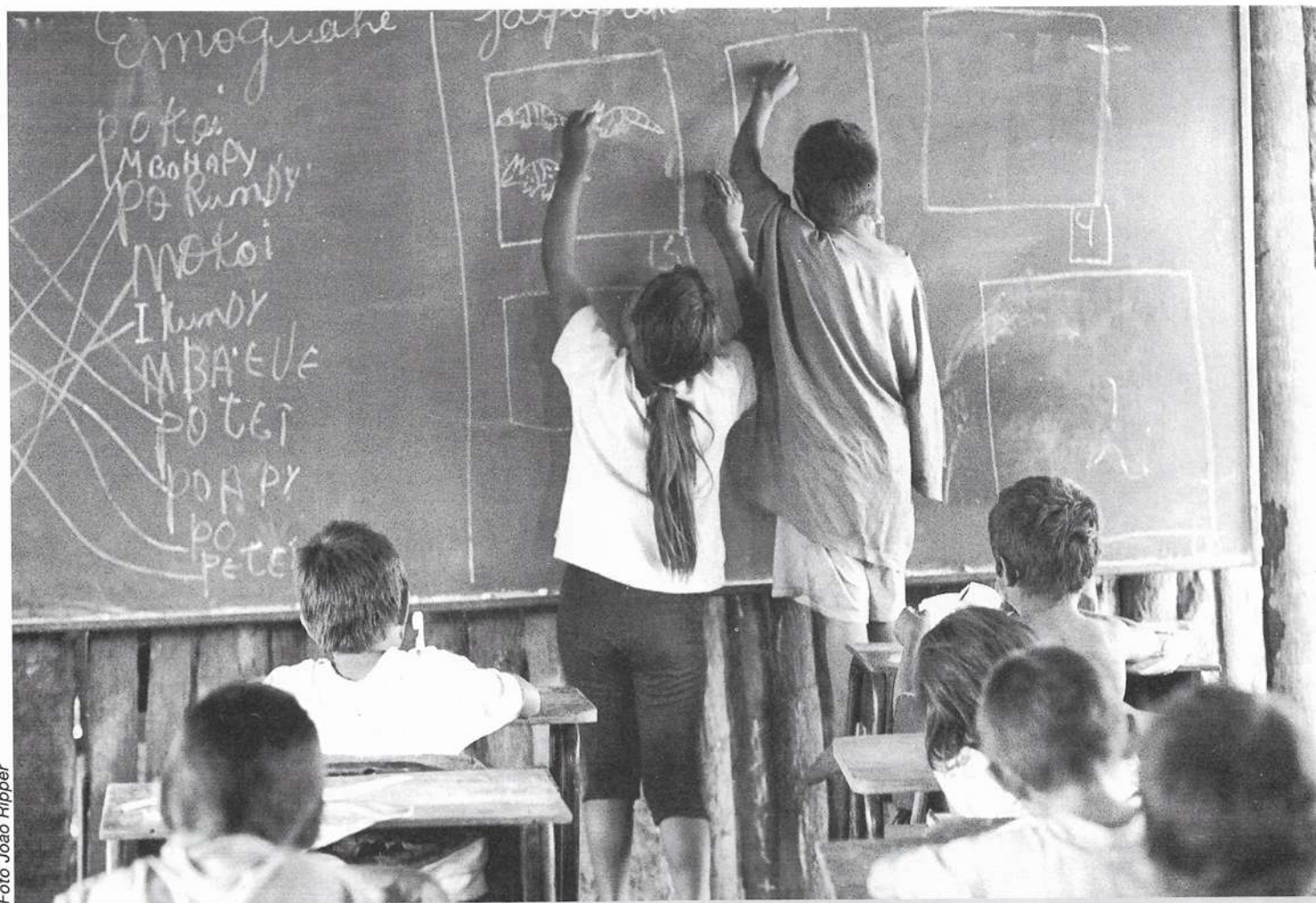


Foto João Ripper

¿Cuáles son los efectos del proceso de globalización en la organización de los sistemas educacionales y de las escuelas en los diferentes estados-nación?

En relación al currículo, la tendencia hegemónica ha sido siempre la promoción de reformas que definen contenidos, metodologías y procedimientos de evaluación comunes, configurándose así lo que se ha dado en llamar currículo nacional.

El autor critica este modelo y defiende tres principios para la organización de los currículos: tener la crítica cultural como objetivo central; pautar a la escuela a través de la utopía y de la solidaridad; hacer de la escuela y del currículo espacios de investigación y de construcción de nuevos saberes.

Currículos renovados

Antonio Flavio B. Moreira
Rio de Janeiro - Brasil

para as escolas do

Professor Titular da Faculdade de
Educação da UFRJ

mundo globalizado

Os efeitos do processo de globalização na organização dos sistemas educacionais e das escolas nos diferentes estados-nação têm sido discutidos por inúmeros teóricos. Nesses estudos, contudo, o termo globalização tem sido empregado com distintos significados, como demonstram Nicholas Burbules e Carlos Alberto Torres. Para alguns autores, globalização refere-se à emergência de instituições supra-nacionais cujas decisões têm contribuído para reduzir o poder político dos estados-nação. Para outros, globalização corresponde ao considerável impacto de processos econômicos, entre os quais se incluem os processos de produção, consumo, comércio, fluxo de capitais e interdependência monetária. Ainda para outros, a palavra indica o crescimento do neoliberalismo como discurso ideológico hegemônico. Em outros casos, a ênfase é na esfera cultural, o que faz com que globalização seja entendida como o processo de desenvolvimento de novas manifestações culturais e de novos meios e tecnologias de comunicação. Por fim, para outros pesquisadores, globalização representa o conjunto de transformações inspiradas por forças poderosas (como o FMI e o Banco Mundial), que “con-

vidam” o estado-nação a seguir regras e determinações a serem aplicadas globalmente.

Os distintos significados não impedem, contudo, que se analise como a educação tem mudado e como precisaria mudar para fazer face às novas circunstâncias. Algumas questões então se levantam. Como o processo de globalização tem afetado as iniciativas no campo da educação em diferentes países? Em que medida processos e produtos dos esforços educacionais têm realmente sido homogeneizados? De que modo a natureza e a dinâmica da globalização têm-se expressado em recentes políticas e práticas educacionais? Em que grau organizações e agendas internacionais têm norteado a elaboração e o desenvolvimento de propostas curriculares, pesquisas, sistemas de avaliação e cursos de formação docente, com características comuns em distintos países e regiões? Quem se tem beneficiado e quem se tem prejudicado com essas medidas? Poderia ser diferente, particularmente no Terceiro Mundo, em que o processo de globalização tem mais ajudado a preservar a subordinação econômica e cultural desses países ao Primeiro Mundo que a contribuir para maiores desenvolvi-

mento e autonomia? Seria possível pensarmos em um currículo que respondesse às novas demandas e às novas situações e que, ao mesmo tempo, visasse a formar cidadãos e cidadãs capazes de melhor entender a nova ordem global e de nela operar de modo mais livre, crítico e criativo?

REFORMAS CURRICULARES NA PERSPECTIVA HEGEMÔNICA

No que se refere ao currículo, a tendência hegemônica tem sido a promoção de reformas que definem conteúdos, metodologias e procedimentos de avaliação comuns, configurando o que se têm designado por currículo nacional. Entre as inúmeras críticas a essas iniciativas, destaco as que denunciam: (a) o caráter pouco democrático dos processos de decisão; (b) os problemas envolvidos em se procurar ensinar os mesmos conteúdos para alunos de distintos grupos sociais e culturais; (c) o equivocado papel que se atribui ao currículo e ao sistema de avaliação, transformados em instrumento de controle do professorado e das escolas; (d) a feição conservadora das propostas que, predominantemente, têm consagrado as dis-

ciplinas tradicionais; e (e) o propósito de subordinar a organização das escolas às supostas necessidades da economia e do mercado de trabalho.

A essas críticas, precisam seguir-se alternativas. Assim, trata-se de considerar que outros princípios poderiam orientar, em outra direção, os esforços de reformulação de currículos em um mundo globalizado. Sem qualquer intenção de esgotar as inúmeras possibilidades que se vislumbram, argumento a favor de alguns princípios para a organização desses currículos. Outros, certamente, poderiam ser escolhidos. Entretanto, os que sugiro talvez respondam a alguns dos desafios hoje postos para a educação.

CONSTRUINDO UMA ALTERNATIVA: PRINCÍPIOS ORIENTADORES

Nessa proposta, não defendo a introdução de novas disciplinas nos currículos. Creio que essa postura se mostra pouco realista no momento atual, tanto no Brasil como em outros países, nos quais a legislação indica, nuclearmente, a língua materna, a matemática, as ciências naturais, a história e a geografia para serem ensinadas e aprendidas nas escolas. Também não pretendo listar novos temas transversais, que atravessem os programas das disciplinas e neles se expressem em diferentes momentos. Já há muitos recomendados, alguns bastante sofisticados, inviáveis mesmos, impossíveis de serem materializados nas salas de aula. Apresento, então, minhas sugestões, esperando que elas contribuam para renovar os currículos e ajudar os alunos a perceberem que a realidade não se reduz ao existente. Apoiando-me em Boaventura de Sousa Santos, considero que essa tarefa se faz indispensável nos dias de hoje, quando se repete exaustivamente a afirmativa de que não há outras alternativas para o nosso mundo. Assim as coi-

sas são e assim devem continuar a ser, reiteram as vozes dos que se têm beneficiado do processo de globalização em curso.

O primeiro princípio que apresento apóia-se no reconhecimento da centralidade da cultura, tanto nos processos sociais contemporâneos, como nas análises que se elaboram dos fenômenos sociais, políticos e econômicos. Se esse é o caso, como acredito que seja, julgo que a crítica cultural precisa configurar um dos objetivos centrais de todos os currículos. Cada disciplina deve, no âmbito de suas possibilidades, capacitar o aluno a criticar a cultura em que estamos imersos. Há que se mostrar ao aluno que as coisas e os significados não são inevitáveis e que a realidade social é resultado de ações coletivas que podem ser redirecionadas. Há que se estimular no aluno questionamentos que desafiem explicações aceitas sem discussão, que derrubem justificativas laudatórias do que existe e que, ainda, inspirem outras ações e

outras possibilidades.

Cada disciplina pode ajudar o aluno a melhor compreender o processo de construção das manifestações culturais que o cercam, bem como as relações de poder que nelas se expressam. Cada disciplina pode analisar artefatos culturais que contribuam para formar a identidade do aluno. Cada disciplina pode mostrar ao aluno que além da lógica que usualmente se ensina e se aprende há outras, que também permitem a formulação de diferentes formas de ver e compreender o mundo e de nele agir. Cada disciplina pode problematizar as categorias que têm sido usadas para dividir os seres humanos, com base em classe social, raça, gênero, orientação sexual, idade, religião. Cada disciplina pode esclarecer como temos aprendido os significados das diferenças que isolam e discriminam. Nas sociedades contemporâneas, inevitavelmente multiculturais, tal tarefa não pode ser adiada.

Quero argumentar que organizar a

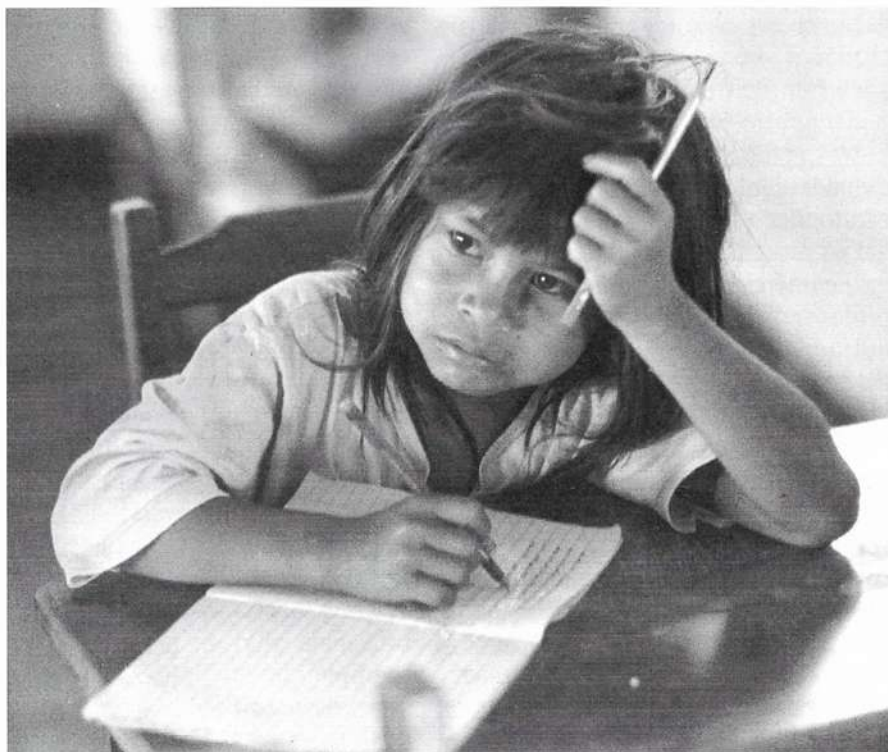


Foto João Ripper

escola e o currículo com base na intenção de desestabilizar o que costuma ser visto como válido, como correto, como imutável, requer a construção de um espaço democrático, seguro, no qual se busque valorizar a igualdade e a diferença. Penso que esse espaço precisa pautar-se pela utopia e pela solidariedade. Chego, então, ao meu segundo princípio.

Vejo as utopias não como propostas concretas de ação, mas como possíveis projeções de um tempo ou de um lugar imaginário, no qual contradições e conflitos sociais possam se confrontar, resolver, anular, neutralizar ou transformar. As utopias constituem, nesse caso, textos estimuladores da reflexão e da imaginação, mais que apelos a favor de um programa específico de transformação social. Envolvem tanto a crítica de tensões e conflitos sociais existentes como a apresentação de alternativas à ordem vigente. Implicam uma disputa entre possibilidades conflitantes, cujo efeito é aumentar a percepção dos contrastes, inverter os padrões e os valores para tornar o familiar estranho. Sugerem, portanto, uma nova perspectiva para ver, que melhor favoreça desacomodar, desenvolver o pensamento crítico, bem como enfatizar que as realidades sociais podem ser transformadas. Sugerem, enfim, um futuro a ser construído, política, estética e eticamente por todos nós.

Entendo solidariedade, amparando-me em Sharon Welch, como passo anterior ao consenso. Sua intenção é mais inclusiva. Se quisermos promover formas de consenso em relação à necessidade e às maneiras de transformarmos o existente, é necessário, antes de mais nada, estabelecer alguma forma de solidariedade. Isso implica: (a) respeitar os diferentes grupos, para que cada um possa expor suas idéias e vê-las questionadas; e (b) reconhecer que as inter-relações entre os vários grupos tornam cada um responsável pelo outro.

Há que se mostrar ao aluno que as coisas e os significados não são inevitáveis e que a realidade social é resultado de ações coletivas que podem ser redirecionadas.

Se é esse o tipo de solidariedade indispensável ao trabalho conjunto de propor e desenvolver alternativas às coisas como se apresentam, cabe ressaltar que a solidariedade dependeria de certos arranjos materiais e estruturais nas sociedades, que possibilitassem aos grupos marginalizados e às minorias uma participação digna na conversação. Como tais condições não se encontram disponíveis em muitos países, uma outra tarefa se apresenta às escolas: iluminar e questionar as razões que têm permitido que tais situações continuem a ocorrer.

Sustento que utopia e solidariedade representam novas vias de expressão de um mundo sem esperanças, pautado pelo individualismo, pela apatia e pelo consumismo. Nos currículos desse mundo, utopia e solidariedade são indispensáveis para que o aluno se empenhe em compreender o existente e em pensar alternativas. São indispensáveis para a democracia na escola e na sociedade. São indispensáveis para inspirar a busca de conhecimentos significativos e atualizados que permitam a construção das

alternativas. Chego, então, ao terceiro e último princípio, que me ressalta a importância de se tornar a escola e o currículo espaços de pesquisa e de construção de novos saberes.

Como enfatiza Pierre Bourdieu, a globalização tem representado um universalismo de fachada que acaba servindo, de fato, para atender aos interesses e para preservar os privilégios dos dominantes. Cabe opor-lhe um novo internacionalismo, capaz de enfrentar, com força verdadeiramente internacional, problemas e questões (como a violência nos grandes centros urbanos, as ameaças ao meio ambiente, as dívidas dos países periféricos e semi-periféricos, a pasteurização cultural) inevitavelmente "globais" e que não conhecem fronteiras. Para melhor entendê-los, e imaginar modos de enfrentá-los, precisamos produzir conhecimentos e rebelarmos contra a posição a que temos sido relegados, de consumidores da cultura e da tecnologia desenvolvidas no Primeiro Mundo.

Que tem tudo isso a ver com o currículo? Em função de todas essas circunstâncias, convido os professores das distintas disciplinas a se tornarem pesquisadores dos conteúdos que ensinam e/ou das práticas que desenvolvem, a centrarem suas ações docentes na pesquisa e, ainda, a procurarem incutir no aluno o espírito de pesquisa, necessário à busca, à investigação, à persistência e ao rigor que devem caracterizar o difícil e prazeroso processo de aprender.

Em síntese, penso que a crítica da cultura, a solidariedade e a capacidade de buscar e de criar conhecimentos precisam constituir princípios que orientem a renovação dos programas e dos currículos das escolas contemporâneas. Se os aceitarmos, certamente não promoveremos mudanças radicais no existente. No entanto, mais rebeldes e menos apáticos, poderemos melhor questioná-lo e imaginar alternativas. ●

idéias em rede

ideas en red



Foto arquivo Novamerica

Para que se pueda construir la convergencia del conjunto de los movimientos de las fuerzas sociales y políticas a través de las cuales las víctimas del capitalismo neoliberal globalizado se expresan, es indispensable que se respete su diversidad. El autor propone una clasificación de las expresiones de la diversidad, en función - por un lado - del grado de radicalidad de las regulaciones del capitalismo que proponen, y - por el otro lado - de su dimensión antiimperialista. Se trata de cuatro grupos básicos: el reformismo "light", la radicalidad, el anti-hegemonismo pragmático y el antiimperialismo radical. La convergencia se puede formular en términos políticos de diferentes maneras, todas ellas complementarias entre sí, sin que la diversidad quede excluida sino que, por el contrario, reciba una buena acogida.

idéias em rede
Ideas en red

Construir as convergências na diversidade

Samir Amin
Dakar - Senegal



Foto João Ripper

*Professor de Economia Política
pertence às organizações
do Foro del Tercer Mundo e Foro
Mundial de las Alternativas.*

*FTM - BP 3501, Dakar, Senegal
TEI/Fax 221 821 1144
E-mail: ftm@refer.sn 3 Rue
Xaintrilles 75013, Paris*

Para construir a convergência do conjunto dos movimentos das forças sociais e políticas através das quais as vítimas do capitalismo neoliberal globalizado se expressam, certamente é indispensável respeitar sua diversidade.

Para além da extrema variedade das expressões da diversidade, proporei uma classificação em função, por um lado, do grau de radicalidade das regulações do capitalismo que propõem e, por outro lado, de sua dimensão anti-imperialista.

idéias em rede

Ideas en red

No quadrante 1 do quadrado, colocaremos os movimentos que reivindicam apenas regulações limitadas – exemplo: as que dizem respeito aos direitos trabalhistas (salário mínimo, procedimento de demissão, direito de greve, salário desemprego, etc.). No quadrante 2 do quadrado, os movimentos menos fragmentários – e, portanto, mais politizados – cujo horizonte propõe uma visão societal “além do capitalismo”, como, por exemplo, a do socialismo de inspiração marxista ou a do eco-desenvolvimento. No quadrante 3, as reivindicações de frações das classes dirigentes das periferias que aceitam, a princípio, situar-se na globalização dita liberal, mas estão decididas a negociar seus termos com firmeza. No quadrante 4, por sua vez, encontraremos as forças políticas que se situam em uma perspectiva de desconexão (cf. Le paradigme du développement), em benefício de um desenvolvimento nacional e popular digno deste nome.

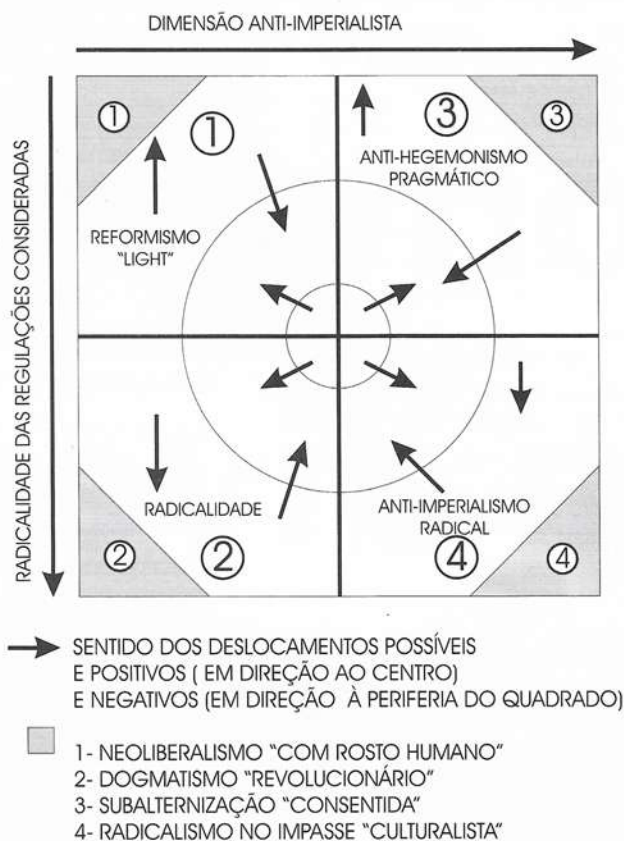
Esta primeira classificação dá a entender que a parte esquerda do quadrado (quadrantes 1 e 2) abrangem principalmente os movimentos próprios aos centros do sistema, ao passo que a parte direita (quadrantes 3 e 4), os próprios ao Sul; além disto, os « reformistas » situam-se em sua parte superior (quadrantes 1 e 3) e os « revolucionários » (quadrantes 2 e 4) em sua parte inferior. Em parte é verdade, e é produto da fragmentação que caracteriza a conjuntura atual. Numerosos movimentos e organizações que atuam nas lutas em curso acreditam não apenas que o horizonte do capitalismo é “passável” mas até, no caso de alguns deles, que uma boa dose de liberalismo se impõe por razões “objetivas” (a revolução tecnológica, por exemplo). Em última instância, alguns desses movimentos – notadamente ONGs – constituem o

que poderíamos chamar de “segmento neoliberal caritativo” (por um liberalismo com “rosto humano”), que os reformistas da nova direita, como Wolfenson, presidente do Banco Mundial, ou George Soros já se empenham em instrumentalizar (é o objetivo mesmo do “consenso pós-Washington”). Além disto, a consciência anti-imperialista está muito enfraquecida no Norte todo: as derivas dos movimentos de libertação nacional em torno dos quais os jovens ocidentais “terceiro-mundistas” se haviam mobilizado alimentaram sua decepção subsequente. Dois cortes são evidentes: o que separa os reformistas não radicais dos reformistas radicais, e o que separa o Norte do Sul.

O movimento só poderá consti-

tuir-se em uma esquerda alternativa à nova direita em posição de força caso consiga manter a coexistência desses quatro conjuntos diversos, ou mesmo divergentes. De outra maneira, nenhum avanço consistente será possível. Afirmar isto significa sugerir que é desejável que as lutas conduzam as forças dominantes de todos os grandes movimentos contemporâneos a deslocar-se em direção ao centro do quadrado: associar as perspectivas sociais que vão além do capitalismo a capacidades de formular objetivos imediatos que abram caminho para essa evolução, associar avanços locais (nacionais) a uma perspectiva globalista universalista e anti-imperialista. No momento, as forças reunidas em torno desse ponto cen-

ESQUEMA DA CONVERGÊNCIA NA DIVERSIDADE



tral de convergência ainda são reduzidas e estão representadas no esquema por um pequeno círculo situado nesse ponto. O fortalecimento progressivo da convergência na diversidade se manifestaria por uma ampliação desse círculo até que viesse a ocupar uma boa parte do quadrado. Então a batalha estará ganha, a correlação de forças terá sido invertida em benefício das classes trabalhadoras e dos povos.

O deslocamento progressivo dos movimentos das posições que hoje ocupam em direção a esse centro de gravidade certamente é possível. Os movimentos fragmentários de defesa e direito dos trabalhadores, das mulheres ou da ecologia, lá e cá, podem muito bem adquirir uma consciência crescente de que as lutas que travam são solidárias umas das outras e de que seu sucesso implica uma maior coerência e a definição de uma plataforma comum imediata própria a cada etapa de seu desenvolvimento, e também podem avaliar as dimensões da contradição

Os movimentos fragmentários de defesa e direito dos trabalhadores, das mulheres ou da ecologia, lá e cá, podem muito bem adquirir uma consciência crescente de que as lutas que travam são solidárias umas das outras.

que os opõe às lógicas fundamentais do capitalismo. Ao mesmo tempo, os grupos radicais podem querer ir além da afirmação de sua fidelidade a uma visão societal a longo prazo que lhes é própria (comunismo, anarquia, ecologia, feminismo) e associar-se à definição de objetivos possíveis comuns a todos os termos imediatamente.

No Sul, os impasses da recusa culturalista que fazem o jogo dos "choques de civilizações" e auto-realizam o fantasma reacionário que ele exprime podem ser ultrapassados com vistas a uma renovação do internacionalismo dos povos, sobretudo se a consciência anti-imperialista recuperar o seu lugar entre os progressistas do Norte. Ao mesmo tempo, as frações das classes dirigentes nacionais não podem ser levadas a radicalizar sua hostilidade contra a hegemonia americana, a ceder ainda mais à pressão de seus segmentos *compradore*. Poderíamos dar milhares de exemplos dessas observações de evolução banal provável.



Foto João Ripper

idéias em rede

Ideas en red



Foto João Ripper

O Estado democrático, na longa tradição para além do capitalismo selvagem, é um Estado que impõe uma regulação cidadã e “social”.

Sempre restarão grupos resistentes a qualquer evolução que se encerrarão ou na vã esperança de um liberalismo com “rosto humano”, ou na afirmação de “princípios revolucionários”, ou no ajuste ao status de *compradore*, ou ainda na ilusão culturalista. Sua presença é assinada nos quatro ângulos do quadrado por meio de áreas hachuradas.

A convergência – ampliação do círculo central – pode ser formulada em termos políticos de diferentes maneiras complementares umas às outras.

“Por uma frente unida em prol da

justiça social e da justiça internacional.” É preciso frisar que os dois qualificativos são indissociáveis, que a justiça social nos centros deve ser acompanhada por uma consciência anti-imperialista decidida, que o anti-imperialismo nas periferias não tem futuro se não for baseado em classes populares que precisam de justiça social e de democracia.

O Estado democrático, na longa tradição para além do capitalismo selvagem, é um Estado que impõe uma regulação cidadã e “social”. Ou, a “socialização pela democracia ci-

dadã e social integra, a socialização pelo mercado exclui”, ou ainda “não há resposta possível às necessidades sociais sem democracia, e não há democracia sem resposta às necessidades sociais”.

Essas palavras de ordem tiram lições da história recente. No Sul, os governos que aceitaram inscrever sua vontade de democratização nos tratados impostos pelo neoliberalismo ajudam a tirar a credibilidade da democracia (ver o trágico exemplo da Argentina), atraindo seja um retorno a um populismo autoritário, seja a ditadura violenta a serviço do imperialismo. No Norte, o consenso direita-esquerda (eleitorais, majoritárias) em torno do liberalismo econômico substitui a democracia cidadã e social das esquerdas históricas pela forma americana de “democracia de baixa intensidade”, perpetua as condições da fragmentação das resistências e aniquila a esperança de amadurecimento de uma consciência anti-imperialista.

idéias em rede

Ideas en red

A convergência – ampliação do círculo central – não exclui a diversidade, mas a acolhe, proporcionando-lhe sempre a sua força potencial, pois o círculo em questão cobre, então, vastas superfícies de cada um dos quadrantes do quadrado do nosso esquema. A construção dessa convergência constitui o desafio: nenhuma força, através da qual se expressa a voz das vítimas do capitalismo selvagem do imperialismo moderno, da hegemonia americana, da guerra global que esta trava contra os povos do Sul, pode ignorar que essa convergência não poderá avançar na realização de seus objetivos, imediatos e limitados ou a mais longo prazo, sem a afirmação da solidariedade de todos os segmentos da frente unida mundial em prol da justiça social e da justiça internacional. ●



Foto João Ripper

Por una asociación basada en la solidaridad

El Foro Euro-latinoamericano-caribeño de Organizaciones de la Sociedad Civil, realizado entre los días 3 y 5 de abril, en Madrid, contó con la participación de más de 200 representantes de organizaciones de Europa, América Latina y el Caribe. El objetivo del encuentro fue elaborar un conjunto de propuestas que estrechasen la relación entre esas regiones, para que se obtuviera un desarrollo democrático, sustentable y no excluyente. Las conclusiones del encuentro están condensadas en la declaración intitulada "Por una Asociación basada en la Solidaridad".

El documento va dirigido a la II Reunión de Jefes de Estado y al Gobierno de la Unión Europea, América Latina y el Caribe, realizada en mayo, también en Madrid. Esta reunión representa un momento clave para la dis-

cusión de temas importantes para las relaciones políticas, comerciales y socioculturales entre las regiones. Además, parece seguir en orden de secuencia, una reunión similar realizada en Río de Janeiro, en 1999, en la que se fundaron las bases de una asociación entre las regiones. La II Reunión consolida estos lazos y presenta, para debatir, temas como democracia, derechos humanos, la lucha contra el terrorismo, el combate al tráfico, la situación económica internacional, el desarrollo sustentable y la sociedad de la información.

Partiendo del principio de que la globalización ha generado más problemas que soluciones para los países en desarrollo, el Foro Euro-latinoamericano-caribeño se hace presente con el fin de reivindicar una mayor participación de la sociedad civil en los

programas de cooperación. Reivindica además, mecanismos que permitan el crecimiento de los países más pobres, tales como la renegociación de la deuda externa de esos países, la consolidación de la democracia y la destinación del 0,7% del PIB para garantizar el cumplimiento efectivo de los derechos humanos.

La declaración del Foro enfatiza la necesidad de apoyo a la Argentina, la necesidad del diálogo con Cuba y de la promoción de la paz en Colombia. Termina exigiendo que los Jefes de Estado y del Gobierno promuevan una asociación basada en la solidaridad, en la diversidad, en los derechos humanos, en la democracia y en el desarrollo sustentable. El texto completo se encuentra disponible en español en el sitio www.novamerica.org.br
Claudio Marques



livros / libros

O Outro Davos – Globalização de Resistências e de Lutas
François Houtart (org.)/François Polet (org.)
Editora Cortez. Brasil, 2002.

Em 1999, mais de cinquenta movimentos sociais, redes de associações e de intelectuais reuniram-se em Davos, na Suíça, em desafio aos dirigentes da globalização liberal, reunidos, na ocasião, no Fórum Econômico Mundial. Representando diversos continentes e setores organizados, essas associações de oposição se juntaram para promover um Outro Davos e anunciar que as forças sociais vítimas da nova ordem capitalista global haviam iniciado um movimento ativo e globalizado de resistência e de luta. O livro descreve esse encontro e reúne textos de participantes.

A Cidadania Negada
Pablo Gentili/Gaudencio Frigotto (org.)
Editora Cortez. Brasil, 2001.

Este livro reúne uma série de estudos que analisam as condições de exclusão social produzidas no campo da educação e do trabalho no capitalismo contemporâneo. Afirmando que tais condições negam ou diferem na realização de direitos inalienáveis para o exercício de uma cidadania democrática, os autores alertam sobre os efeitos excludentes das políticas governamentais conservadoras atualmente em curso.

Globalização e Socialismo
Maria da Conceição Tavares/Emir Sader/Eduardo Jorge
Editora Perseu Abramo. Brasil, 2001.

Em *Globalização e Socialismo*, são debatidos os desafios que a globalização apresenta para os partidos e movimentos que se opõem à internacionalização econômica e cultural nos moldes em que ela vem sendo realizada e como o socialismo pode ser um projeto alternativo a esta realidade. É uma reflexão do debate "Socialismo e globalização", ocorrido na sede do Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores em junho de 2000. Os assuntos discutidos são desdobramentos dos temas "Globalização e Estado nacional" e "Subdesenvolvimento, dominação e luta de classes".

A Coruja de Minerva – Mercado contra Democracia no Capitalismo Contemporâneo
Atílio A. Boron
Editora Vozes. Brasil, 2001.

Fruto de investigações teóricas e empíricas, este livro promove uma reflexão sobre as tensões e os conflitos da complexa relação entre o atual capitalismo e a democracia. Defende que o capitalismo, em sua forma neoliberal, está passando por uma profun-

da transformação, o que implicará uma redefinição do que é democracia, estado e sociedade. O livro indaga sobre a invalidação ou confirmação do marxismo na era neoliberal; os dilemas da modernização e os novos sujeitos democráticos; a injustiça e a pobreza na América Latina; e os desafios estratégicos da esquerda no novo século.

O Mundo nos Pertence
Cristophe Aguiton
Editora Viramundo. Brasil, 2002.

De Seattle a Gênova, passando por Porto Alegre, protestos acalorados têm como alvo os encontros e reuniões dos organismos financeiros internacionais. Destacam-se personagens como ONGs e movimentos sociais, ao lado dos tradicionais sindicatos e partidos políticos. Cristophe Aguiton, teórico e ativista francês, analisa as recentes lutas sociais e suas reações à mercantilização do mundo, e mostra que a alternativa à barbárie neoliberal é um desafio teórico e prático, cuja construção já começou. Além disso, oferece elementos para o entendimento dos mais distintos movimentos sociais da atualidade, com o enfoque de quem atua no universo europeu.

REVISTA NOVAMERICA
NUEVAMERICA

TODA A REALIDADE LATINO-AMERICANA
EM UMA SÓ REVISTA!

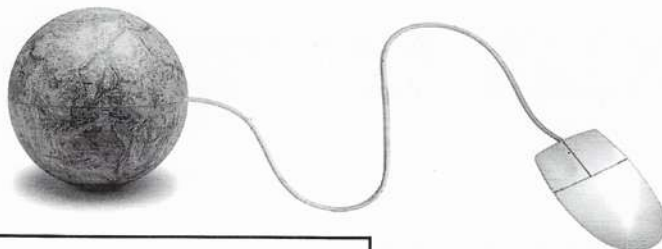
SUSCRIPCION ANUAL

Brasil: R\$40,00	Asia y Estados Unidos: U\$30,00	Suscripción de ayuda: U\$50,00
Otros Países Latinoamericanos y África: U\$15,00	Europa € 35,00	Cada número: R\$12,00/U\$6,00

Las suscripciones podrán hacerse directamente a Nuevamerica (Brasil), con tarjeta de crédito: Visa, Diners Club International, Master-Card/Credicard, Maestro.

Pagos de suscripciones en España por depósito bancario:
Caja España - Cta. Corriente nº 2096 0106 95 2041969804 - Titular: Maria del Carmen López

sites



www.oas.org

A **Organização dos Estados Americanos (OEA)**, que há alguns meses aprovou a Carta Democrática Interamericana, busca promover a paz, a justiça, a solidariedade e a soberania dos países membros. O site disponibiliza notícias, informações sobre a OEA, resoluções das assembléias gerais, publicações, documentos, webcast (rádio e vídeo) e seções dedicadas ao Columbus Memorial Library e ao Museu de Arte das Américas. Em inglês, espanhol, português e francês.

www.alop.or.cr

La **Asociación Latinoamericana de Organizaciones de Promoción (ALOP)**, con sede en Costa Rica, está formada por ONGs de veinte países de América Latina y del Caribe. La Asociación es el resultado de los esfuerzos de integración entre las ONGs de la región, cuyo objetivo es la sistematización y el intercambio de conocimientos y experiencias, así como la elaboración de propuestas regionales, nacionales e internacionales. El sitio ofrece más informaciones sobre la **ALOP** y sobre el Foro Euro Latinoamericano Caribeño, que ella misma organizó. En español.

www.forumsocialmundial.org.br

O **Fórum Social Mundial** surgiu como reação a tentativas de imposição dos países mais ricos aos demais países, baseadas exclusivamente no interesse do capital. Organizado pela ABONG, ATTAC, CBJP, CIVES, CUT, IBASE, CJG e MST, o Fórum propõe-se a ser o início de um processo de reflexão sobre a produção de riquezas e a reprodução social; o acesso às riquezas e a sustentabilidade; a afirmação da sociedade civil e dos espaços públicos; o poder político e a ética na nova sociedade. O site contém a cobertura oficial do FSM 2002, com informações relacionadas ao evento, declarações e documentos produzidos, textos reflexivos e agenda de eventos e mobilizações. Em inglês, espanhol, português e francês.

www.portoalegre2002.org

Outro site relacionado ao Fórum Social Mundial 2002, mantém acesso a documentos e artigos que formam um balanço do evento. Contém dezenas de textos relativos aos temas discutidos no FSM 2002, agrupados nos grupos "Produção de riquezas", "Acesso às riquezas e sustentabilidade", "Sociedade Civil e Espaços Públicos", "Poder Político e Ética"

e "Seminários". O site disponibiliza ainda links para páginas de eventos semelhantes ao FSM, realizados em outras cidades do mundo. Em português, inglês, francês, espanhol, italiano e alemão.

www.attac.org.br

A **Associação pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos (ATTAC)** é um movimento internacional cujo objetivo é a defesa dos interesses éticos, políticos, culturais, econômicos e sociais dos cidadãos e do estado democrático, diante dos efeitos da globalização econômica e do capital financeiro especulativo. O movimento foi iniciado na França e vem se firmando em todo o mundo como um dos mais vigorosos críticos da globalização econômica e das políticas liberais. A ATTAC defende a implantação de mecanismos como o tributo Tobin, que seria aplicado em todas as transações nos mercados cambiais para estabilizá-los e, simultaneamente, para obter receitas para a comunidade internacional. O site do núcleo brasileiro da ATTAC disponibiliza contatos, links e documentos. Em português.

www.cioslorit.org

Sitio venezolano de la **Organización Regional Interamericana de Trabajadores (ORIT)**, ramificación de la **Confederación Internacional de Organizaciones Sindicales Libres (CIOSL)**. La **ORIT** tiene, entre sus objetivos, el de promover en el continente americano el fortalecimiento de los centros sindicales independientes, autónomos, democráticos y éticos que luchan por una democracia política, social y económica. La página contiene publicaciones, noticias, campañas y links para organizaciones afiliadas en todo el continente. En español.

www.icftu.org

O site da **Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres (CIOSL, ou ICFTU em inglês)** possui sessões variadas, como "Direitos Sindicais", "Empresas Multinacionais", "Globalização e Assuntos Econômicos" e "Normas Internacionais de Trabalho e Comércio". Promove campanhas, como "Os Sindicatos para as Mulheres", e disponibiliza publicações em pdf, como "Una guía sindical sobre la mundialización". Contém dezenas de artigos, que podem ser ordenados por tema, região ou ordem cronológica. Em espanhol, inglês e francês.

www.clacso.org

El **Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO)**, con sede en Argentina, es una red internacional no gubernamental y sin fines de lucro que se dedica a promover la investigación, discusión y difusión académica en diversos campos de las ciencias sociales. Los 122 Centros - Miembros agrupan cerca de 5 mil investigadores de tiempo completo en todos los países de América Latina y del Caribe. Sus actividades incluyen la investigación, la documentación, la formación, difusión y las relaciones con organismos internacionales. Los grupos de trabajo desarrollan actividades en torno a 11 ejes temáticos: Agentes sociales; Comunicación y Cultura; Desarrollo y Políticas Sociales; Economía y Desarrollo; Educación, Ciencia y Tecnología; Filantropía y Cooperación; Nación, Integración y Globalización; Población; Política y Estado; Teoría y Metodología de la Ciencia; Trabajo. Mayores informaciones en el sitio. Disponible en español, portugués y francés.

www.flacso.org

La **Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO)**, con sede en Costa Rica, es un organismo internacional de carácter regional y autónomo. Su objetivo es promover las ciencias sociales en toda la América Latina y el Caribe. Con 14 países miembros, la **FLACSO** realiza diversas actividades académicas: docencia, investigación, difusión, extensión académica y cooperación técnica. El sitio ofrece mayores informaciones sobre la organización, noticias y links para las unidades de Argentina, Brasil, Chile, Costa Rica, Cuba, Ecuador, El Salvador, Guatemala, México y República Dominicana. En español.

www.iidh.ed.cr

El **Instituto Interamericano de Derechos Humanos**, con sede en Costa Rica, es una institución internacional autónoma que se dedica a promover y fortalecer el respeto a los derechos humanos. Busca contribuir para la consolidación de la democracia a través de la educación, la investigación, la mediación política, los programas de capacitación, la asistencia técnica en materia de derechos humanos y la difusión del conocimiento por medio de publicaciones especializadas. El sitio pone a disposición las secciones "Sobre el IIDH", "Calendario de Actividades", "Notas de Actualidad", "Biblioteca Digital", "Publicaciones", "Comunidades Virtuales", "Listas de Discusión", "Mapa del Sitio" y "Otros Sitios". En español e inglés.

CONSELHO CONSULTIVO 2002-2003

- Argentina *Néstor Borri e Claudia Villamayor*
Bolívia *Juan Mari Lois e Carlos D. Meza*
Brasil *Sônia Kramer e Maria da Glória Gohn*
Chile *Ricardo Florentino Salas Astraín e Cristian Parker Gumucio*
México *María Ángeles López García e Emilio Álvarez Icaza Longoria*
Peru *Marcial Rubio Correa e Vicente Santuc, sj.*
Uruguai *Verónica Abreu*

PUDE SUSCRIBIRSE O ADQUIRIRLA EN:

Argentina: *Elena Picasso*

Moreno 935 3560 - Reconquista -
Santa Fe Tel: 03482-421794
E-mail: elenapicasso@ciudad.com.ar

Bolívia: *Rina López*

Calle Aureleo Meléan 753, Calilla 2419
Cochabamba Tel/Fax: /4/231851
E-mail: rilov@supernet.com.bo

Brasil: *Cecilia Botana*

Rua 19 de Fevereiro, 160, Botafogo
Rio de Janeiro - RJ Cep: 22.280-030
Tel/Fax: 021 2295-8033/2542-6244
E-mail: novamerica@alternex.com.br

Chile: *María Inés Wuth*

Vergara 174, Santiago 3
Tel: /2/6966880 Fax: /2/6988844
E-mail: poveda@interaccess.cl

Colômbia: *Consuelo Vélez*

Avda. Caracas 41-44 Apto.503
Santafe de Bogotá - Colombia
Tel: /1/ 2327179
E-mail: ccaro@multiphone.net.co

Europa, Ásia África y Estados

Unidos: *María Isabel Ruiz*

Calle Francisco Silvela, 52, 8º B
28009 - Madrid Tel: /34/9 1/ 573-3539

María del Carmen López

Calle Regalado, nº 13, piso 10 47002
Valladolid
E-mail: mcarlopez@terra.es

Guatemala: *María del Carmen Aguilar*

6ª Calle 2-42 zona 1 Colonia El
01001 Guatemala
Tel: /502/232 3388 Fax: 323 5261
E-mail: itguat@terra.com.gt

México: *Paulina Jaime Mugiroy*

Uxmal 388-1 Col. Navarte C.P. 03020
Benito Juárez México DF Tel: 56829926
E-mail: paulis117@hotmail.com

Perú: *Fabiola Luna*

Islas Canarias 164, Lima 21
Tel: /1/ 4632252
E-mail: caaaplma@amauta.rcp.net.pe

República Dominicana: *Aidéé Santos*

2 nº. 9 A - Urbanización La Lotería
Santiago de los Caballeros
Tel. 587 9540
E-mail: aideesant@hotmail.com

Centro Cultural Poveda

Pina 210 A - Ciudad Nueva
Santo Domingo D.N.
Fone: /809/6895689 - 6854635
E-mail: ctro.poveda@codetel.net.do

Uruguay: *María Camino Trapero*

Pascual Costa 3265 ap. 810
Parque Posadas 11.700 - Montevideo
Tel: /2/ 3360027
E-mail: ctrapero@adinet.com.uy

Silvia Rivero - Vizconde de María 669
Paysandú, Tel: /72/25897

Rosario Alves - Lindoro Forteza 2496
Código postal: 11400 - Montevideo

Tel: /2/5083395
E-mail: rosall2@adinet.com.uy

Venezuela: *María Gorette Rodríguez Fernández*

De Platanal a Desamparados,
Edif. Platanal 37, Piso 1º, Apto 1ª
La Candelaria, 1001, Caracas 1011
Tel: 212/4621823 e 04166359574
E-mail: gore23@telcel.net.ve

REVISTA NOVAMERICA NUEVAMERICA

Directora

Susana Beatriz Sacavino

Conselho Editorial

Argentina - Elena Picasso
Bolívia - Rina López
Brasil - Brenda Carranza
Chile - María Inés Wuth
Peru - Fabíola Luna
Uruguai - Rosario Alves
Mexico - Enriqueta Castro Hernández

Comitê Técnico

Ana Waleska P. Mendonça
Janett Ramírez
Susana Beatriz Sacavino
Vera Maria F. Candau

Coordenação Editorial e Supervisão Gráfica

Adélia M.ª Nehme Simão e Koff

Revisão

Adélia M.ª Nehme Simão e Koff
Sílvia Alicia Martínez

Colaboração

Cláudio Marques

Assistentes de Marketing

Jacqueline Paullier
Alejandra Pariceño Fiebig

Secretária

Cecilia Botana

Administração

Jayme da Silva Corrêa Filho

Projeto Gráfico e Programação Visual

Rodolpho Oliva

Logomarca da Capa

Néstor Sacavino

Fotolito - Mergulhar

Impressão - Gráfica Zit

NOVAMERICA

Rua 19 de Fevereiro, 160, Botafogo
Rio de Janeiro, Brasil CEP: 22280 -030
Tel./Fax: (021) 2542-6244/2295-8033
E-mail: novamerica@alternex.com.br
www.novamerica.org.br

*A direção da revista não se responsabiliza
pelas opiniões disseminadas nos artigos.*

Publicação indexada em CLASE

Apoio

fundación santa maría

Espanha



Brasil

EL GRITO DE LAS AMÉRICAS

Con todos los pueblos de América, nosotros, a partir de nuestra más (más profunda convicción) íntima verdad y de nuestra utopía, queremos alzar la voz y manifestar inquietud e indignación frente a tantas injusticias practicadas desde hace siglos contra nuestros pueblos a manos del capital internacional y de los gobiernos irresponsables.

Los pueblos (países) del Tercer Mundo, como (en) nuestro Continente, todavía padecen, y hoy de forma sistemáticamente estructural, problemas cruciales que abarcan a la mayoría de su (de su pueblo) población. Nos son negados los derechos al trabajo, a la alimentación, a la tierra, a la vivienda (digna), a la educación, a la información.

Se globaliza la miseria, pero no el verdadero progreso. La globalización genera dependencia, cercena la soberanía de los pueblos. Los capitales circulan libremente, pero no las personas. Se le da prioridad a la competitividad en lugar de dársele a la solidaridad. Se absolutiza la mercadería, al tiempo que son ignorados los valores éticos. Todo tiene (a todo se le impone un precio) precio, incluso la dignidad humana.

Los recursos naturales son depredados y la sobrevivencia de la humanidad es puesta en peligro. Se privatiza la tierra y ahora intenta privatizarse el agua, la biodiversidad, las plantas, los animales, y quién sabe un día también los vientos, el sol... La codicia está por encima de la igualdad fraterna (fraternidad). La propiedad tiene más valor (más alto que) que la vida.

¡Basta! ¡Este sistema de muerte no puede continuar!

¡Por eso, aquí, en este puerto del río Guaíba, Puerto Alegre y solidario, se encuentran (nos encontramos) personas de todo el Continente, trabajadores del campo y de la ciudad, habitantes de todos los rincones (lugares), migrantes, jóvenes y estudiantes, blancos, negros e indígenas, hombres y mujeres, creyentes o no creyentes, ecologistas, luchadores del pueblo...! ¡Venimos para gritar y manifestarle al mundo nuestra indignación y nuestra esperanza!

Sin embargo, sabemos que gritar no es suficiente. ¡Es necesario luchar conscientemente, uniendo nuestras fuerzas y nuestras aspiraciones!

¡Por eso, queremos hacer de este puerto de encuentro, un puerto de compromiso con cada una y cada uno de nosotros y con nuestras respectivas organizaciones!

- Lucharemos por los derechos fundamentales de nuestro pueblo: soberanía, identidad, autonomía, libertad, alimento, trabajo, tierra, vivienda (digna), educación pública y gratuita...
- Lucharemos contra el monopolio de las informaciones de los grupos económicos y de los gobiernos imperialistas, que controlan los principales medios de comunicación de masa.
- Lucharemos contra el capital financiero y sus insaciables intereses.
- Lucharemos contra el pago de la Deuda Externa, la cual denunciamos como verdadera usura internacional.
- Lucharemos contra la violencia y el machismo, contra la manipulación política y la corrupción económica.
- Unámonos todos y todas contra el dominio imperialista que utiliza el FMI, el Banco Mundial y la OMC, la que favorece en nuestro Continente el militarismo, la violencia, la represión, con sus bases militares y con sus planes económicos – Plan Colombia, Plan Puebla-Panamá, Plan Dignidad en Bolivia – y contra sus ganancias sobre la Amazonia.
- Unámonos ahora para desenmascarar y combatir al ALCA que el sistema quiere imponernos como una nueva forma continental de dominación colonialista. Proponemos especialmente que sea realizado este año 2002, en toda Nuestra América, un gran plebiscito, (una) verdadera consulta popular continental, para que nuestros pueblos decidan sobre el ALCA y sobre todos los asuntos que nos afectan directamente.

Conscienticémonos, organicémonos, en todos los espacios y rincones (lugares). Y caminemos siempre con el pueblo, como pueblo.

Foro Social Mundial

4 de febrero de 2002, Puerto Alegre, Brasil.

La Campaña Continental Contra ALCA comenzará el 7 de septiembre en Brasil, seguida de movilizaciones en varios países del continente americano. En noviembre, tendrá lugar la segunda Reunión Hemisférica Contra ALCA, en La Habana, Cuba.

O GRITO DAS AMÉRICAS



Com todos os povos da América, nós, a partir de nossa mais (mais profunda convicção) íntima verdade e da nossa utopia, queremos levantar a voz e manifestar inquietude e indignação diante de tantas injustiças, praticadas há séculos contra nossos povos pelo capital internacional e por governos irresponsáveis.

Os povos (países) do Terceiro Mundo, como (em) nosso Continente, ainda padecem, e hoje de modo sistematicamente estrutural, problemas cruciais que atingem a maioria de sua (de seu povo) população. São negados os direitos ao trabalho, alimentação, terra, habitação, (moradia digna), educação, informação.

Globaliza-se a miséria, mas não o verdadeiro progresso. A globalização gera dependência, e cerceia a soberania dos povos. Os capitais circulam livremente, mas as pessoas não. Prioriza-se a competitividade, em vez da solidariedade. Absolutiza-se a mercadoria ao mesmo tempo em que são ignorados os valores éticos. Tudo tem (impõe-se preço a tudo) preço, inclusive a dignidade humana.

Depredam-se os recursos naturais e se põe em risco a sobrevivência da humanidade. Privatiza-se a terra e agora tenta-se privatizar a água, a biodiversidade, as plantas, os animais, quem sabe um dia os ventos, o sol..... A cobiça está acima da igualdade fraterna (fraternidade). A propriedade tem mais valor (acima da) do que a vida.

Basta, esse sistema de morte não pode continuar!

Para isso, aqui, neste porto do Rio Guaíba, Porto Alegre e solidário, encontram-se (encontramo-nos) pessoas de todo o Continente, trabalhadores do campo e da cidade, habitantes de todos os rincões (os lugares), migrantes, jovens e estudantes, brancos, negros e indígenas, homens e mulheres, crentes e não crentes, ecologistas, lutadores do povo..... Viemos para gritar e manifestar ao mundo a nossa indignação e a nossa esperança!

Porém, sabemos que não basta gritar. É necessário lutar conscientemente, unindo as forças e as aspirações!

Por isso, queremos fazer deste porto de encontro, um porto de compromisso para cada uma e cada um de nós e para as nossas respectivas organizações.

● Lutaremos pelos direitos fundamentais de nosso povo: soberania, identidade, autonomia, liberdade, alimento, trabalho, terra, habitação

(moradia digna), educação pública e gratuita...

- Lutaremos contra o monopólio de informações dos grupos econômicos e dos governos imperialistas, que controlam os principais meios de comunicação de massa.
- Lutaremos contra o capital financeiro e seus insaciáveis interesses.
- Lutaremos contra o pagamento da Dívida Externa, a qual denunciamos como verdadeira usura internacional.
- Lutaremos contra a violência e o machismo, contra a manipulação política e a corrupção econômica.
- Juntemo-nos todos e todas contra o domínio imperialista que utiliza o FMI, o Banco Mundial e a OMC. Que favorece em nosso Continente o militarismo, a violência, a repressão, com suas bases militares e com os seus planos econômicos – Plano Colômbia, Plano Puebla-Panamá, Plano Dignidade (Plano Dignidad) na Bolívia – e sua ganância sobre a Amazônia.
- Juntemo-nos agora para desmascarar e combater a ALCA, que o sistema quer nos impor, como uma nova forma continental, de dominação colonialista. Propomos especialmente que se realize neste ano de 2002, em toda a Nossa América, um grande plebiscito, (uma) verdadeira consulta popular continental, para que os nossos povos decidam sobre a ALCA e sobre todos os assuntos que nos afetam diretamente.

Conscientizemo-nos, organizemo-nos, em todos os espaços e rincões (lugares). E caminhemos sempre com o povo, como povo.

Fórum Social Mundial

4 de fevereiro de 2002, Porto Alegre, Brasil.

A Campanha Continental Contra ALCA terá início em 07 de Setembro no Brasil, seguida de mobilizações nos vários países do continente americano. E em novembro, acontecerá a segunda Reunião Hemisférica Contra ALCA, em Havana, Cuba.

